HOJE OFERECEMOS-LHE O SUPLEMENTO «MESA-REDONDA»

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 27 DE AGOSTO DE 1971 N.º 17 486 ANO 51.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS

LISBOA FOI ESCALA DE NAVEGADOR SOLITÁRIO

Robin Knox-Johnstone, o navegador solitário, que deu a volta ao mundo em 312 dias, esteve alguns dias entre nós. Conversámos com ele a bordo do seu pequeno barco de 2 mastros, o «Swhaili». Johnstone, na companhia da família, fez-se hoje ao mar em direcção à Figueira da Foz. Do que nos disse, damos conta ao leitor na última página.

MULHERES EXIGEM O PODER POLÍTICO NOS EUA

NOVA YORK, 27 (R.) — Milhares de mulheres, gritando como guerreiros índios em pé de guerra e entoando estribilhos, subiram a noite passada a Quinta Avenida, nesta cidade, para protestar contra a discriminação sexual.

O transito ficou reduzido a uma só faixa de rodagem quando as militantes, observadas por vários milhares de espectadores curiosos, caminharam através da larga avenida e se dirigiram para um comício no Central Park.

Em cartazes empunhados pelas manifestantes lia-se: «Esmagai o imperialismo fálico», «Não podemos aturar mais qualquer touro», «Libertação sim, castração não». Enquanto desfilavam, entoavam o estribilho «Liberdade agora — Todo o poder para as mulheres».

Um dos vários homens que participavam na manifestação empunhava um cartaz onde se lia «É Deus um homem? Quem o afirma?» E outro trazia um cartaz onde dizia: «A libertação das mulheres significa a libertação dos homens, libertação humana e o direito de sermos nós próprios».

(Continua na 14.ª página)

Candidatura de Hélder Câmara ao Prémio Nobel

CARACAS, 27 (F. P.) — A Federação Internacional dos Homens Católicos (F. I. H. C.) dará todo o apoio á candidatura de monsenhor Helder Camara, arcebispo do Recife, ao Prémio Nobel da Paz — declarou, ontem, Henry Rollet, presidente da Federação.

O bispo brasileiro — acrescentou Rollet — «é mais que um profeta. É um apóstolo da verdadeira paz, que se afirma pela justiça».

HOJE 28 PAGS.
VISADO
PELA CENSURA

«LAR IDEAL» SESSENTA PRÉMIOS NUM ALICIANTE CONCURSO

Como prometemos, aqui estamos, hoje, a revelar mais pormenores sobre o concurso «Lar Ideal», a iniciativa com que as «Galerias Sol Nascente» (de colaboração com a acreditada marca alemã AEG —Telefunken) decidiram brindar os seus clientes, entre os quais se contam tantos dos nos-

(Continua na 8.ª página)

NO SANTUÁRIO DE FÁTIMA

As senhoras não entram de mini-saia ou «hot-pants»

FÁTIMA, 27 — Foram colocados nas entradas do recinto do Santuário de Fátima avisos com instruções sobre a forma de vestuário que os peregrinos devem ter para visitar o chamado «local das aparições».

Já existiam estes avisos, mas os de agora estão acrescentados no que diz respeito às senhoras, que não devem entrar de mini-saia nem de «hot-pants».

Aos homens pede-se que não entrem de calções, que não fumem no recinto e que tenham a cabeça descoberta durante a sua permanência no recinto do Santuário.

Estes avisos estão escritos também em francês, espanhol, inglês e alemão. Vão ser ainda colocados mapas assinalando os vários locais de interesse para os peregrinos.

Reston confirma: Pequim receia uma invasão russa

HONG-KONG, 27 (ANI) — O chefe do governo chinês Chu En Lai «está particularmente interessado na psicologia» do presidente Nixon, quando este visitar Pequim antes de Maio próximo — afirmou o jornalista americano James Reston, do «New York Ties».

A principal preocupação da China — acrescentou Reston — é uma possível invasão russa, pelo que estão a ser tomadas medidas de defesa na capital, Pequim, e outras cidades importantes.

«Foi sublinhado por várias vezes que a URSS tinha um milhão de homens nas suas fronteiras comuns» — declarou Reston, numa conferência de Imprensa, depois de visitar durante 7 semanas a China e de entrevistar Chu e outros dirigentes.

OS CÃES CONDENADOS À MORTE — Ao abrigo de uma nova postura, qualquer cão encontrado a vaguear na rua, em Reykjavik, capital da Irlanda, será apanhado e abatido. Albert Gudmundsson (na foto), único vereador favorável ao «melhor amigo do homem» procura levar a municipalidade a revogar a decisão

A condenação de militares a pena maior

Um parecer da Procuradoria-Geral da República sobre cumprimento de pena maior por militares condenados estabelece doutrina nas seguintes conclusões:

«1) A pena maior em que um militar for condenado e que não importe a sua exclusão das forças armadas deve ser executada logo após o trânsito em julgado da respectiva decisão condenatória;

«2) Sendo a condenação proferida por tribunal militar, a pena será cumprida, por aplicação directa do artigo 81.º e primeira parte do seu § único do Código de Justiça Militar, em estabelecimento prisional comum, á ordem da autoridade militar que tiver determinado a execução da pena;

«3) Sendo a condenação decretada por tribunal comum, por aplicação analógica do artigo 191.º do Regulamento para a Execução do Código de Justiça Militar, o militar deve ser abatido ao efectivo do serviço, mediante autorização do titular do departamento do respectivo ramo das forças armadas, e entregue aos serviços prisionais comuns para cumprimento dessa pena findo o qual regressará á sua unidade para retomar a prestação do serviço militar.»

«Grupo dos Modestos»

MATOSINHOS, 27 — Promovido pela Câmara Municipal haverá amanhã, ás 21 e 30, na Quinta de Santiago, em Leça da Palmeira, um espectáculo com a representação da peça «Histórias para Serem Contadas», de Osvaldo Dragun pelo Grupo dos Modestos.

Os convites podem ser procurados no Posto de Turismo, até ás 17 e 30.

NOVO CONCESSIONÁRIO DA TOYOTA EM LISBOA

Os automóveis TOYOTA, cuja posição no mercado se vem vincando de ano para ano, ao ponto de em 1970 ter atingido a 3.ª posição mundial, como produtor, nomearam novo concessionário para o Distrito de Lisboa, a firma MELISAUTO, que ontem inaugurou as suas instalações na Rua Pinheiro Chagas, n.º 101-B

Presentes ao acto, membros de todos os órgãos de informação portuguesa e os directores da Fábrica TOYOTA, senhores Sakai e Toshio Miyaji, que se deslocaram a Portugal propositadamente para o efeito.

Por parte da MELISAUTO estiveram presentes todos os administradores, nomeadamente, os srs. Julio Antunes Pinto, eng.º Augusto Ramalho Rosa, Cesário Antunes Pinto e António Pinho da Silva e, ainda, o importador geral e distribuidor para Portugal dos automóveis TOYOTA, sr. Salvador Caetano.

As instalações do novo concessionário TOYOTA, tem o seu «stand» no gaveto da Rua Pinheiro Chagas com S. Sebastião da Pedreira. Ali os convidados tiveram ensejo de apreciar, não apenas o «stand» de exposição, mas também as salas destinadas a vendedores, recepção ao publico e administração. Antes alguns convidados tinham visitado as instalações técnicas, onde o MELISAUTO se propõe oferecer aos clientes uma assistência condigna com o programa de vendas que a nova concessionária ambiciona. Após a visita ás instalações seguiu-se um beberete oferecido num hotel da capital, durante o qual foram trocadas opiniões a respeito das novas instalações da firma. Seguiram-se as palavras do administrador da empresa, eng.º Ramalho Rosa, que saudou todos os convidados e disse do seu interesse em servir o publico da melhor maneira. Salvador Caetano, encerrou a série de discursos, fazendo votos para que a marca TOYOTA atinja no nosso mercado posição idêntica á que já conseguiu em mercados estrangeiros.

Foi ainda dada a conhecer ao publico a gama dos modelos que a nova concessionária poderá vender.

Mercês honoríficas

Foram condecorados os srs. coronel António José da Costa Pinto, com o grau de comendador da Ordem Militar de Avis e dr. Alberto Vasconcelos da Costa e Silva, brasileiro, da Ordem Militar de Cristo; prof. dr. Léon Bourdon, francês, comendador, e dr. António Carlos Proença de Figueiredo, grande-oficial da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada; prof. dr. Michel Cépède, francês, comendador da Ordem do Infante D. Henrique, e prof. dr. Paul Teyssier, também francês, comendador da Ordem da Instrução Pública.

— Foram agraciados os srs. major António Augusto Chiado Caçote e capitão António Marouva Ceza, por serviços prestados na Guiné, respectivamente, com as medalhas de mérito militar de 2.ª e 3.ª classes.

Morte de um militar

BISSAU, 27 — (L.) — Morreu no Hospital Militar Principal, em Lisboa, depois de evacuado da Guiné, o primeiro-sargento João Pacheco Amaral, natural de S. Miguel, Açores, filho de Francisco Pacheco Amaral e de Maria Irene Caetano.

MUTILADOS AGRADECEM A GULBENKIAN — Uma representação do Lar Militar da Cruz Vermelha agradeceu, ontem á Fundação Gulbenkian a construção daquele estabelecimento, inaugurado em 22 de Junho ultimo. «Os mutilados de guerra têm agora a sua casa e sentem que foi o apoio de V. Ex. e o auxílio material da Fundação que tornaram possivel a existência do Lar» —afirmou, dirigindo-se ao dr. Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Gulbenkian, o dr. Nelson Figueiredo, director do Lar. O mutilado de guerra Francisco Manuel Ambrósio, de 33 anos, natural de Angola, proferiu também algumas palavras de agradecimento. Sensibilizado, o dr. Azeredo Perdigão agradeceu a homenagem e cumprimentou efusivamente os membros da representação, o que fizeram também os administradores presentes (dr. Pedro Theotónio Pereira, prof. Ferrer Correia, eng.º Luís de Guimarães Lobato e dr. Vítor de Sá Machado)

O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

O julgamento do caso da herança Sommer atingiu, ontem, a 176.ª sessão, que decorreu no 1.º Juizo Criminal da Boa Hora, em audiência colectiva, presidida pelo corregedor dr. Bernardino de Sousa.

Além dos elementos que constituem o tribunal e dos advogados drs. Eridano Abreu e Palma Carlos, estava também presente o perito da Polícia Judiciária, dr. José Francisco Viegas.

Reaberta a audiência, foi concedida a palavra ao dr. Eridano de Abreu, patrono dos assistentes Henrique, Carlos e Maria Ana Champalimaud, para instar a testemunha dr. Fernando Cruz, oferecida á discussão do pleito pelo réu ausente António Sommer Champalimaud.

No uso de direito que lhe foi dado o dr. Eridano de Abreu começou por pedir á testemunha que precisasse melhor o numero de empresas que constituiam o grupo cimenteiro, em 1946, data em que principiou a trabalhar para a E. C. L. a convite de António Champalimaud.

Sobre esta matéria foi esclarecido: «O convite que me foi dirigido por António Champalimaud teve por objecto a prestação de serviços profissionais ás empresas cimenteiras ligadas á E.C.L. A medida, porém, que fui prestando os meus serviços ás referidas empresas — E. C. L., Companhia de Cimentos Tejo, Companhia de Cimentos de Moçambique e Companhia de Cimentos de Angola — a minha actividade foi-se progressivamente alargando, quer á Sommer & Companhia, Ld.ª, quer á Sociedade Comercial Financeira, Ld.ª, quer ainda a Montez Champalimaud, Ld.ª. Não posso, porem, precisar com rigor as datas em que o primeiro serviço de cada uma destas empresas me foi confiado. Posso ainda acrescentar que os acordos quanto a vencimentos e prestação de serviços foram combinados unicamente com António Champalimaud.»

Mais adiante, a nova pergunta do dr. Eridano de Abreu, o dr. Fernando Cruz, respondeu: «Durante o período em que desempenhei as funções de secretário-geral e consultor jurídico da Associação Industrial Portuguesa, isto ainda para além da minha profissão de advogado com escritório em Lisboa.»

A seguir, foi pedida á testemunha que informasse quem representava a Associação Industrial Portuguesa na altura em que foi convidado por António Champalimaud, para exercer as funções de consultor jurídico da E. C. L.

Acerca desta matéria foi então esclarecido: «Tais funções foram sempre exercidas pelo então vice-presidente da direcção da Associaçãi Industrial Portuguesa, eng.º Carlos Garcia Alves, actual presidente da mesma instituição.»

Em seguida, foi perguntado ao dr. Fernando Cruz quais as funções desempenhadas pelo eng.º Carlos Garcia Alves, nas sociedades dominadas por António Champalimaud. A este respeito foi dito: «O eng.º Carlos Garcia Alves foi administrador da Siderurgia Nacional, segundo julgo, desde o início da actividade daquela empresa e a cujo conselho de administração hoje preside, como representante da Sodege. Além disso, é presidente da assembleia geral da Cometna — Companhia Metalurgica Nacional, S. A. R. L. — e membro da Comissão de Fixação de Vencimentos da E.C.L. Segundo julgo, o eng.º Carlos Alves foi igualmente, em período que não posso precisar, vice-presidente da assembleia geral da Empresa de Cimentos de Leiria.»

Depois, o dr. Eridano de Abreu perguntou á testemunha quem, antes dele, exerceu na E. C. L., as funções de consultor jurídico. A esta pergunta o dr. Fernando Cruz respondeu: «Foi o dr. Octávio de Brito». Mais adiante, o patrono dos assistentes quis saber se a industria cimenteira era condicionada ao tempo em que o dr. Fernando Cruz foi convidado para exercer as funções de consultor jurídico da E. C. L. Sobre este assunto foi então ditado para a acta da audiência, pela própria testemunha: «Tal industria era efectivamente condicionada, isto é, estava sujeita ás regras do condicionamento industrial.»

Continuando o dr. Eridano de Abreu pediu depois esclarecimentos á testemunha sobre as razões que a levaram em principios de 1958 a abandonar o réu ausente António Champalimaud e porque motivo pretendeu conduzir, em termos amigáveis, as questões surgidas entre os irmãos Henrique e António.

Sobre esta ultima questão foi dito: «Era minha convicção de que o bom entendimento entre os irmãos Henrique e António seria o melhor caminho para o acordo entre todos.» Ainda acerca desta matéria foi então declarado: «Sem poder definir posições com rigor, a situação de António ficava favorecida quer na Sociedade Comercial Financeira, Lda quer em Montez Champalimaud, Lda., se tivesse havido um bom entendimento entre os irmãos António e Henrique. Quanto a Sommer & Companhia, Lda., tal posição dependeria da orientação que tomassem quer os dois tios — Fernando e Afonso — quer as duas tias — D. Maria Luísa e D. Albana.»

Entretanto foi comunicado telefónicamente, ao presidente do colectivo, o falecimento do familiar que na passada segunda-feira, devido ao seu estado de saude, ocasionara a suspensão dos trabalhos da audiência até ontem.

Em virtude do sucedido, a sessão foi novamente suspensa, para prosseguir na próxima segunda-feira, dia 30, á hora habitual.

A caça às codornizes e às rolas

A Comissão Venatória Regional do Centro faz saber que, antes de a abertura geral na área daquele organismo, pode ser praticada a caça ás codornizes durante os períodos e nas áreas delimitadas dos concelhos a seguir designados: de 1 de Setembro a 5 de Outubro, no concelho de Abrantes; de 15 de Setembro a 5 de Outubro, nos concelhos de Aguiar da Beira, Aveiro, Estarreja, Gouveia, Ilhavo, Moimenta da Beira, Murtosa, Ovar, Sátão e Viseu; de 1 a 5 de Outubro, nos concelhos de Belmonte, Coimbra, Covilhã, Figueira da Foz, Idanha-a-Nova, Montemor-o-Velho e Soure.

ADIADO O ENCERRAMENTO DA EXPOSIÇÃO DE TAPETES NO CASINO ESTORIL

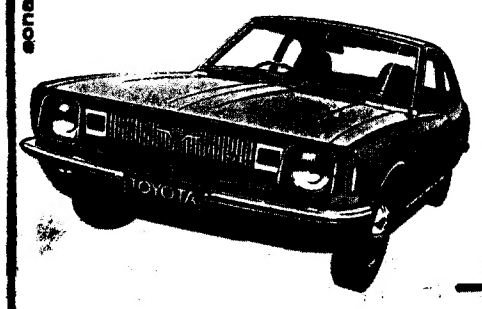
Estando inicialmente previsto encerrar amanhã, a exposição de tapetes de Arraiolos que tem estado patente ao público na galeria do Casino Estoril continuará ali até ao dia 31 inclusive. Assim, o público tem mais uns dias para poder apreciar as valiosas peças de arte reunidas no certame, o qual tem sido muito visitado e elogiado, principalmente pelos turistas estrangeiros que frequentam o Casino.

DIRIGENTES DA CAIXA DA PREVIDÊNCIA DE BRAGANÇA

BRAGANÇA, 27 — Foram empossados os novos componentes da direcção da Caixa de Previdência e Abono de Família deste distrito.

Preside o sr. dr. Abel Lídio Freire de Carvalho e são vogais efectivos os srs. Roberto Lourenço Pinto Gouveia e Amílcar Eduardo Teixeira, em representação dos beneficiários e os srs. José Augusto Leão e Miguel Luís Vaz como representantes dos contribuintes; e substitutos os srs. Fernando Gonçalves Pereira, Julio Augusto Pires, Armando da Costa Vicente e Ernesto Dias Pedrosa.

sonarte



TOYOTAS NA MELISAUTO

R. PINHEIRO CHAGAS, 101-B TEL 562348 LISBOA

UGANDA: O EXÉRCITO MERGULHA NO CAOS DAS LUTAS TRIBAIS

KAMPALA — Seis meses depois de se ter apoderado do Poder em Uganda o Exército parece mergulhar num caos esesperado. Os comandantes sem qualquer «contrôle» sobre as tropas, são incapazes de pôr termo às lutas entre soldados de tribos diferentes.

Fontes diplomáticas calculam que, desde 25 de Janeiro (dia do golpe de Estado), já foram mortos mil homens, entre oficiais e soldados — cerca de um sétimo do total do Exército. Outras fontes dizem que este cálculo é bastante moderado.

Um estrangeiro, que conhece bem o Exército do Uganda, declarou que os oficiais têm medo de dar ordens. Os soldados andam sempre armados e servem-se dos veículos militares à vontade. Diz ele:

«Neste Exército ninguém dá ordens. Apenas se formulam pedidos.»

O general Idi Amin, presidente do Uganda, não negou a ocorrência das mil mortes. Aliás, foi ele que forneceu esse número. Mas Amin atribuiu as mortes, primeiro aos guerrilheiros que lutam a favor do ex-presidente Milton Obote e, segundo, a um golpe de Estado abortado que terá sido tentado contra o presente Governo.

Mas todas as fontes estrangeiras de Kampala põem em dúvida as afirmações de Amin.

Estas fontes dizem que os homens morreram em consequência de uma guerra interna do Exército entre membros e aliados da tribo do Nilo Ocidental (à qual pertence o presidente) e membros das tribos Acholi e Lango. Calcula-se que a maioria das últimas pertencem a estas duas tribos, a última das quais forneceu em tempos, 40 por cento do total dos homens do Exército.

Embora as matanças durem desde o golpe de Estado, o certo é que o primeiro morticínio de grandes proporções ocorreu na última semana de Junho, no acampamento dos Simba (palavra «swahli» que designa leão), em Mbarara, no Sudoeste do Uganda.

Não se sabe ao certo se foram os Acholis e Langos que, cheios de medo deram início à luta ou se foram homens de outras tribos que tentaram expulsá-los do Exército. Fosse como fosse, as fontes diplomáticas de Kampala supõem que a batalha causou a morte de 250 soldados, na sua maioria, Acholis e Langos. Na manhã seguinte foram encontrados 60 cadáveres na quinta de um fazendeiro ugandês. Muitos daqueles homens tinham sido mortos por baionetas ou por *pangas* (foices africanas).

Este incidente levou ao desaparecimento de dois americanos: um jornalista *free-lance* Nicholas Stroh e um leitor da Universidade Makerere Robert Siedle. Ambos tinham chegado a Mbara, no dia 7 de Julho, para descobrirem o que se tinha passado. Nunca mais tornaram a aparecer e as fontes diplomáticas presumem que foram mortos por soldados ugandeses.

Depois da morte dos soldados no acampamento Simba, as famílias deles começaram

Por STANLEY MEISLER

Exclusivo «The Los Angeles Times»-«D. L.»

a regressar às suas terras de origem, no Norte, e a notícia espalhou-se pelos outros acampamentos. Uma vez mais se desconhece se as lutas noutros locais foram originadas pelos receios dos Acholis e Langos, se por soldados de outras tribos.

Mas a matança — que vitimou sobretudo Acholis e Langos — registou-se nos acampamentos de Moroto no Norte e de Magamaga e Jinja, no Leste.

O tiroteio de Jinja durou 3 dias. Uma testemunha, um europeu que trabalha numa organização de voluntários, contou numa manhã, 32 corpos junto da barragem nas Owen Falls de Jinja (a nascente do Nilo (Branco).

A «batalha» de Jinja desenrolou-se, em meados de Julho, numa altura em que Amin se encontrava de visita à Inglaterra. Quando regressou, Amin descreveu o incidente como uma tentativa de golpe de Estado. Contudo, a maioria dos observadores entende que se tratou de mais uma fase da guerra tribal que se está a desenrolar no interior do Exército.

O morticínio e o caos que reinam no Exército derivam da sua experiência e dos conflitos tribais.

Durante regime de Obote, o Exército de Uganda apresentava uma taxa maior de crescimento em África, fora da Nigéria. Aumentou de mil homens, à data da independência, para 7500, na altura em que se deu o golpe de Amin, daí a nove anos.

Não foi só o exército que nasceu tão rápidamente: o seu corpo de oficiais africanos cresceu com igual rapidez. Depois de os soldados se terem amontinado contra os oficiais britânicos em 1964, Obote acelerou o ritmo de africanização do corpo de oficiais num grau muito superior ao que inicialmente tencionava.

O golpe de 1971 agravou o problema da inexperiência no escalão superior. Amin foi pródiga em promoções de homens que lhe tinham sido leais.

Ainda há poucos meses por exemplo, promoveu dois sargentos a tenentes-coronéis como recompensa pela sua participação no golpe de Estado.

Tradicionalmente o Exército era constituído sobretudo por tribos do Norte. Obote utilizava o Exército como um meio de pressão sobre a Baganda, uma tribo do Sul que é a maior e a mais culta do país.

Contudo, um ano antes do golpe, Obote começou a aborrecer-se com a ameaça que Amin representava para o seu poder. Amin, que então comandava o Exército, provinha de uma tribo do Norte do Distrito do Nilo Ocidental.

Segundo constou recentemente, Obote tentou atingir Amin, acusando-o de cumplicidade no assassínio do brigadeiro Pierino Okoya, um oficial muito popular que pertencia à tribo Acholi do Norte.

Deste modo, Obote esperava claramente isolar Amin dos Acholis, que constituíam 25 % do Exército. Se houvesse qualquer conflito entre Obote e Amin, o primeiro poderia contar com os homens da tribo Lango, que constituíam uns 15 % do Exército.

De acordo com a versão que Amin dá do golpe, Obote mandou de Singapura (onde se encontrava na reunião dos primeiros-ministros da Common Wealth) ordens para os Acholis e os Langos desarmarem todos os militares de outras tribos e liquidarem Amin. Os sequazes de Amin descobriram isto e expulsaram Obote, matando alguns soldados Acholi e Lango.

Verdadeira ou não, esta versão de Amin lançou sobre os Acholis e os Langos do Exército o labéu de inimigos do novo regime.

Se Amin tivesse acusado apenas a tribo dos Langos (a que pertence Obote), teria conseguido decerto o apoio dos Acholis, inimigos tradicionais dos Lango. Acusando os Acholis e os Langos Amin arranjou uma situação tal que levou parte dos militares a sentirem-se receosos e ressentidos.

Nos últimos meses a tensão tem subido ainda mais, em virtude das declarações públicas produzidas pelo Presidente Julius Nyerere da Tanzânia e pelo ex-Presidente Obote, actualmente no exílio. Obote declarou que enviaria guerrilhas para o país a fim de expulsar Amin. Nyerere descreveu o golpe como uma traição e deu todo o apoio diplomático a Obote.

A invasão não chegou a verificar-se. Mas a ameaça causou graves perturbações na vida dos acampamentos. Os soldados convenceram-se de que essas «guerrilhas» seriam constituídas pelos Acholis e Langos que tinham desertado. Por isso, tornaram-se ainda mais desconfiados em relação aos Acholis e Langos ainda ao serviço.

Por sua vez, os Acholis ficaram ainda mais ressentidos, quando Amin promoveu os homens da sua tribo, fazendo-os passar por cima deles. O corpo de oficiais superiores do Exército era de constituição predominante Acholi, na altura do golpe (75 % de Acholis). Agora é quase totalmente constituído por oficiais do Nilo Ocidental.

A tensão cresceu a ponto de explodir nas matanças de Junho e Julho.

Um grupo de oficiais britânicos está agora a proceder ao exame da situação caótica resultante destes acontecimentos. No relatório que será entregue a Amin, os oficiais britânicos provàvelmente vão sugerir a Amin de que ele precisa de oficiais estrangeiros para treinar os militares do país. (Já existem no Uganda alguns instrutores israelitas). Os ingleses têm esperanças de que Amin convidará oficiais britânicos para essa missão. Amin já aceitou em princípio, uma proposta britânica no sentido de criar no Uganda uma Academia Militar.

Resta saber, contudo, se os oficiais britânicos poderão pôr termo ao caos.

«Penso que o Exército é possível de salvação, mas nem toda a gente concorda comigo», afirma um diplomata.

NOTA do dia

UM DA CASA

QUEM ESTA ALGUNS ANOS longe das vistas de alguma grande cidade, ao voltar estrega os olhos de guma grande cidade, ao voltar estrega os olhos de surpresa com a novidade do que vem encontrar. O exemplo do crescimento da cidade de São Paulo tornou-se clássico e inclui o cálculo de ritmo diário desse crescimento. Mas a nossa própria Lisboa, até sem sairmos dela, reflecte igualmente esse movimento de expansão que é, como se compreende, o reflexo de muitas razões do meio. Está à vista e é indiscutível. Discutível se agora, todavia em muitos aspectos e para muitos observadores, o modo como essa expansão se opera, as forças a que se subordina, as regras ou a falta delas por que se deixa determinar, a resposta que nela se encontra ou se não encontra para as solicitações profundas de uma população permanentemente em crise de crescimento.

Pelo que diz respeito à nossa cidade vemos agora reproduzidas estas palavras: «O perigoso é continuar a mexer em Lisboa às cegas! A vida citadina, subordinada a novas formas económicas e sociais, não deseja que lhe torçam ou retalhem os seus músculos de actividade de trabalho. É preciso que no estudo a efectuar, que, lògicamente, será o radio-concêntrico, sejam aproveitadas as belezas naturais de Lisboa.» Quem o escreveu foi Cassiano Branco, a cuja personalidade e a cuja obra a revista «Arquitectura» dedica um artigo, da autoria do arquitecto Fernando Gomes da Silva chamando-lhe «um dos primeiros da arquitectura moderna em Portugal». Cassiano morreu há pouco mais de um ano e colaborou, com relativa frequência nas colunas do «Diário de Lisboa».

A política dos terrenos, de que hoje tanto se fala era um dos seus cavalos de batalha. Recordamos este fragmento, respigado também das nossas colecções e incluído no artigo a que daqui nos referimos: «Há sempre o objectivo de expropriar e obter por qualquer processo terrenos que se revendem depois por altos preços aos industriais da construção civil, com desprezo manifesto pelo grande problema de facilitar e orientar as construções que estejam económicas e compatíveis com as possibilidades da grande massa humana que constitui a classe média. (...) Prédios para gente rica Lisboa possui em abundância. O que se impõe resolver com urgência é o problema da habitação em pons locais, com terrenos baratos, construções baratas compatíveis com a média geral dos nossos proventos e ordenados.»

Isto pode parecer pouco e até vulgar. Mas era dito num jornal destinado a todo o público e não num círculo restrito de técnicos ou iniciados. Parece-nos vulgar hoje, que a discussão se abre e toma o sabor de lugar-comum, o que, na época, se tinha simultâneamente na conta de impertinência e ousadia. Mas Cassiano era uma espécie de espadachim, que não fugia à luta nem se lhe esquivava às consequências. E numa profissão da natureza da sua, não custa a entender o que possam ser as consetudo tem de ver com uma estética que se reflecte necessàriamente no trabalho criador e que o empresário, o que encomenda a obra ou o projecto, pura e simplesmente recusa se não estiver de acordo com certos cânones que ele julgue mais consentâneos com a corrente.

Cassiano Branco era um conversador prodigioso. Tinha tertúlias certas onde pontificava com as suas recordações e observações que oscilavam entre os limites da minúcia e do pitoresco, valendo-se de uma grande cultura artística e profissional. Dentro da sua profissão havia problemas que o apaixonavam, muito mais a busca e o achado de grandes soluções técnicas do que as fachadas para as avenidas, que também fez, mas eram as decisivas relacionações com o meio o seu mais agudo interesse. Assim, vemos o seu nome ligado a obras ou projectos de barragens ou alguns grandes recintos para espectáculos públicos, ou os estudos, que ninguém lhe encomendou, para uma ponte sobre o Tejo, para o arranjo urbanístico da Costa da Caparica ou para a zona da Cidadela de Cascais, tudo visão em grande. Era um técnico que se dava ao gozo de sonhar. Cassiano sonhava, porém, para si e para os outros.

RECTANGULOS da VIDA

NA AREIA

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Era uma criaturinha loira, inconsolável ao sol. Tinha os olhos-fontes, e a boca, muito aberta, sem voz, tal era a dor que sentia. Dor? Talvez não fosse dor. Espanto, isso sim. Espanto e pasmo e depois santa indignação. Estava sòzinha a dois metros das pessoas grandes, assustadoramente distraídas, falando, rindo como quem canta, longe dela ali sòzinha e indefesa junto das suas ruínas. Alguém passara, alguém pisara a-areia-em-forma-de-balde que era talvez um palácio encantado ou mais do que isso, ou menos ou outra coisa, nem ela o sabia, só que era algo de muito importante. Talvez que nunca mais na vida tivesse uma indignação assim, tão grande de mais para o seu tamanho que ela nem podia transformá-la em voz.

Quando finalmente o conseguiu, e a mãe veio e o pai lhe pegou ao colo, ela esqueceu. Tinha três anos, idade de esquecimentos fáceis e reconstruções imediatas.

ELLEN DE LIMA NO CASINO ESTORIL

A artista brasileira despede-se do público português em espectáculos extraordinários

A brasileira ELLEN DE LIMA, considerada uma das artistas mais populares entre os componentes da colónia portuguesa do Rio de Janeiro, esteve alguns dias entre nós e, antes de regressar ao Brasil, vai despedir-se do nosso público em dois espectáculos extraordinários, sábado e domingo, no CASINO ESTORIL. Estes espectáculos começam às 23 e 30 no Grande Salão Restaurante, para maiores de 14 anos, e à 1 hora no Wonder-Bar, para maiores de 21 anos. ELLEN DE LIMA actuará integrada no «show» que todas as noites se apresenta no CASINO ESTORIL e em cujo cartaz figuram a cançonetista inglesa SHELLA MUNRO, os magníficos acrobatas YONG BROS, a artista portuguesa LÍDIA RIBEIRO e o conjunto coreográfico BLUEBELL GIRLS. O espectáculo do Wonder-Bar tem, ainda, a presença da escultural VIRGINIE ELYSÉES. Música constante pela orquestra de Ferrer Trindade, pelo conjunto de Shegundo Galarza e pelo Jiriná's Combo.

TEATRO GIL VICENTE

CASCAIS TEL. 280919

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

IVONE princesa de Borgonha

de WITOLD GOMBROWICZ

HOJE E TODAS AS NOITES ÀS 22 HORAS

Patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol
Subsídios: Fundo de Teatro e Fundação Calouste Gulbenkian

M/18

MELHOR SOM MAIS LUZ

PILHAS GATO BRANCO

EM FÉRIAS... OU DEPOIS DE FÉRIAS NÃO DEIXE DE VER O PRODIGIOSO FILME DESTINADO A MARAVILHAR PEQUENOS E GRANDES!

GRUPO A PARA TODOS

WALT DISNEY

o Meu Cão e os Ladrões

"My Dog, the Thief"

com DWAYNE HICKMAN · MARY ANN MOBLEY

ELSA LANCHESTER · JOE FLYNN

Argumento de: WILLIAM RAYNOR e MYLES WILDER
Produção de: RON MILLER
Realização de: ROBERT STEVENSON

TECHNICOLOR® Exclus. SIC

EMPOLGANTE DE GRAÇA E ESPÍRITO IMAGINATIVO!

No programa:

TEM PENA DE QUEM TEM PENA

— O desenho animado que conquistou este ano o «ÓSCAR» da Academia Americana.

Uma obra-prima da Equipa dos Estúdios de WALT DISNEY Productions

HOJE — ESTREIA AS 21.45, NO ALVALADE

C. M. L. **ESTUFA FRIA**

HOJE, ÀS 21.30 HORAS

BATON

de ALFREDO CORTÊS

Pela Companhia de Teatro Popular — Empresa Augusto de Figueiredo

Direcção e ensaios de ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA

Com

MADALENA SOTTO, ADELINA CAMPOS, LEONOR POEIRA, VLADIMIRO FRANKLIM e DUARTE NUNO e a colaboração especial de ADELAIDE JOÃO, ELVIRA PAIS, JÚLIA CHAVES, CARMEN JUDITH, MARIA JOÃO GALOPE, IGOR SAMPAYO e EDURDO SABROSA

Bilhetes a 10$00, 15$00 e 20$00, à venda na Praça dos Restauradores, das 18 às 20 h. e na Estufa Fria depois das 21 h.

Grupo D/18 anos

José Mestre Batista, «tertius gaudet»

Tauromaquia

Apoteóse do toureio a cavalo

Apoteóse do toureio a cavalo é, de facto, esta do ressurgimento do que em Espanha havia desaparecido para dar lugar ao toureio a pé e que um cavaleiro cordovês ali ressuscitou. Tal tradição em Portugal se não perdeu por força de lei e glória de sucessivas gerações, com regras fixas através da evolução.

Presentes, ontem, no Campo Pequeno, os três entre os quais anda agora a questão: Batista, que é Mestre de apelido e bravo, e Núncio e Veiga, dois apelidos estes famosos depois de Oliveira e dos Casimiros e de outros ilustres do passado.

Agora ainda temos os dois mestres Telles e Conde, Lupi, que anda representando-nos em Espanha, onde outros têm aparecido, como Maldonado e Cortes e Conde (Alfredo) e por cá novos tão preparados como os Ataíde e os dois Andrade, Andrade Salgueiro e Sommer de Andrade, e novíssimos vários, até ao Zenkle, e o bom Zoio, que não deseja ser profissional! Presentes dois grupos de amadores, o de Santarém e o de Montemor, que antes eram todos profissionais, com raros amadores, como Paim e Teixeira, Mascarenhas e, antes, os famosos Finzi e Avelar, Artur dos Santos e Luís Pimentel, e outros a quem em seu poder já tem a morte.

Ontem, no Campo Pequeno, com uma enchente, lidaram-se touros de D. Maria Ana Passanha, desiguais de peso e bravura, como, contabilizando, como bem diz o camarada Sampaio, adiante se verá, em resumo. O 1.º, com 597 quilos, para Mestre Baptista, que cravou de frente, com alguns toques por seu temperamento, mas com palmas vibrantes e música. Grande pega de Mascarenhas, do Grupo de Santarém, que deu volta com o cavaleiro, e mais uma. O 2.º, com 561 quilos, para Núncio, que cravou compridos e curtos, com palmas, e mais um curto, e música e volta com Letras, de Montemor, e seu ajuda. O 3.º, com 488 quilos, para Luís Miguel da Veiga, que bem cravou de frente, enquanto o touro permitiu. Intentos de pegas, com derrotes, e uma cernelha valente e aplaudida, com volta.

Intervalo, para quê?

O 4.º para Mestre Baptista, que crava duas de frente, com palmas, e outra melhor ainda, e mais uma curta superior. Muitas palmas, música e volta com Calxinha, que pegou bem. No 5.º, com 517 quilos e bravito cravou José Núncio de frente, bem a primeira farpa e melhor a segunda. Palmas. Muda de cavalo duas vezes, mas ouve palmas. Pega com derrote ao primeiro intento, e bem depois.

No último, com 511 quilos, cravou Luís Miguel a primeira farpa bem, e admiràvelmente a segunda. Um curto magnífico, e mais palmas, mas o touro tende para manso, apesar do que o fino cavaleiro crava uma curta brilhante. Ovação e música. Outra curta boa por mérito do belo cavaleiro. O touro investe mal, mas João Cortes, de Montemor, pega bem. Volta final, com almofadas dos que julgam atirar flores, como já sucedeu na anterior noite do Campo Pequeno.

Sebastião Saraiva dirigiu bem.

«El T. P.»

Lupi cortou orelhas e dois rabos

ALMAGRO (Espanha), 27 (ANI) — Registou boa assistência e grande êxito a corrida de Rojões, realizada e Almagro com gado de Bernardino Jimenez.

O cavaleiro português José Samuel Lupi, bem a preparar as sortes e a cravar os ferros e ainda melhor a matar de rojão, cortou duas orelhas e rabo no quarto da tarde e outras duas orelhas e rabo no sexto e ultimo, lidado a duo com Alvaro Domecq.

Tanto Domecq como os irmãos Peralta, Angel e Rafael, cortaram os mesmos troféus — ao todo, doze orelhas e seis rabos.

Aplausos e assobios para Dominguin

CUENCA, 27—(A. N. I.) — Na segunda corrida da feira local, com touros de Molero, apresentaram-se Luís Miguel Dominguin (palmas-assobios), José Maria Manzanares (volta-aplausos) e José Luís Galloso (orelha-volta).

«El Cordobés» o pior em Vinaroz

VINAROZ, 27. — (A. N. I.) — Eram de Rocio de la Camara os touros lidados por Santiago Martín «El Viti» (orelha-orelha), Manuel Benitez «El Cordobés» (ovação-palmas com assobios) e José Luís Parada (orelhas e rabo-volta).

TEM PRÉDIO? TEM CARRO?

ENTÃO TEM DINHEIRO

CONSULTE JÁ A

ORCOSI

Telefs. 367414/323172

Rua 1.º de Dezembro, 45

Em ALGÉS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Tabacaria do Café Caravela d'Ouro.

MELANIE SAFKA, SIM — MAS BUFFY SAINT-MARIE VEIO MUITO ANTES

De alguns meses para cá fala-se entusiàsticamente, nos meios da música ligeira internacional, do nome e na obra de Melanie Safka.

Tecem-se arrojadas considerações sobre a amargura das suas interpretações, sobre a angústia que se respira em cada uma das suas frases, que harmoniosamente se integram na melolia.

Porém, nestas coisas, quanto mais se fala mais se erra. Não é justo pôr em dúvida a qualidade de «Ruby Tuesday» ou de «What have they done to my song», o que é urgente que se diga (antes que seja demasiado tarde), que as várias peças desta obra não inventam nenhuma solução, nem contêm revolucionárias propostas.

Melanie limita-se a reinventar (com uma boa dose de pontaria comercial) o que uma senhora que dá pelo nome de Buffy Saint-Marie já faz desde 1963 (sensìvelmente). Comparem-se bem as duas vozes e depois revelem-se as conclusões.

Oiça-se atentamente o «Blue Soldier» de Buffy e pense-se o que for mais justo.

Buffy é índia, e todo o seu trabalho tem sido posto ao serviço da minoria a que pertence. A sua luta e a sua voz têm uma marca inconfundível: a da autenticidade.

OS ESPECTÁCULOS DO T. E. U. C. EM TOMAR

1. Não resisto á tentação de transformar o início desta crónica num pequeno muro de lamentações. O cronista de teatro é cronista antes de ser do teatro, o que justificará (e se não justificar, paciência) um introito que tem pouco a ver com aquele.

Lamento que, para chegar a Lisboa ás 9 horas, seja necessário a um tomarense, ou não, levantar-se ás 5 e pico (da madrugada!), Foi o que nos aconteceu para podermos apanhar o comboio (ensonadíssimo) que nos levaria ao Entroncamento, para que lá um outro, que não teria dormido na véspera, nos trazer a Santa Apolónia. Com a agravante de não conseguirmos quem nos servisse uma bebida quente pelo caminho. Onde fica Tomar, cidade de Turismo? No «Far-East»? Primeira lamentação.

Lamento que a S. E. I. T. não «contrôle» convenientemente a classificação dos estabelecimentos que recebem os viajantes. A pensão de 1.ª em que nos aboletámos tem instalações de 3.ª (no nosso quarto nada funcionava em termos, isto para não falar da qualidade da decoração) e serviço de 2.ª (trivial). Só os preços são de primeiríssima. Segunda lamentação.

Quando chegámos a Tomar, ao princípio da tarde de domingo, não encontrámos nenhum vestígio da presença do T. E. U. C. naquela cidade. Interrogámos várias pessoas que não se mostravam muito certas sobre essa presença. Mais tarde vimos em alguns cafés dois ou três cartazes anunciando o «Hamlet». Custa-nos a entender como é possível desprezar os meios de publicidade de que hoje se dispõe para anunciar acontecimentos como este. Estive recentemente em várias cidades (desculpem a confidência) e, fossem elas pequenas ou grandes, as notícias dos festivais ou dos espectáculos isolados que nelas se efectuavam não podiam passar despercebidas, tal a sua profusão e estratégia da respectiva colocação. Em Split, na Jugoslávia, só para dar um exemplo, anunciava-se em cartazes modestos, mas inumeros, representações de «Fonteovejuna». Devo acrescentar que em quase todas as cidades havia festivais ou espectáculos isolados, teatrais ou musicais (eu é que tive azar porque as datas não coincidiam). O resultado da falta de publicidade dos espectáculos do T. E. U. C. em Tomar foi as relativamente fracas assistências que se verificaram. Esta a terceira e ultima lamentação.

2. O T. E. U. C. levou a Tomar dois espectáculos, que se realizaram na sede da simpática Sociedade Gualdim Pais. Um espectáculo infantil com a peça «Mel, pastel e um boneco de papel», texto e encenação de Julio Castronuovo, e o «Hamlet». Como não sabia que se realizava o primeiro espectáculo, não apanhei o seu início. Limitar-me-ei, pois, a um comentário breve e provisório. Trata-se de uma série de «sketches» muito simples nas suas formas, mas nem sempre nas suas intenções, com parte de pantomina e parte de fantoches. Graças a esta construção em «sketches» foge-se á história com princípio, meio e fim que tende a viciar os futuros espectadores. Nem todos os «sketches», dos que vi, mantêm o mesmo interesse, o que se reflectiu nas reacções dos pequenos espectadores. Procurou-se a participação destes, participação um pouco automatizada, como é habitual. Registo a maneira viva como os jovens actores procuraram estabelecer a corrente entre o palco e a plateia, e o entusiasmo que, por vezes, esta revelou. Trata-se, aliás, de um espectáculo infantil muito superior aos que normalmente se fazem em Portugal.

Para se entender o trabalho do T. E. U. C. com o «Hamlet» é indispensável ler o seguinte texto inserto no programa (com interesse):

«Um grupo de actores observa-se observando o texto do «Hamlet» de Shakespeare. Ao realizar este empreendimento, o grupo vai tirando várias conclusões acerca das suas concepções de teatro, da sua preparação como actores, da influência do espectáculo teatral na sociedade que o contém. O texto-base funciona como uma proposta, entre outras, de guião. Dele o grupo retém a ideia que lhe parece dominante: a da necessidade de agir contra uma ordem injusta. É interrogando-se acerca das verdadeiras razões que impelem aqueles que se propõem agir, da eficácia das suas actuações, da importância que essa mesma acção terá para os outros grupos sociais em presença, que o guião é elaborado. Mas este guião é alterado, posto em discussão, refundido. O T. E. U. C. não apresenta um espectáculo na sua forma definitiva (se bem que se tenha dedicado com todo o cuidado á sua preparação). O que o T. E. U. C. apresenta é, á data, uma leitura do «Hamlet». A forma a que se chegou é aquela que o grupo apresenta ao publico (fruto das diversas formas que o grupo foi, no decorrer dos ensaios, apresentando a si mesmo). É possível que ela não seja ainda a perfeita, a mais clara. Essa dúvida só pode ser resolvida no contacto com a sala. Estamos, como fizemos durante o tempo de apresentação, sempre prontos a recomeçar do zero».

A crítica deste espectáculo é, pois, a crítica de uma forma determinada, não apenas por uma certa preparação, como por um certo contexto — em especial as relações palco-sala. Sendo crítica de uma forma, é naturalmente crítica de um conteudo, ou seja de opções definidas através essa forma. Uma crítica deste espectáculo é (devia ser), como ele próprio, uma meditação sobre as funções do teatro, sobre concepções estéticas, sobre uma perspectivação ideológica. Leitura provisória de um espectáculo, este comentário não poderá pretender ser essa meditação.

A leitura do «Hamlet» proposta neste metateatro parte de uma desmontagem da peça de Shakespeare e de uma nova montagem de parte desse texto. Aquilo que Jan Kott explica assim (no programa): «*Hamlet não pode ser representado integralmente, visto que a representação duraria perto de 6 horas. É preciso es-*

(Continua na página seguinte)

CONTA CORRENTE DL

O QUE É A CONTA CORRENTE

Diário de Lisboa

BREVEMENTE CONHECERÁ PORMENORES DA MECÂNICA DESTA ORIGINAL INICIATIVA

estúdio 444

O MAIS ESTRANHO FILME DA NOSSA ÉPOCA!

8ª semana

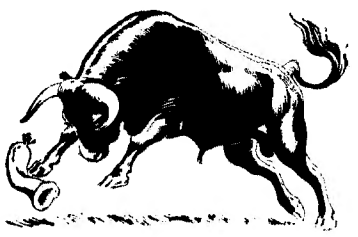
PEDRO O LOUCO

um filme de JEAN-LUC GODARD

JEAN-PAUL BELMONDO
ANNA KARINA

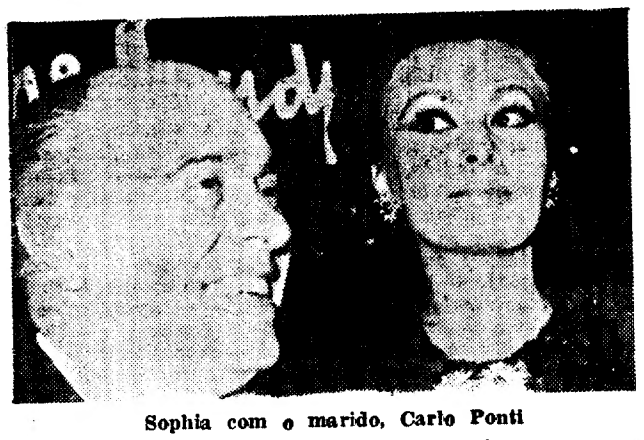
DISTRIFILME TECHNISCOPE · TECHNICOLOR adultos

M/6 anos



PRAÇA DE TOIROS DE CASCAIS

DOMINGO, 29 DE AGOSTO, ÀS 17 HORAS
EXTRAORDINÁRIA CORRIDA DE TOIROS
JOSÉ MESTRE BATISTA
Ardoroso e emocionante
JOSÉ BARAHONA NUNCIO
Classismo e verdade
PACO CORPAS e «EL QUERETANO»
fino matador de toiros Espanhol
valente matador Mexicano e grande bandarilheiro
O VALOROSO GRUPO DE FORCADOS DE MONTEMOR DE ANTÓNIO JOSÉ ZUZARTE
8 PODEROSOS E LINDOS TOIROS DO SR. JOSÉ ASSIS PALHA



Sophia com o marido, Carlo Ponti

UM MUSICAL CARÍSSIMO PARA SOPHIA E O'TOOLE

A produção musical «O Homem da Mancha», que obteve um êxito estrondoso na Broadway e nas principais capitais europeias, vai passar brevemente do palco para a tela.

Contratados para os protagonizar estão Sophia Loren e Peter O'Toole. A rodagem da comédia musical está orçada em cerca de 600 milhões de pesetas (240 mil contos), que darão seguramente para matar a fome (de cinema) a muita gente.

Os actores contratados já se comprometeram a gravar em disco as respectivas partituras.

O disco será lançado por altura da estreia da película.

As filmagens decorrerão em Espanha, nos arredores de Madrid, para onde Sophia Loren e Peter O'Toole se deslocarão dentro de poucas semanas, a fim de se familiarizarem com o cenário (natural) de Esquivias.

Quando a trasladação da musica para o cinema já custa 600 milhões de pesetas, como se justifica o nosso espanto em relação às verbas fabulosas dos programas espaciais?

O T. E. U. C. levou Shakespeare a Tomar

Continuação da pág. anterior

colher, é preciso abreviar e cortar. Não é possível representar senão um dos Hamlet latentes neste superdrama. Há-de ser, forçosamente, um Hamlet mais pobre do que o de Shakespeare, mas pode ser também um Hamlet enriquecido pelo tempo em que vivemos.»

Para fazer reflectir através do «Hamlet» a ideia que ao T. E. U. C. pareceu dominante — a da necessidade de agir contra uma ordem injusta —, foi necessário ignorar toda uma série de redes que na peça se cruzam e constituem a sua estrutura. Sem pretender estabelecer um juízo de valor (que aqui não interessa) a minha primeira duvida é esta: será «Hamlet» redutível a uma só das suas linhas de força? Não implicará essa redução mais do que o empobrecimento de que fala Kott, mas a destruição do texto? É claro que a isto se poderá responder que se devem destruir os clássicos sempre que tal se torne indispensável á clarificação de certas propostas (polémicas) de entendimento e de exemplificação.

Para se ter uma ideia do jogo feito com o texto de Shakespeare, bastará dizer que cenas fundamentais desapareceram e que o espectáculo termina com o monólogo «ser ou não ser» dito por um dos actores que representam «Hamlet», ladeado por todos os outros actores frente ao publico. Além destas alterações, outras se registaram ainda mais importantes: Laertes mata o Rei e sobe ao trono, pretendendo-se assim, creio eu, dar a alternativa do poder á qual as classes dominadas permanecem alheias. Sublinhe-se, ainda, a pouca importancia dada ao suicídio de Ofélia, o que tem por efeito desromantizar a peça, e a utilização de baladas, com musica de Rui Pato, em que me pareceu encontrar vestígios da bossa nova (as baladas cantadas em coro lembraram-me passagens do espectáculo do T. U. C. A. com «Morte e vida severina»).

Antes do espectáculo, com todos os actores em cena depois de um período de concentração, Carlos Cabral explicou a mudança do espaço cénico do palco para a platea em virtude de o palco não ter altura suficiente para a estrutura do cenário. Além disso, não seria possível utilizar os jogos de luzes de que dispõe o T. E. U. C., o que obrigaria a utilizar apenas luz geral. Após este aviso, um dos actores fez uma introdução ao espectáculo, explicando a interpretação que o T. E. U. C. propunha do «Hamlet»: uma leitura das dominações que constituiriam a estrutura ideológica da peça.

O espectáculo abre com uma cena mimada que ilustra essas dominações. Os actores que representam o povo cruzam o espaço como se traçassem as grades de uma prisão, e em seguida pretendem assaltar o estrado onde está colocado o trono e, por ordem, os actores que representam as classes dominantes. O povo é vencido e dominado pelos poderosos. (Em fundo, musica de jazz. Em *off* há ruídos vários, como apitos). Esta cena não é destituída de ambiguidade, porque parece implicar que as alterações não são possíveis a partir de uma situação de unidade, numa visão, inoportunamente pessimista. No entanto, o espectáculo viria a desmentir esse tónus ambíguo. O cenário é composto por uma estrutura de madeira onde está colocado o trono, «*que é também um patíbulo*». As personagens poderosas movem-se ou partem desse pódium. O povo e as personagens inferiores permanecem em baixo. A esquerda, no plano inferior, há uma cadeira que servirá, engenhosamente, para a confissão de Ofélia (a conversa em que Ofélia diz ao pai que Hamlet a ama é transmitida através uma alta dignidade eclesiástica, que nesta encenação assume a importância que não tem no texto). As personagens são identificáveis mediante os adereços que os actores colocam: a coroa para o Rei, o medalhão com o retrato do pai para Hamlet, etc.

O esquema proposto pela definição do espaço em que se faz a leitura do texto é semelhante á esquematização em que assenta essa leitura. Hamlet aparece-nos, não como um ser solitário e em crise, mas como um homem pronto a tomar decisões, a estudar a acção a seguir, adiando-a para a tornar mais eficaz, e fazendo-o, não num estado de solidão, mas sempre com os outros. O espectáculo divide-se em dois tempos. O primeiro é mais linear: embora introduzindo alterações no texto, consiste mais numa leitura do que numa representação-destruição do texto. No segundo tempo a subversão é total: á alteração dos intérpretes corresponde uma remontagem do texto — a sua contestação. Por fim é a revolta — que o próprio Hamlet comanda. Penso que se pretendeu fazer uma primeira parte mais didáctica e clara, que conduzisse os espectadores á aceitação da proposta em que os elementos significantes passassem das palavras para os gestos. Nessa primeira parte há monólogos simultâneos, que se anulam como que a querer significar que o diálogo não é possível.

Devo repetir que, perante uma leitura como esta — exercício para um teatro (talvez) a fazer — os juízos de valor são secundários. Mas não posso deixar de reconhecer que as intenções dos actores e do encenador do T. E. U. C. não passaram para o papel ou passaram de uma forma muito débil. Com ou sem contestação, representar ou ler Shakespeare é representar ou ler Shakespeare, com o que de difícil tal implica. O espectáculo perdeu em eficácia — e por isso em significado conteudístico — naquilo que os actores não lhe podiam dar: vozes para as palavras shakesperianas (ressalvo o Rei e o segundo Hamlet, com boas possibilidades vocais), expressão nos jogos corporais propostos. Um dos momentos conseguidos do espectáculo é constituído pela representação dos actores que visitam a corte e são dirigidos por Hamlet. O assassínio do pai de Hamlet é mimado em termos de farsa. Lembro, ainda, os contactos entre Hamlet e Ofélia, quase sempre de ordem física.

De Carlos Cabral vi anteriormente, no TEP, uma leitura ritualista sobre as «Bodas de sangue», de Lorca, um belo espectáculo. Este «Hamlet» prova a capacidade do encenador para se integrar numa equipa específica, como é o T. E. U. C., tentando um trabalho colectivo, como normalmente não se faz entre nós.

Revelou o grupo uma certa coragem ao levar este espectáculo ao publico popular de uma Sociedade de Recreio. É difícil julgar a forma como esse publico recebeu o espectáculo. Mostrou-se sempre atento — por vezes comentou em voz alta —, e aplaudiu com calor. Aplausos de cortesia? É difícil concluir.

CARLOS PORTO

★

«Hamlet», de Shakespeare pelo Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra. Encenação colectiva dirigida por Carlos Cabral. Musica das canções: Rui Pato. Cenografia, figurinos, adereços, montagem, sonoplastia e interpretação do T. E. U. C., Sociedade Gualdim Pais (Tomar), 22-8-71.

ACTIVIDADES DO CÍRCULO DE TEATRO DE AVEIRO

O Círculo de Teatro de Aveiro estreia hoje, na sua sede a peça de Raul Brandão «O Doido e a Morte», encenada por Eufrázio Filipe. A peça, destinada aos sócios, será representada também depois de amanhã, segunda, quarta e quinta-feira próximas.

Amanhã, realiza-se, conforme proposta do nosso associado Artur Fino, um colóquio-representada também amanhã, segunda, quarta e quinta-feira próximas.

Estão em curso os trabalhos de selecção de poesia com vista ao I Caderno de Poesia do C. E. T. A.

A menor e a mais útil calculadora do mundo

Com o aperfeiçoamento dos circuitos integrados LSI poderíamos ter feito a nossa mini-calculadora ainda mais mini. Mas, mãos humanas não podem manejar botões-miniatura e olhos humanos não devem ser forçados a ler mini-números; nem se quer uma calculadora deve reduzir o volume dos negócios de alguém. Se você necessita de uma com 16 dígitos, a calculadora deve tê-los.

A nossa mini-calculadora, modelo ICC-82D, é de facto mini!

Mas não é um brinquedo!

Cabe bem num bolso de casaco, porém os seus números são do tipo grande e bem legíveis.

Possui 16 dígitos e a sua precisão decimal vai até 8 casas (o teclado mostra os 8 dígitos da esquerda ou os 8 dígitos da direita, havendo uma tecla especial para a sua selecção).

A nossa ICC-82D pode resolver problemas de escritório (ligada à corrente), ou em qualquer local por meio das suas baterias de carga automática. Pode também ser operada com uma bateria de automóvel (adaptador facultativo) ou até mesmo com pilhas secas.

A nossa mini-calculadora pesa apenas 1 kg. Confie em SANYO para transformar coisas grandes em pequenas — fazendo com que as pequenas coisas sejam melhores!

Para maiores detalhes e demonstrações tanto deste como de outros modelos das Calculadoras SANYO, entre em contacto com um dos seguintes distribuidores SANYO:

Poliprodutos, Representações e Comércio Geral, Lda. — Av. Luís Bivar, 93-A - Telef. 4 21 24 - Lisboa 1

Sociedade Rep. Santos, Guimarães & Oliveira, S.A.R.L. — Rua Fernandes Tomás, 666, cave - Telef. 2-0858 - Porto

MORADIA

SÃO JOÃO DO ESTORIL

JUNTO DA ESTAÇAO E PRAIA, construção antiga, em bom estado, composta de r/c e 1.º andar, com sala, casa de jantar e 5 quartos, cozinha e casa de banho. Quintal e Jardim. Entrega-se mobilada. PREÇO — 850 contos.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telefones 369384/5/6-328232/3-361756

CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

UMA QUINTA NA PROVENÇA E UM BOM SERÃO NA TELEVISÃO PORTUGUESA

Duas vantagens num pé só tiveram ontem os telespectadores: a de assistir a um muito belo filme da televisão francesa e a de ouvir um excelente comentário de Artur Ramos.

«Uma quinta na Provença» transporta-nos ao mundo do «lumpen»-gente, gente inútil e portanto sem direito a qualquer defesa. Num mundo, como o nosso, só a força produtiva de bens, pode ainda esperar remuneração considerada suficiente para poder continuar a produzir. Logo que esta possibilidade cessa, cessa toda a responsabilidade da consciência social oficializada. O problema tem acuidade em França, país onde a assistência não é de todo uma palavra vã.

Por que razão escolheu Nicole Vidal, responsável do argumento, as figuras das senhoras idosas para personagens de filme? Porque as contradições máximas, a máxima alienação numa sociedade de tipo mercantilista melhor se observam ou na velhice ou na mulher. Se além da mulher, a personagem for ainda idosa, encontram-se reunidas as condições ideais para a exemplificação das objecções de profundidade. Atiradas para a mendicidade como derradeiro recurso de sobrevivência; despojadas de todos os direitos (incluindo o direito ao sonho); afastadas de todos os caminhos de gente viva — resta-lhes, finalmente, o recurso á televisão, á evasão, ao sono de olhos abertos. Não terão a quinta na Provença — mas terão a Iglésias, perdão!, terão a Bardot a cantar minhoquices temperadas de coxas e de tranças — «dois colossos de volume e de forma», como diria o nosso Camilo.

2 — No seu comentário final, Artur Ramos coloca-nos, com lucidez o problema de se saber se a televisão pode recusar-se a servir o ópio da ilusão e do esquecimento, quando os próprios interessados na discussão e apresentação dos problemas exigem esse clorofórmio. A resposta, também acentuada por Artur Ramos, é dada pelo próprio Jean Prat quando realizou o filme: evidentemente que, a determinado nível da queda, se perde a consciência da representação e da exigência. Que a pessoa se não saiba lutar como pessoa e se deixe manipular como um boneco de trapo — eis a alienação em toda a sua força. Para esses, está claro, ás vezes é difícil, ou é impossível, ou é perigoso falar. Mas para esses não foi que Jean Prat realizou «Uma quinta na Provença». Blaudine, como pessoa viva, desapareceu depois que, numa parede, a giz grosseiro, exigiu atenção para os velhos. A partir daí ficou entregue aos bichos, ficou entregue á televisão. Jean Prat realizou o filme para os que ainda podem compreender.

Esperemos, com Artur Ramos, que possa um dia a Televisão Portuguesa, pelos seus próprios meios e por sua livre iniciativa, contribuir para o alertar das consciências e para o enriquecimento pela atenção ao real.

3 — Depois de tudo isto, ficam-nos os olhos cheios das interpretações de Berthe Bovy e de Gabrielle Doulcet. Estes exemplos, esta experiência é que estragam o arranjinho cá de dentro.

4 — Alguns «pequenos» pormenores não poderão ser esquecidos. Um, diz respeito á tradução com preocupações que chegaram a ser cómicas... Outro refere-se áquela introdução cambial, muito valiosa nos tempos calamitosos que atravessamos. Não percebemos, porém, onde foi buscar a R. T. P. o equivalente de seis escudos para os 10 centimos franceses. Mesmo contando com uma super valorização do franco — é demasiado...

5 — Mas esqueçamos isto — e aguardemos o novo festival O. R. T. F. que, com os «Sete Pecados Mortais», fazem um utilíssimo mano-a-mano franco-britanico.

PONTAPÉS, SIM. MAS NA BOLA

Um programa com Pelé não poderia ser nunca um programa desinteressante. O futebol não tem culpa de ser um belo espectáculo, Pelé não tem culpa de ser como é. As imagens dos jogos, esmaltadas com a ciência do tal, deram motivo bastante para o programa de ontem. Bem certo que as vimos já não sei quantas vezes. Quase as sabemos de cor. Fecham-se os olhos — e as imagens fluem sem necessidade de lanterna mágica... As palavras de Pelé, também as ouvimos já na televisão e não houve grande vantagem na repetição. Em resumo: nada de novo na frente, nada de novo, como bem se compreende, a não ser Pelé. E algumas mexeriquices para uso da pequena história quando, dentro de séculos, os espíritos curiosos se debruçarem para a nossa época. Ficamos a saber que o Rei começou por ser sapateiro e hoje veste do melhor e anda de popó caro. Além do seu ordenado como jogador, dirige a secção de relações públicas de um banco, tem contratos não sei de quê, entra em fitas, e outras coisas que me não recordo agora. Ao todo, a coisa deve andar aí por dezassete mil contos ao ano.

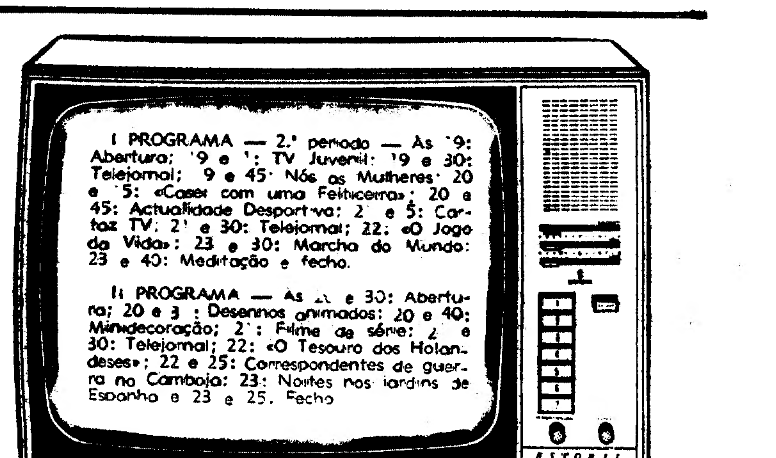
Esqueçamos isto para recordar a principal utilidade da rubrica: a de nos mostrar, embora sem qualquer espírito crítico, como o futebol não vive num ambiente rarefeito, independentemente da política e dos esquemas em que se organiza determinada sociedade.

Ficamos a saber que o povo brasileiro festejou a vitória na Taça do Mundo com mais alegria do que se ganhasse a guerra! E que com essa vitória, aumentou a popularidade do Governo brasileiro. E que o povo recebeu a notícia do afastamento de Pelé do futebol internacional como se se tratasse de uma verdadeira tragédia...

Tudo o mais já era do domínio publico. Tudo o mais, ou seja: o carácter extradesportivo do futebol, a possibilidade de promoção social que dão os pontapés. É lei nesta sociedade: a subida nos escalões sucessivos faz-se, com frequência, por intermédio dos pontapés. Pois que os pontapés sejam na bola. Do mal o menos.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

AMANHÃ — I PROGRAMA — 1.º período — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: O caso da semana; 13 e 15: Viver no Campo»; 13 e 45: Telejornal; 14: Conheça o Portugal desconhecido; 14 e 15: Logo á noite; 14 e 20: Fecho. **2.º período** — Às 15 e 24: Abertura e Eurovisão — Transmissão directa de Upsala, do Campeonato da Europa de Natação, 17: Eurovisão — «Os Invasores a quatro rodas»; 18 e 15: TV infantil; 18 e 20: E a vida continua; 18 e 35: Bandeiras Submersas; 19 e 05: Teledesporto; 19 e 35: «Os Poucetotes»; 19 e 50: TV rural; 20 e 30: Telejornal; 21: Eurovisão, «Grande Gala do Disco 1971», em que tomam parte Daliah Levi, Vicky Leandros, Lulu, Amália Rodrigues, Severine, Nancy Wilson, Gilbert Bécaud, Roy Black, Ray Charles, Dunyel Gerard, Udo Jurgens, Henry Mancini, Ivan Rebroff, Facio Santillan, Humphries Singers, Agua Viva, Ballet de Irving Davies (de Londres), orquestra de dança da TV de Berlim de Kurt Edelhagem; 23 e 05: «As Nossas Queridas Mulheres»; 23 e 35: Marcha do Mundo; e 23 e 45: Meditação e fecho

II PROGRAMA — Às 20 e 30: Abertura e desenhos animados; 20 e 40: O caso da semana; 21: «Viver no Campo»; 21 e 30: Telejornal; 22: «Centro Médico»; 22 e 55: Eurovisão — Festival Internacional de Bergen 1970 — Transmissão da «7.ª Sinfonia» de Beethoven, pela Orquestra Filarmónica de Brno, dirigida por Frantisek Jilok; e 23 e 35: Fecho.

Rádio

PROGRAMAS

EMISSORA — 1.º programa metropolitano — Às 6: Noticiário; 16 e 05: Programa da Juventude «Convívio»; 17 e 30: Vida e trabalho; 17 e 50: Melodias de Cinema; 18 e 05: Ao encontro da melodia; 18 e 30: Forças Armadas, programa produzido e realizado pelo serviço de Informação Publica da Defesa Nacional, 19: Cartaz dos espectáculos; 19 e 10: Passatempo musical; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O pianista: Pepe Jaramillo; 20 e 30: 4.º episódio do folhetim: «O Marquês de Villemer»; 20 e 50: Em órgão: Maurice Montez; 21: Momento 71; 21 e 20: Interlúdio. 22: Musica da Europa; 22 e 30: Musica e cadência; 23 e 05: Miscelanea; 24: Fecho.

2.º Programa Metropolitano — Às 16: Ciclo do Barroco Italiano; 16 e 45: Musica de vanguarda; 17 e 02: Suite inglesa n.º 6 BWV 811 (Bach); — pelo cravista Ralph Kirkpatrick; 17 e 30: O compositor do mês: Rimski-Korsakoff; 19: Musica e músicos portugueses, por Nuno Barreiros; 20: Diário sonoro; 20 e 30: Concerto pelo coro dos estudantes de letras da Universidade de Coimbra, sob a direcção de Manuel Reis; 21: Concerto pela Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida pelo maestro Álvaro Cassuto, com a colaboração do violinista Gerardo Ribeiro e integrado no «XV Festival de Sintra»; 23. A voz do Ocidente; e 15. Fecho

Programa estereofónico—MF — Às 21 e 10: Musica de filmes, pela Orquestra Mantovani; 21 e 20: Velhos êxitos de Charles Aznavour; 21 e 40: Melodias por orquestras; 22: Concerto pela Orquestra de Câmara da O. R. T. F.; 22 e 45: Musica de camara; 23 e 57: Musica instrumental; 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário, 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: 45 rotações; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Canções de Portugal; 21 e 03: Suplemento; 21 e 15: Musica para meditar; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Grande roda; 0 e 02: «P. B X.»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Vértice; 21 e 02: Boa noite em FM, 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita dois; 1 e 02: Banda sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá, 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 1, Conjunto; 19 e 30: Estudio 64; 20 e 0: Norte dia a dia; 21 e 05: Só-rádio, 21 e 40 Orquestras; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 02: Em destaque; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Variedades; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Marana Tha; 18 e 20: Nota do dia e boletim litúrgico; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19: A vida é uma coisa maravilhosa; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. E.; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário—No final — Continuação do programa página um; 20 e 58: Meditando; 21: Programa dos ócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Marana Tha; 18 e 15: Noticiário regional boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: A vida é uma coisa maravilhosa; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Os novos emissores em marcha; 22: Variedades; 3: A 23.ª hora e Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s. **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 das 10 ás 12 e 19 e 30 ás 22. **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2. **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30. **Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17.

HOTEL GARBE

ARMAÇÃO DE PERA

Precisam-se mulheres de lavandaria.

O sr. António Baptista Lorde, residente no Barreiro, tem a mãe, com umas territas, em Assentiz, Rio Maior. Boa mãe, a boa da senhora manda ao filho, de vez em quando, alguns produtos agrícolas. Ora aconteceu que a ultima remessa foi de batatas. Batatas — um tubérculo vulgar, para não dizer vulgaríssimo. Mas em tudo há uma surpresa: remexendo nas batatas, quando as arrumava, o sr. António Baptista Lorde dá com um... bebé! Isto é: com uma batata parecida com um bebé acabado de nascer... Peso: 750 gramas. Quem não acreditar, que atente bem na gravura

UM PSICÓLOGO E UM PSIQUIATRA DEVEM FAZER PARTE DE TODAS AS EQUIPAS MÉDICO-ESCOLARES

—UMA DAS CONCLUSÕES DO CONGRESSO DE HIGIENE E MEDICINA QUE TERMINOU ESTA MANHÃ

As equipas médico-escolares devem ter como componentes, além de outros técnicos, um psicólogo e um psiquiatra—esta uma das conclusões do VI Congresso Internacional de Higiene e Medicina Escolares e Universitárias, cuja sessão de encerramento ocorreu hoje na Aula Magna da Reitoria sob a presidência do prof. Abreu Faro, subsecretário de Estado da Administração Escolar. Pormenorizando a conclusão acima mencionada, diz-se ainda que «*tanto o psicólogo como o psiquiatra devem ter essencialmente uma acção profiláctica e secundàriamente curativa*», e ainda que «*todos os membros das equipas médico-escolares devem ter uma preparação psiquiátrica*». Sublinha-se, também, que «*a acção das actividades das equipas médico-escolares devem começar o mais precocemente possível (idade pré-escolar ou jardins)*».

As conclusões do Congresso, que compreendeu 800 participantes, foram lidas pelo dr. Luís Apleton Figueira, secretário-geral da reunião, e respeitam aos três temas discutidos no decurso da mesma: «Estrutura e funcionamento dos serviços de saude escolar nos diferentes graus de ensino»; «Atribuições de cada um dos membros da equipa de higiene escolar nos diferentes graus de ensino» e «Psicopatologia do escolar».

Droga e educação sexual

Entre outras conclusões, recomenda-se que as equipas médico-escolares etabeleçam o maior contacto com os professores e familiares, e se procure actuar junto de outras organizações ligadas aos problemas da juventude «*para que se estabeleça uma campanha activa contra o uso e abuso da droga.*»

O estabelecimento de princípios que possam servir de base á educação sexual da juventude é também uma das conclusões do Congresso.

Outra importante conclusão: «*É de desejar que os Serviços Médico-Sociais Escolares sejam aumentados e tenham maior influência na organização da escola nos seus diversos graus, não só interessando-se pelo estudo psico-físico do estudante, mas também no estabelecimento da matéria a estudar, hordrios, cultura física, alimentação, etc.*»

Dotar a Medicina Escolar de meios próprios de diagnóstico

Relativamente ao tema «Estrutura e funcionamento dos serviços de saude escolar nos diferentes graus de ensino» (as conclusões que abrem a notícia dizem respeito ao tema «Psicopatologia do Escolar»), chegou-se á conclusão de que «*é preciso dotar a Medicina Escolar de meios próprios de diagnóstico; fomentar a investigação pediátrica; e procurar-se um justo equilíbrio entre a rapidez e a segurança das medidas a tomar.*»

Necessária a cadeira de Medicina Escolar nas Escolas Normais

Finalmente, quanto ao segundo tema («Atribuições de cada um dos membros da equipa de Higiene Escolar nos diferentes graus de ensino»), e mau grado a existência de duas correntes de pensamento, sentou-se que «*a colaboração do professor é muito valiosa, imprescindível mesmo, mas que é necessária para a sua adequada capacitação que seja criada a cadeira de Medicina Escolar nas Escolas Normais.*»

Verificando-se que nalguns países não existem os técnicos preparados para fazerem parte da equipa de Higiene e Medicina Escolar, recomenda-se «*que se formem esses técnicos o mais rápidamente possível.*»

Concluiu-se ainda que «*a ajuda económica para os escolares em todos os graus de ensino deve ser unificada a nível internacional.*»

Ecologia: marca fundamental da nossa época — Disse o prof. Abreu Faro

Depois de terem usado da palavra os profs. Frantireck Janda, presidente da União Internacional de Higiene e Medicina Escolares, e Bruto da Costa, presidente do Congresso, o subsecretário da Administração Escolar, prof. Abreu Faro, ali em representação do ministro da Educação Nacional, afirmou que «*acreditamos na possibilidade de existência de crianças que harmónicamente riam e aprendam; que sejam na Escola e nos tempos da Escola um modelo de equilíbrio entre a saude de corpo e a de espírito, um modelo de equilíbrio ecológico do indivíduo na sociedade especial onde se insere, e onde se garantirá a sua educação.*»

Sublinhou o prof. Abreu Faro que «*a higiene e a saude escolares, além do que é comum em matéria de higiene e saude publica, devem também enraizar-se na pedagogia, protegendo-a e garantindo-a, nomeadamente na zona delicada e profunda da psicossomática.*»

— *Vivemos uma época* — disse o prof. Abreu Faro — *em que sabemos que não é possível progredir sem uma sólida educação. Como consente a criança a educação? Em que medida a educação, erradamente conduzida, conduz á não educação, reduzindo-se a simples ensino pragmático e, muitas vezes, mal sucedido.*

Por ultimo, o subsecretário de Estado da Administração Escolar afirmou que «*o mundo enfrenta um problema generalizado de ecologia, marca fundamental da nossa época. Devemos lutar para que todos, com a herança potencial com que nasceram, devidamente educados e assistidos, se realizem e se sintam felizes, apenas diferenciados em termos de vocação e dotes que a pedagogia valorizou até onde soube.*»

Cinco «flechas» da D.G.S. galardoados com o «Prémio Governador-Geral de Angola»

Foram recebidos pelo director-geral de Segurança, major Silva Pais, os cinco «flechas» que vieram passar um mês á Metrópole por terem sido distinguidos com o «Prémio Governador-Geral de Angola.»

São eles, Direito Xingué, comandante do grupo de Maninga; Miudo Malassa, comandante do grupo de Gago Coutinho; Francisco Miguel, comandante do grupo da Lumbala; André Segundo e Calumbeto, do Luso e Crito-Cuanavale.

Segundo a Direcção-Geral de Segurança, trata-se de elementos «cuja acção no mato é permanente» e «possuem em alto grau excepcional coragem e espírito de dedicação e sacrifício.»

COMISSÃO NACIONAL DO AMBIENTE

Na Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica reuniu-se esta manhã a Comissão Nacional do Ambiente, que apreciou assuntos diversos da sua competência, designadamente estudos efectuados por grupos de trabalho e relativos ao meio ambiente.

«LAR IDEAL»

Uma cozinha completa é o prémio maior

(Continuação da 1.ª página)

sos assíduos leitores.

Pois podemos informar que há para distribuir pelos concorrentes a este sensacional concurso mais de centena e meia de contos de prémios. Primeiro prémio? «Apenas» isto: uma cozinha completa. Com quê? Vejam só: 1 fogão eléctrico de quatro bocas, grelhador e espelho rotativo; 1 máquina de lavar louça (ou roupa); 1 lava-louça «inox»; 1 frigorífico de 160 litros de capacidade; 1 exaustor de fumos, 1 máquina de café, 1 moinho de café, 1 torradeira, 1 abre-latas eléctrico; armários de cozinha. Tudo isto no valor de 55 000$00!

Ora, como dissemos, há ainda muitos outros prémios oferecidos por aquela firma de electrodomésticos e utilidades. Mas só amanhã os divulgaremos.

Como se concorre?

Bom... há só que esperar mais uns dias. Mas é simples...

ORLANDO AUGUSTO DA GRAÇA NEVES

MISSA DO 7.º ANO

Seus pais e irmão, na passagem do 7.º aniversário de tão grande saudade, participam que amanhã dia 28, ás 10 horas, na Igreja de Olivais será rezada missa sufragando a sua alma, desde já agradecem a todos que se dignarem assistir a tão piedoso acto.

R. I. P.

AGÊNCIA SALGADO

AGOSTINHO HENRIQUES

Sua esposa, filhos, nora, genro e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o seu falecimento, e que o funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da Igreja de St.ª Engrácia para o cemitério do Alto de S. João.

BOM APETITE

TONI DOS BIFES
Av. Praia da Vitória. 50-E
Telef. 536080
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
SEGUNDA-FEIRA
ARROZ DE FRANGO À MINHOTA
Encerrado aos domingos

RESTAURANTE MONDEGO
COZIDO À PORTUGUESA
TRAV. DO FORNO, 15 A 19
(ao Rossio)
TELEFONE 36 81 60

PROGRESSO
Restaurante ✲ Snack-Bar
✲ Pastelaria
R. Barata Salgueiro, 2-C
Telef. 40115
Aos domingos especialidades da casa
ENSOPADO DE ENGUIAS
E COELHO À CAÇADOR
SERVEM-SE LANCHES
DE CASAMENTO
E BAPTIZADO

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
TELHEIRAS DE CIMA, 144 • TELEFONE 790211
JANTARES DANÇANTES aos Sábados e Domingos c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(M/ 15 anos) Parque automóvel privativo Premiado pelo SNI

ora diga-nos...

— Gosta da balada?

Dizem as más línguas (as eruditas) que tal «coisa» não existe. É falsa. É grande. É mistificação. É... sabe-se lá mais quê. (Enfim fala quem pode!). Para já, não há nada mais recomendável do que ouvir alguns dos que ainda não foram contagiados pelas línguas eruditas. Os que no «anonimato» vêem, ouvem e às vezes até dizem o que pensam.

● *O pontapé de saída, esteve a cargo de Manuel Serafim da Silva, electricista, que nos disse:*

— Sinceramente não gosto.

— Porquê?

— Porque não aprecio.

— Mas tem certamente uma razão para não apreciar — *insistimos.*

— Porque prefiro a boa música estrangeira e portuguesa. Dessa gosto muito. É preciso é que seja boa.

— Portanto, para si a balada...

— ...Não é boa música portuguesa.

(Parafraseemos Manuel Freire no poema de Gedeão: «Eles não sabem nem sonham»...).

● *A seguir recolhemos as impressões de Manuel Saturnino Lourenço — cortador, que nos encarou com uma certa relutância (isto de interrogatórios!...)*

— Ah! disso gosto muito! — *o entusiasmo venceu a relutância.*

— Mas gosta assim tanto?

— Gosto, pois!

— Então, diga-nos porquê.

— Acho que é uma forma... quero dizer... de contacto entre as pessoas percebe? De contacto directo. Para já é muito melhor que essa música dos Calvários e dos outros, que agora andam para aí outra vez a «limpar» festivais.

— Mas acha que a balada torna mesmo possível o contacto entre as pessoas?

— Acho que sim. A guitarra, sòzinha, dá melhor que todos os instrumentos dos conjuntos «pop».

— Tem alguma preferência especial em matéria de intérpretes?

— Olhe, gosto muito do Paco Bandeira, do José

Cheta, mas acima de todos do José Afonso.

● *Por último, José Flávio de Oliveira Vasconcelos, empregado de escritório, disse-nos:*

— Para já não ando muito a par da «coisa».

— Da «coisa»!!!!

— Sim, disso da balada!

— ...

— Quer dizer, tenho visto e ouvido pouca «coisa», mas foi o suficiente para achar que

anda um bocado por baixo.

— A «coisa»?

— Sim, a balada.

— Mas concorda com a renovação da música?

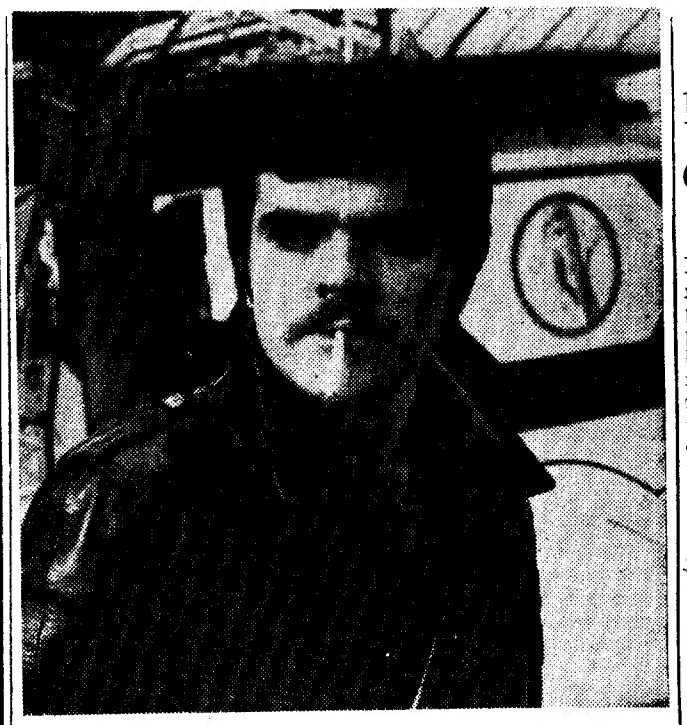
— Concordo sim. Mas o meu interesse pela balada depende do meu estado de espírito. Não sei se percebe?

— Lembra-se de algum nome?

— No Zip vi um rapaz de barba (ou talvez fosse só bigode), mas não sei o nome.

— Sim, eram tantos...

— Mas cantava muito bem.



Nascido em 1944, Luís Rocha pratica a luta greco-romana mas é também conhecido como cantor desde há cerca de cinco anos. Após um interregno voltou sùbitamente à luz dos «spots» quando do VII Festival da Canção do Mundo Celta, em Espanha, com «De manhã, à tarde, à noite». Esta melodia, e ainda «Tempo de guerra, tempo de paz», ambas de Carlos Fernando Resende, preenchem agora um «single» editado pela Orfeu

CENTRO DE ESTUDOS GREGORIANOS

Na secretaria do Centro de Estudos Gregorianos, continuam abertas as matrículas para os seus cursos, dirigidos por professores especializados. São as seguintes as classes que funcionarão regularmente no novo ano escolar: solfejo, canto gregoriano, polifonia, direcção coral, harmonia, contraponto, composição modalidade, piano, órgão, improvisação e pedagogia musical segundo o Método Ward, para formação de professores de música para as classes primárias.

«Desde a sua fundação, o Centro de Estudos Gregorianos está ao serviço de todas as dioceses, escolas e institutos. O seu fim é formar elementos que possam, nos seus campos de acção, exercer ou controlar o ensino da música sacra».

O programa do novo ano escolar pode ser pedido á secretaria do Centro de Estudos Gregorianos, Campo dos Mártires da Pátria, 96, 2.º — Telef. 58228.

O CONJUNTO MARIA ALBERTINA NO CANAL 13

Segunda-feira, ás 22 horas, integrado na programação do «Canal 13», actua o Conjunto Maria Albertina, constituído por Maria Albertina (acordeonista e autora de todas as musicas que interpretam), Carlos Alberto e Glória Maria (vocalistas), Rita Maria (bombo), Diogo Queirós (acordeão) e António Rodrigues (viola).

Com mais de 50 discos gravados (entre EPs, «singles» e LPs), o Conjunto Maria Albertina foi fundado em 1958. Há edições dos seus discos através de etiquetas francesa, venezuelanos e norte-americanas. Em «tournée» actuaram em Portugal, França, Canadá, Estados Unidos e Espanha.

O conjunto interpretará composições do letrista nortenho José Guimarães: «O trólei-carro», «Janela da Saudade», «Avé-Maria do Soldado» e «O menino da mamã».

AQUI E EM TODA A PARTE

A MAIORIA ESTÁ DE ACORDO

EM APLICAR OS SEUS CAPITAIS

EM J. PIMENTA, S. A. R. L.

ADQUIRINDO APARTAMENTOS MOBILADOS

PREÇOS DESDE 150 CONTOS

INFORMAÇÕES

J. PIMENTA, S.A.R.L.

P. Marquês de Pombal, 15 - Telfs. 45843 - 47843 - Lisboa

JP2C

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

Cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais * Tocam: António Bessa e Fernando Reis. **Consumo mínimo, 60$00 * Rua das Taipas, 14 * Tel. 327256.**

TIMPANAS

Mário Pacheco e Edmundo Rosa, viola e guitarra, Emília Reis, João Fernando e Luís Braga. Folclore do Ribatejo, Quim Barreiros, acordeonista e o Trio Odemira * **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.). * Rua Gilberto Rola, 24 * Telefones: 676655 e 672431.**

ADEGA MESQUITA

Cantam: Fernando Pinto, Francisco Martins e Alcindo Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença. Danças regionais por conjunto privativo * **Rua «Diário de Notícias», 107 * Telef. 328307 * Consumo mínimo: 60$00 * Encerra aos domingos.**

ADEGA MACHADO

Cantam: Maria Portugal, Tina Ferreira, Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Tocam: Liberto Conde, Américo Silva e Vítor Ferreira. Fandango pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Os Arautos. **Encerra ás 2.as-feiras. Consumo mínimo, 70$00. Rua do Norte, 91. Tel. 30095-28713.**

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

CASINO ESTORIL

Jogo autorizado * Variedades internacionais * Telefs.: 264521-264526-264596-264621-264946.

ADAGIO

A presença de JOSÉ LETRIA, Pop-Saul e Undergroung * Sempre os ultimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil * Aberto todos os dias, das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h. * Rua Carlos dos Reis, 51-A * Telef. 775695.

TAMILA

Marão e s/ Conjunto * Avenida Duque de Loulé, 69 — Tel. 534117 * Matinées todos os dias * Encerra aos domingos.

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas * Música constante * Calçada Marquês de Abrantes, 64-66 * Telef. 667264

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar, Almoços e Jantares e serviço de Bar permanente. Rua S. Tomé, 86, A B C — ALFAMA—LISBOA — Tel. 861633

D. QUIXOTE — Bar-Boite

com Carlos Villaret e Tony Vieira * Aberto até ás 5 da madrugada * Rua da Trindade, 9 — Telef. 327109 * Encerra aos domingos.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa — Musica constante * **Av. Marechal Carmona * Tel. 367136 * Encerra ás 3 horas**

MAXIME

Conjuntos * Reacção e Maximiliano * «Show» turístico * Variedades internacionais * **Praça da Alegria, 58 * Telef. 55366.**

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A * Telef. 48384 * Conj. Hélder Reis * Encerra aos domingos.

a furna
música gravada
ceias até ás 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(a duque de loulé)
53 44 66 56 19 49

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

CONJUNTO OLIVER * Avenida Duque de Loulé, 73 * Telef. 530171.

BATACLAM

BAR DISCOTECA

Rua Ramalho Ortigão, 39-A

Telef. 560430

BAR: Aberto das 19.00 ás 3.30 h. DISC.: Aberto das 22.00 ás 3.30 h. NOITES DE PARIS EM LISBOA

ENCERRADO AOS DOMINGOS

NO BAIRRO ALTO, ENTRE OUTRAS VELHARIAS

MÁQUINAS DE COSTURA APENAS POR 150$00 E CADEIRAS AO PREÇO DE QUARENTA CIGARROS

Descer a Rua da Rosa, no Bairro Alto, é as mais das vezes um encontro com a surpresa. Surpresa das gentes que a percorrem, surpresa pelos pregões dos vendedores ambulantes, surpresa pelos negócios que nos tentam por entre os portais das velhas casas.

Negócios como o do sr. Ascenso Alves, que nasceu em Lisboa, e vende diversas velharias no n.º 148 daquela rua.

— *Isto é fraco. Compro e vendo. Sou sapateiro. Tenho pouca freguesia. O que vale é trabalhar por fora.*

Enquanto a conversa se inicia, entra no «estabelecimento» um casal que quer comprar uma mesa. Pergunta o preço duma e o sr. Alves responde, convidativo:

— *Tenho aqui esta quadrada. Faço trinta «palhaços». Quer que a tire para baixo para verem?*

Homem e mulher concordaram com a sugestão do vendedor, e daí ao negócio consumado foi coisa de minutos. Afinal, uma mesa por trinta «palhaços» é mesmo de pegar!

FOGÕES A GÁS E GENTE BOA...

E a conversa, a nossa conversa, pegou outra vez após a saída do casal. À porta havia um letreiro: «MÁQUINAS DE COSTURA — 150$00».

Perguntámos como era e o sr. Alves não se fez rogado:

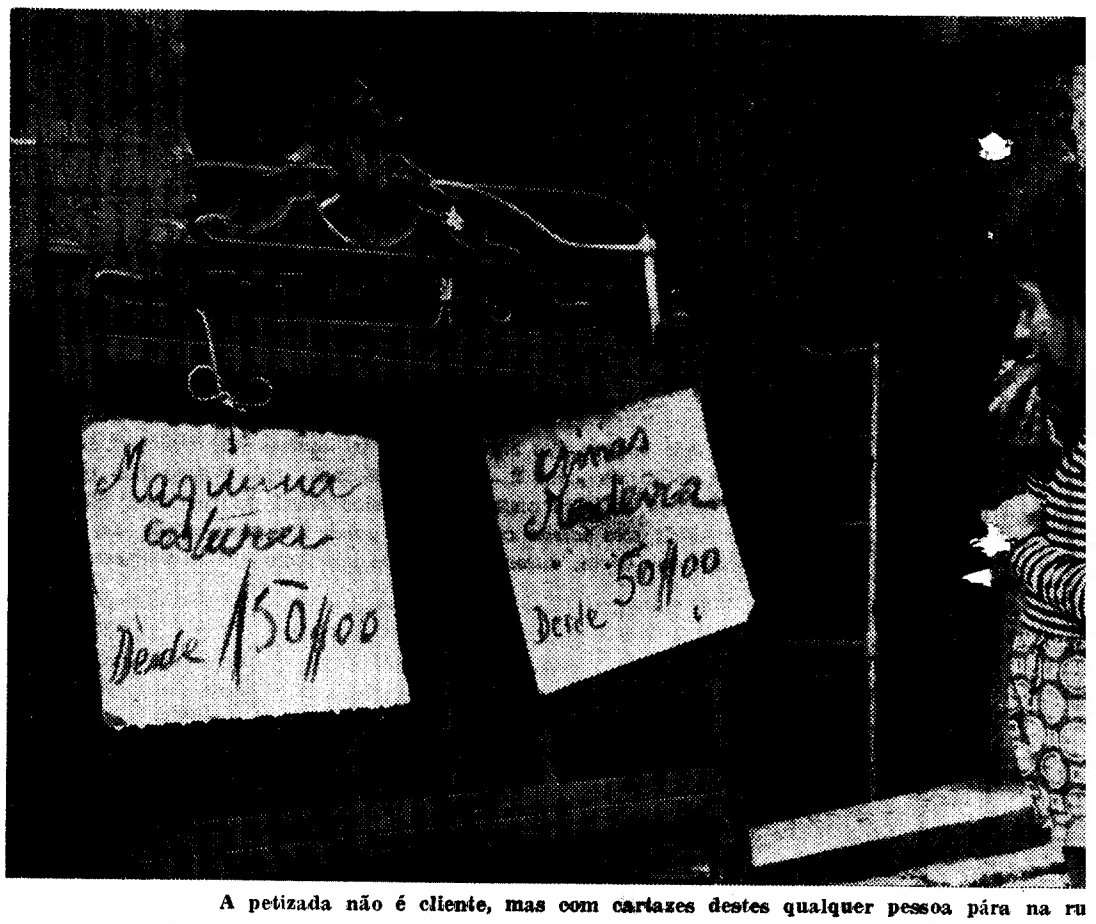
— *São três máquinas que para aí tenho. Uma trabalha, as outras não. Mas ninguém as quer. São muito antigas, são de «barquinhos». Ainda não vendi nenhuma.*

Máquinas de costura a 150$00: abríramos a boca de espanto, mas com isto de velharias não se sabe onde principia e acaba a surpresa. Querem ver? É outra vez o sr. Alves a falar:

— *Aqueles fogões a gás são a 20$00 cada, mas só um funciona.*

— Afinal, quem é a sua freguesia?

— *Esses gajos pobres das barracas é que me compram. Gente boa não vem aqui...*



A petizada não é cliente, mas com cartazes destes qualquer pessoa pára na ru

E, no entanto, podem-se encontrar, neste interessante «antiquário», máquinas de petróleo a 15$00; cadeiras a 10$00 (o preço de 40 cigarros); cinco quadros de bicicletas por 40$00; lavatórios de ferro de 10$00 até 40$00; gaiolas de arame de 7$50 a 10$00; candeeiros de tecto para 20$00; e muitas outras utilidades de que não perguntámos o preço.

CAMAS E GARRAFAS

Quanto a camas, o sr. Alves também anuncia as de madeira, à porta, ao preço sugestivo de 50$00.

— *Mas as camas de madeira podem custar 150$00* — confessou-nos.

As camas de ferro são mais baratas e podem comprar-se por 60$00 ou 80$00.

— *Também vendo garrafas a $50 cada. Só vendo às 500. Menos de 500 não vendo. Sabe? Só para varrer, para desaparecer.*

— Então, e o senhor ganha com isto?

— *Se se ganha? Muitas vezes sabe Deus. Isto está fraco. Não dá nada.*

E i
— *O*
balhar
O sr
roupa
isso g
a vend
dá. A
de co
— um
pode
(ou s

A MADEIRA FOTOGRAFADA POR VARELA PÊCURTO

ÉVORA, 27 — A exposição itinerante de fotografias documentais da Madeira foi aqui inaugurada na Delegação da F.N.A.T. O certame mostra imagens do arquipélago, tentando provar que vale a pena fazer a viagem (de avião para os mais endinheirados ou apressados, de barco para as bolsas mais modestas, numa viagem que não chega a trinta horas).

O catálogo tem legendas de Varela Pècurto e está impresso em português, inglês, francês, alemão e sueco, já que se prevê a apresentação da exposição no estrangeiro.

A colecção compõe-se de 200 fotografias, nem todas da autoria do promotor da exposição (Varela Pècurto), pois a breve estada deste na Madeira não permitiu ilustrar todos os temas.

Para comemorar a realização do certame foi cunhada uma medalha da autoria do artista Vasco Benardo.

Em três linh

Está aberto concurso publico para a arrematação de empreitada da obra n.º 49 (construção dos edifícios para oficinas e instalações sanitárias do Serviço de Apoio Logístico (S.A.L.) do Laboratório de Física e Engenharia Nucleares). Depósito provisório: 150 000$00.

///

Na Direcção-Geral da Aeronáutica Civil está aberto concurso publico para adjudicação do fornecimento de um helicóptero terrestre ligeiro, de 3 a 5 lugares.

///

Tornam-se extensivos ás províncias ultramarinas, excepto Macau, os acordos sobre reembolso das despesas com prestações em espécie e prestações medicamentosas e, bem assim, o Acordo Administrativo Relativo ás Modalidades de Aplicação da Convenção Geral entre Portugal e a Espanha sobre Segurança Social.

///

O sr. eng.º António Augusto de Figueiredo da Silva Martins foi contratado para desempenhar o cargo de director do Gabinete da Área de Sines.

///

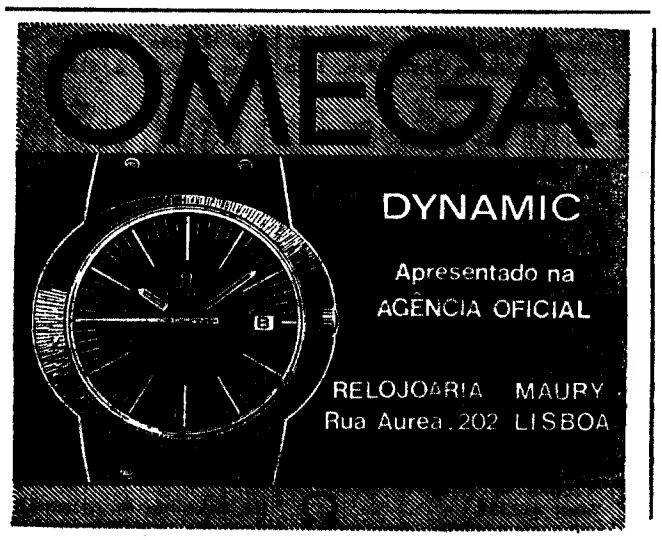
Foi exonerado, a seu pedido, do cargo de chefe de secção interino do quadro aprovado por lei da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, o sr. Artur Ferreira Moço.

///

O sr. capitão Vítor Martins dos Santos foi nomeado adjunto do Comando-Geral da P. S. P. de Angola.

///

O amador fotográfico conimbricense, sr. António Teixeira, conquistou o 1.º prémio (tema livre) no I Salão de Arte Fotográfica, do Viana Taurino Clube, de Viana do Castelo, e foi-lhe conferido o troféu má-



INGLÊS BÁSICO

Inúmeras pessoas gastam inùtilmente 3, 5, 7, 12 anos a estudar línguas e não conseguem FALAR nem sequer PERCEBER fáceis diálogos de filmes!... Afinal para uma BASE de conversação 850 palavras simples chegariam. (O vocabulário normal oscila entre 300 palavras do lavrador e 7000 do diplomata.)

O Prof. Vasco Botelho de Amaral, linguista especializado e superiormente qualificado no Estrangeiro, Director do **CENTRO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS** (Rua Mouzinho da Silveira, 25, Lisboa 2), recomenda as seguintes normas essenciais no ensino PRÁTICO das Línguas:

1.º, Economia de palavras; 2.º) Percentagens de uso; 3.º) Selecções frequenciais de conceitos; 4.º) Planificações estruturais; 5.º) Consolidação áudio-oro-visual (cursos INTENSIVOS).

Assim pouparemos cérebros, tempo e dinheiro.

ra na rua

E insistindo:

— *O que me vale é eu trabalhar por fora...*

O sr. Alves também guarda roupa às lavadeiras e com isso ganha dinheiro, porque a venda da «tarecada» pouco dá. Apesar de as máquinas de costura custarem 150$00 — uma surpresa que o leitor pode topar quando descer (ou subir) a Rua da Rosa.

nhas

ximo do certame, taça «Governador Civil», pela seu trabalho «Aguarela do Mondego».

///

Assumiu as funções de comandante do Centro de Instrução e Condução Auto n.º 4, de Coimbra, o sr. tenente-coronel António José Ribeiro, natural daquela cidade, que regressou de uma comissão de serviço na Guiné, onde exerceu o cargo de chefe do Estado-Maior do Comando Territorial Independente.

UMA LEITORA DIZ QUE FALTOU LIBERDADE RELIGIOSA NA PROVA DE LITERATURA PORTUGUESA (2.ª CHAMADA)

De uma nossa leitora recebemos a seguinte carta:

«Sr. director: Creio que será oportuna a publicação no vosso jornal de um breve comentário a uma das provas de Literatura Portuguesa dos exames de 7.º ano da época findа (2.ª chamada).

O meu comentário incidirá apenas sobre o grupo III do referido ponto de exame, grupo esse que pedia ao aluno uma «Composição» baseada nos seguintes dados: «De mistura com trechos de lirismo profano, legam-nos os nossos escritores, quer religiosos, quer leigos, páginas que são, por vezes, de grande elevação espiritual — testemunhos inequívocos de genuino culto mariano».

Recordando-se de tais leituras, da observação de elementos iconográficos (*) da Virgem, de factos relacionados com a sua experiência religiosa, elabore uma composição, a que se ligue, se possível, verdadeira emoção pessoal, quaisquer que sejam as suas ideias acerca do Mundo e da Vida».

(*) Esta palavra, de origem grega, relaciona-se com *iconografia* — descrição de *imagens*, quadros, bustos.

A simples leitura deste enunciado, transcrito «ipsis verbis» do original, creio que deveria ter sido bastante para que o ponto em questão tivesse sido rejeitado como impróprio para constituir prova de exame para a totalidade dos candidatos á 2.ª chamada de Literatura Portuguesa. Com efeito, verifica-se que quem elaborou este ponto parte do princípio (absolutamente falso) de que *todos* os alunos do 7.º ano de Letras podem contar, não apenas com as leituras que obrigatòriamente fizeram de autores portugueses que focassem a Virgem Maria como assunto dos seus escritos, mas também — o que é absurdo —, com «observação de elementos iconográficos da Virgem», «factos relacionados com a sua experiência religiosa», e, *se possível* (!), verdadeira emoção pessoal». Como nota que considero *verdadeiramente humorística*, o professor autor deste texto sublinha o facto de o ter escrito com consciência plena de que não estava a dirigir-se apenas a alunos católicos, visto que pede a esses e a todos os outros que dissertem sobre o mesmo tema, «sejam quais forem as suas ideias acerca do Mundo e da Vida».

Isto equivale a dizer que um aluno ateu, protestante, judeu, maometano ou budista — indiferentemente e na opinião de quem elaborou o enunciado de tão douta «Composição» —por força terá tido «experiência religiosa» relacionada com Nossa Senhora, como por força terá tido ocasião de observar «elementos iconográficos da Virgem». Poderá apenas não conhecer o significado da palavra «iconográficos» e, em atenção a essa lamentabilíssima ignorancia, não se deixou de fornecer ao aluno um «glossário» esclarecedor (o que me parece de novo sumamente humorístico, por razões óbvias...).

Também se espera que, se possível, o mesmo aluno — ateu, protestante, judeu, maometano ou budista — possa falar da Virgem Maria com «emoção pessoal». Não lhe é de facto *exigida* essa «emoção». Mas apesar de tudo pede-se-lhe que «faça o possível» por senti-la e transmiti-la através da sua redacção...

Sou católica, praticante, educada dentro de todos os aspectos do «culto mariano». Mas o facto de eu o ser, não me impede de considerar revoltante que se peça, indiscriminadamente, a todos os alunos do 7.º ano de Letras, que o sejam também (pelo menos durante os minutos destinados a elaborar a composição do seu ponto de exame...).

Numa ocasião em que na Assembleia Nacional está em discussão um projecto de lei de liberdade religiosa, parece-me que este ponto deveria ter sido automàticamente rejeitado como atentatório dessa liberdade. E, em qualquer altura, deveria tê-lo sido igualmente como discriminatório e conducente a injustiças flagrantes de classificação — por colocar os alunos com formação religiosa católica em absoluto favoritismo; e por inibir todos os que dessa formação não beneficiaram de demonstrar os seus conhecimentos de Literatura Portuguesa, independentemente de quaisquer outros que só por acaso poderão ligar-se com esses. E o exame, de facto, era um exame de Literatura. Não era (não é), nem um exame de Arte Sacra, nem, muito menos, um exame de «experiências religiosas» ou de «emoções religiosas».

Não sei ao certo se alguém se terá ocupado a criticar este ponto nas colunas do vosso jornal. Embora leitora assídua do «Diário de Lisboa», e atenta á publicação dos pontos de exame — porque sou professora de Português — a verdade é que esta «2.ª chamada» me escapou na altura devida, e só agora, por mero acaso, tive conhecimento de que se processara nestes moldes.

Talvez valha a pena acrescentar ainda que, dos muitos textos que de facto existem em português e que focam o culto mariano de um ou de outro modo, creio que a esmagadora maioria dos alunos do 7.º ano conhecerá apenas as «Cantigas de St.ª Maria» (Idade Média); alguns excertos de autos vicentinos e alguns desses autos na íntegra; um ou dois textos de Manuel Bernardes dedicado a Nossa Senhora; talvez poesias gongóricas do século XVII; um soneto de Antero de Quental; possivelmente poesias de João de Deus e Augusto Gil; e talvez uma poesia de José Régio. Não creio que sejam obrigados a conhecer nada mais — ou pouco mais além disto. Chega para fazer uma composição sobre o culto mariano reflectido na Literatura Portuguesa? Certamente. Mas não haverá outros temas — mesmo no prisma religioso — que pudessem, pela sua frequência, tê-los impressionado mais profundamente?

Como, porém, Literatura e Religião me parecem independentes; e como considero absurdo avaliar dos conhecimentos adquiridos acerca da língua e dos escritores que a cultivaram, ao mesmo tempo que se avalia também da capacidade ou do interesse que o aluno manifesta por determinado tema religioso, parece-me inútil levar mais longe estas considerações.

Normalmente, nas normas para classificação de provas de exame, é imposto ao professor que as corrige, que atribua determinada pontuação a cada um dos tópicos de um tema de desenvolvimento. Resta-me a esperança de que, em relação a esta prova, e em concreto em relação a este grupo do questionário, tenha havido o bom-senso de exigir apenas que os alunos demonstrassem

(Continua na 13.ª página)

O muito é feito de pouco. Ganhando menos consegue-se mais.
Grande Ourivesaria da Moda
RUA DA PRATA, 257

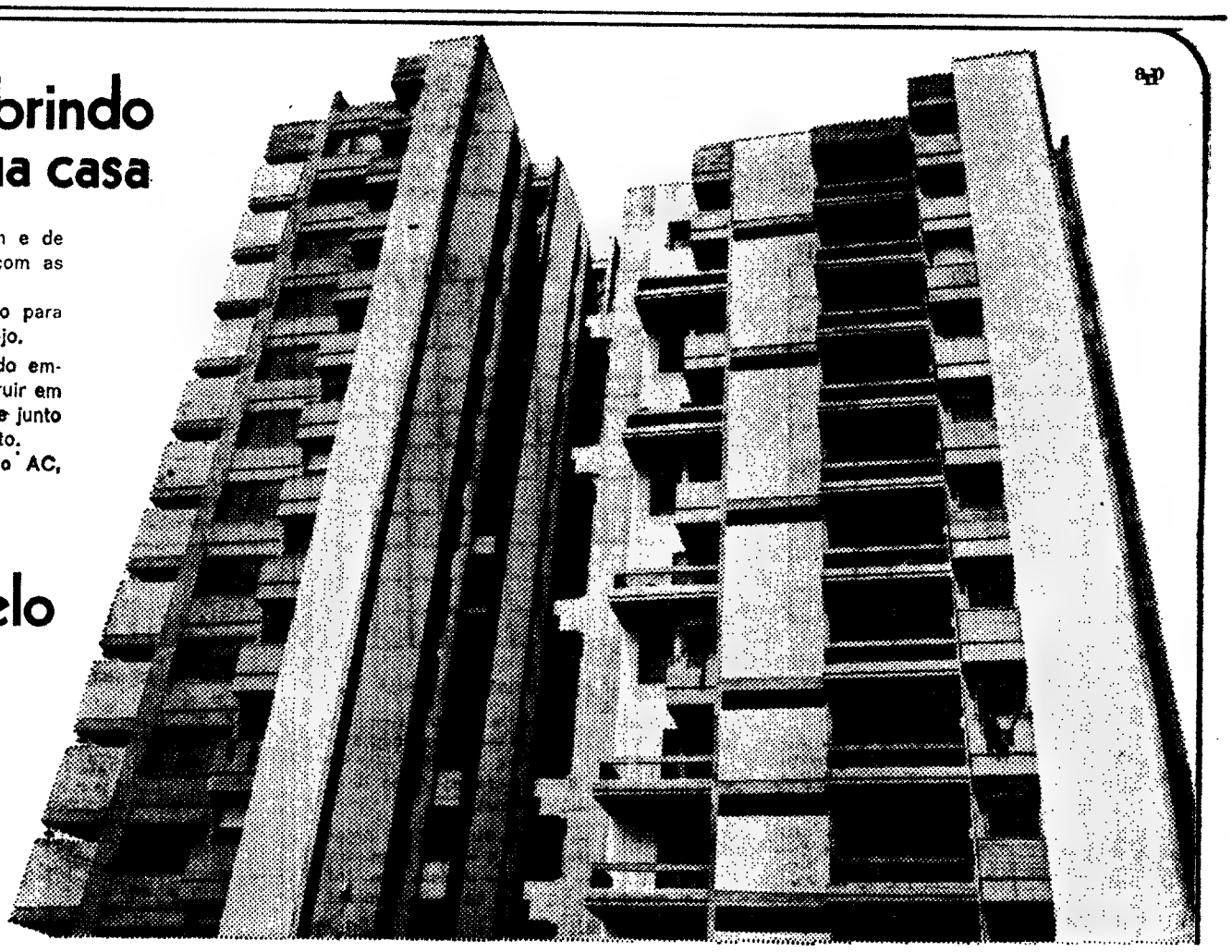
CONHEÇA CONNOSCO A MADEIRA
SEJA "TURISTA PIONEIRO" VISITANDO A PRIMEIRA CIDADE TURÍSTICA DA ILHA DA MADEIRA
*de 11 a 19 de Setembro
PREÇO PROMOCIONAL DE 8 DIAS COM VIAGEM E ESTADIA ... 3.450$00
EXCURSÕES PORTO MONIZ FAIAL, PORTELA FUNCHAL A NOITE
AGÊNCIA DE VIAGENS ROTA DO ATLÂNTICO FUNCHAL
GUARDE DAS SUAS FÉRIAS UMA RECORDAÇÃO PARA SEMPRE
MATUR · av. Infante Santo, 66 F
telfs. 673028-673195-674159-Lisboa 2

encontre-se descobrindo a sua casa

A casa é o cenário da vida, ponto de paragem e de partida, lugar de recuperação e reconciliação com as horas desgastantes de todos os dias.
A casa deve ter um grande rigor de concepção para permitir que você a adapte à escala do seu desejo.
Visite os 5 apartamentos modelo da TORRE 2 do empreendimento urbano que a SIURBE está a construir em Alferragide, a 5 minutos do Marquês de Pombal e junto à mais importante zona verde de Lisboa, Monsanto.
Projecto do Atelier Conceição Silva, construção AC, Trabalhos de Arquitectura e Construção.

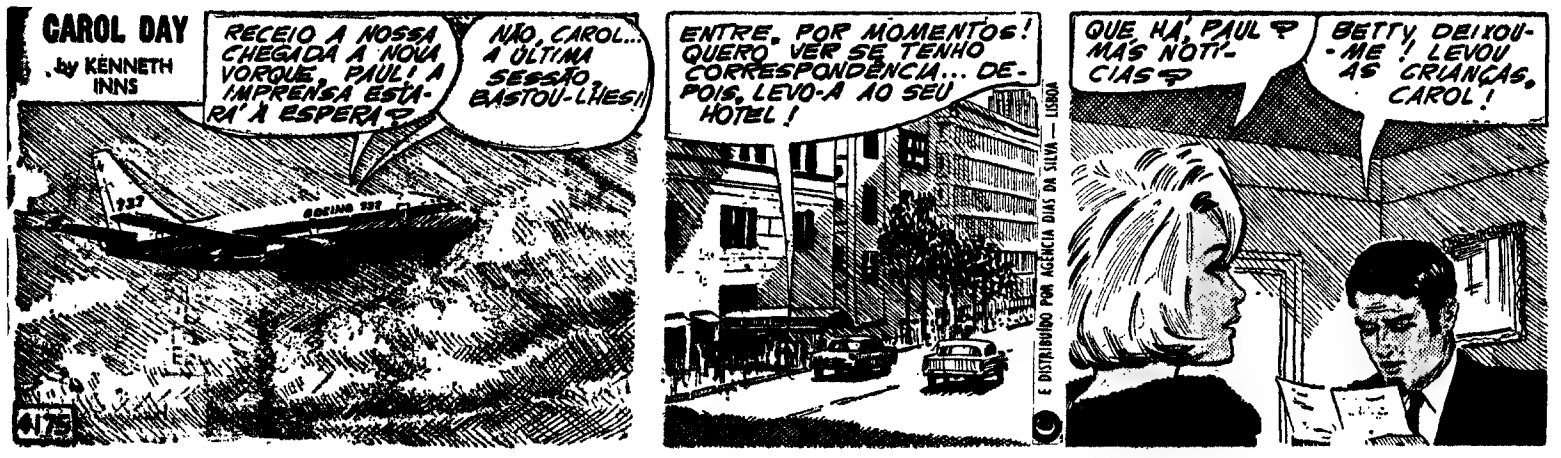
visite os 5 apartamentos modelo

SIURBE
SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS URBANOS SARL

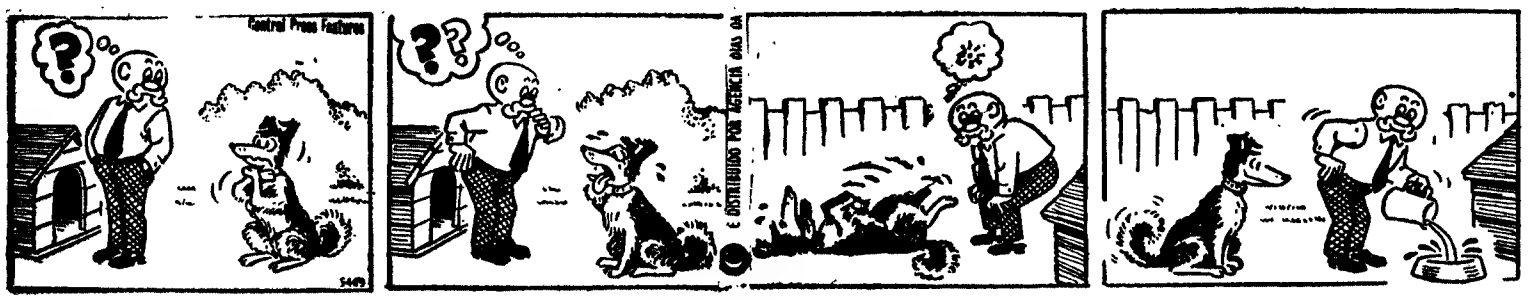


OS PEANUTS

CAROL DAY



AVENTURAS DO TIO CARLOS



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 27 de Agosto de 1941 publicava:

«CHUNG-KING, 27 — Quotaichi, ministro dos Estrangeiros, disse o seguinte aos representantes da Imprensa: «A China recebeu muito bem o grave e vigoroso aviso de Churchill ao Japão, contra as agressões no Extremo Oriente. Este aviso combinado, com as conversações americano-japonesas em Washington e Tóquio, põe em evidência que os aliados não estão dispostos a deixar o Japão continuar com a sua política agressiva».

Militares falecidos no Ultramar

BISSAU, 27. — (L.) — Faleceu na Guiné, por doença, o primeiro-cabo n.º 10987969 Armando Nogueira, natural de Fafe, filho de João Baptista Nogueira e de Conceição Leite Andrade.

LUANDA, 27 — (L.)—Faleceu, na província de Angola, num acidente de viação, o soldado do recrutamento da província n.º 61847470, Manuel Lopes de Azevedo, natural da Quivala, filho de Francisco Lopes de Azevedo e de Isabel Gabriel Almeida.

LOURENÇO MARQUES, 27 — (L.) — Faleceu em Moçambique, por doença o soldado do recrutamento local n.º 730543/71, Fernando João, filho de João Ziza e de Joaquina Patrício.

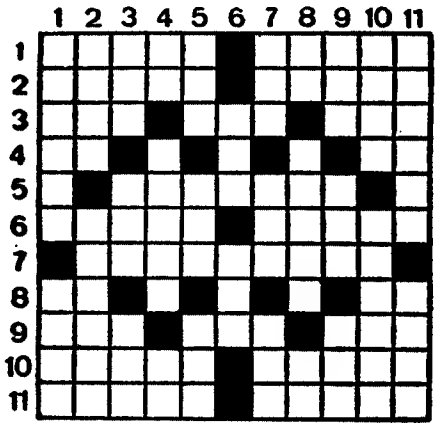
Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5996

HORIZONTAIS: 1 — Afluente do Douro. Estacionas. 2 — Venero. Nome de mulher. 8 — Pronome pessoal. Azáfama. Consentimento. 4 — Bário (s. q). Vê. 5 — Formigas brancas (Bras.). 6 — Cidade de Itália. Encolerizais. 7 — Rosados. 8 — Germânio (s. q.). Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. 9 — Fileiro. Fluído aeriforme. Ice. 10 — Distrito da India Portuguesa. Aguçar. 11 — Rezara. Mulher que foi amada por Petrarca

VERTICAIS: 1 — Danças o samba. Vara. 2 — Transfere para outros dias. Ter anelação. 3 — Agradável. Istmo montanhoso que liga á Indochina á pennsula de Malaca. Governanta. 4 — Sufixo que designa estado. Nenhuma vez. Viração. 5 — Rate. Cidade do Estado de São Paulo. Distrito da India Portuguesa. 6 — Tempo do verbo ir. Artéria. 7 — Rainha de Portugal. Claridade. Ilha do arquipélago de Cabo Verde. 8 — Alteza Real (abrev.). Untuoso. Nota musical. 9 — Rente. Saudáveis. Pequeno fruto cor de chumbo (Bras.). 10 — O mesmo que indigo (matéria corante). Separar. 11 — Farinha tal qual fica depois de se lhe extrair o rolão (pl.). Coisa brando (fig.).



Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5995

HORIZONTAIS: 1 — Tlm. Fiam. 2 — Aer. Cós. Mão. 3 — Nu. Marat. Mr. 4 — Samarra. 5 — Ofega. Aérea. 6 — Afi. Saí. 7 — Arrfaça. Alisa. 8 — Maceres. 9 — Sc. Socou. Pt. 10 — — Aue. Ras. Per. 11 — Rela. Vaso.

VERTICAIS: 1 — TANTO. Assar. 2 — LEU. Fam. QUE. 3 — Ir. Selam. El. 4 — Mágicas. 5 — Carna. Açor. 6 — Tara. Ecar. 7 — Sara. Aros. 8 — TRESLEU 9 — Im. Anais. Pá. 10 — Aam. Eis. Pés. 11 — Morta. Astro.

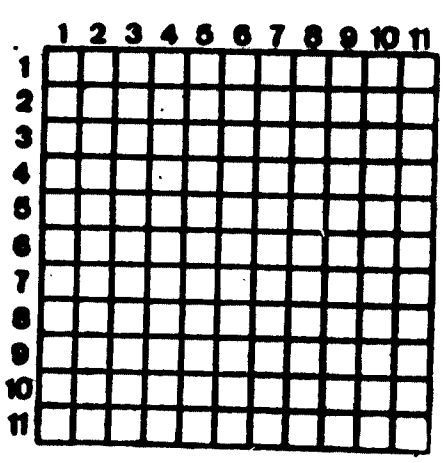
Provérbio: TANTO LEU QUE TRESLEU.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9839

HORIZONTAIS: 1—Vinho de palmeira, cozido duas ou três vezes (Ind. Port.). Encontram. 2 — Prender com elos. Miséria (pop.). 3 — Em os. Ruído. Trocar. 4 — O mesmo que coca (Bras.). Julgar. 5 — Nome de mulher. Reuma. 6 — Transforna. 7 — Uni. Cidade do Peloponeso, perto do golfo de Náuplia 8 — Afia. Venábulo. 9 — Troças. Extremidade do braço. Aqui está. 10 — Torno. Prendei. 11 — Em má hora (Ant.). Guarnecera de asas

VERTICAIS: 1 — Espécie de capitão, entre os antigos povos da Indochina. Epístola. 2 — Esconde Preparar com ópio. 3 — Roçar. Fatia. 4 — Atmosfera Inspirar (fig). Grande ribeira da Ásia Russa. 5 — Transpiraríam. 6 — Rio de Itália. Antigo definido. 7 — O comércio. 8 — Sufixo que designa estado. Senha. Antigo definido. 9 — Quebrei. Frincha. 10 — Aguçam. Detestar 11 — Teima. Pessoa muito parecida com outra



SOLUÇÃO DO PROBLEMA .N.º 9838

HORIZONTAIS: 1 — Lapas. Amaça. 2 — Etas. Oral. 3 — Tós. Coa. Ali. 4 — Rasparamos. 5 — Anais. Trará. 6 — Mas. Ois. 7 — Ga. Má. Na. Be. 8 — Aia. Nei. Cri. 9 — Nardo. Atear. 10 — Grua. Rima. 11 — Oásis. Leais.

VERTICAIS: 1 — Letra. Gango. 2 — Atoar. Aiara. 3 — Passam. Arus. 4 — Ás. Piam. Dai. 5 — Cassano. 6 — Dor. 7 — Aitónia. 8 — Mó. Ária. Tre. 9 — Aramas. Ceal. 10 — Calor. Brami. 11 — Alisa. Eiras.

EXCURSÃO DA CP

DIA 29 DE AGOSTO

«TOMAR E PASSEIO DE BARCO NA ALBUFEIRA DO CASTELO DO BODE»

Entre um céu azul, cenários que lembram paisagens suíças e a panorâmica inconfundível da serra eis o que nos propomos oferecer para um domingo calmo e... bonito.

Tomar Barragem do Castelo do Bode e, até á Ilha do Lombo, fará um mundo diferente, pois a Natureza, ora violenta ora suave, oferece-nos uma extraordinária riqueza paisagística.

Preço (tudo incluido), 280 escudos

Informações telefónicas (Telefone 367539).

Distribuição de programas descritivos, informações e inscrições: Estações de Lisboa (Rossio e Lisboa (Santa Apolónia); Centrais do Caminho-de-Ferro de Lisboa; E. G. T. Rua do Arsenal, 124; e demais Agências de Viagens.

Em CORUCHE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no Café-Restaurante Lusitano.

A C. P. INFORMA:

A partir do dia 6 de Setembro de 1971 deixa de estar guarnecida a estação de Castedo, pelo que a venda de bilhetes aos Srs. Passageiros aí embarcados passará a ser feita pelo revisor em trânsito, sem qualquer aumento.

Pelo mesmo motivo, esta estação deixa de receber e expedir bagagens e remessas de detalhe.

LOTE PARA PEQUENA QUINTA
ENTRE CASCAIS E TIRES
11.440 m2
VENDE-SE POR 450 CONTOS
SERVE PARA QUINTA, INDÚSTRIA OU ESTALEIRO
O PRÓPRIO: 282345 - 282388

ELECTRODOMÉSTICOS INDESITE
Aproveite a nossa campanha de preços, com facilidades e os nossos prémios.
CASA MAX
2-C — Av. Praia da Vitória — 2-F
193-A — R. D. Estefânia — 193-D
CASA MAX e DARDO
Mais um estabelecimento desta organização

APARTAMENTOS NO CENTRO DE CASCAIS
PROPRIEDADE JOAQUIM BARAONA
AV. VALBOM, 28-1.º Dto.
Telefs. 282345-282388
CASCAIS
JUNTO DAS PRAIAS E ESTAÇÃO DE C. DE FERRO
VENDEM-SE E ALUGAM-SE ▶ MOBILADOS E SEM MOBÍLIA
TRATAR COM JOAQUIM BARAONA
Av. VALBOM, 28-1.º — Telefs. 282345 e282388 — CASCAIS

Livros escolares para filhos dos profissionais das artes gráficas

PORTO, 27 — O Sindicato Nacional dos Profissionais de Artes Gráficas do Distrito do Porto vai distribuir livros escolares aos filhos dos associados que aufiram salário inferior a 140 escudos diários e que tenham, no mínimo, três filhos matriculados, da primeira á sexta classes. Os filhos dos sócios reformados inválidos ou doentes receberão livros escolares sem qualquer condicionalismo.

Os livros poderão ser requisitados em impressos próprios que serão distribuídos entre 20 de Setembro e 10 de Outubro.

O Sindicato instituirá, também um prémio para o melhor aluno de cada curso da Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis.

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Amélia de Sousa Telles Amaro de Morais Sarmento

Numa casa de saúde, faleceu, hoje, a sr.ª D. Amélia de Sousa Telles Amaro de Morais Sarmento, natural da Guarda, casada com o sr. dr. António Barbosa de Morais Sarmento, mãe do sr. dr. Manuel Amaro de Sousa de Morais Sarmento, casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Mendonça Tavares de Morais Sarmento, e irmã da sr.ª D. Maria Augusta de Sousa Telles Amaro Martins, casada com o sr. dr. Manuel Carlos Martins, e do sr. dr. João de Sousa Telles Amaro, casado com a sr.ª D. Maria Noémia de Vasconcellos Telles Amaro. O corpo encontra-se depositado na igreja de Nossa Senhora de Fátima, donde o funeral sairá amanhã, ás 9 e 15, para jazigo de família no cemitério de Maçainhas — Guarda. Os serviços fúnebres estão a cargo da Agência Magno.

Júlio Pereira Carinhas

UNHAIS DA SERRA, 27 — Faleceu o sr. Julio Pereira Carinhas, conhecido por «Tio Julio Banheiro», pois desempenhara, durante mais de quarenta anos, as funções de banheiro destas termas. Era reformado da industria de lanifícios, na qual trabalhava desde os oito anos.

Muito popular e estimado, contava 68 anos era viuvo e fez parte de um famoso grupo dramático do qual restam poucos sobreviventes. Desaparece, assim, uma figura típica desta terra.

FUNERAIS

Maria Leonor Souto Rocha

Um trágico acidente de viação, ocorrido na madrugada da última quarta-feira, próximo de Alvalade - Sado, roubou a vida á jovem Maria Leonor Souto Rocha, de 10 anos, filha única do nosso prezado camarada Nuno Rocha, da redacção do «Diário Popular», e de sua esposa, D. Maria do Sameiro Souto, coordenadora dos programas infantis da R. T. P.

O triste acontecimento causou grande emoção em todos os amigos da família, patenteada na profunda manifestação de pesar que o funeral, ontem realizado para o cemitério de Benfica, constituiu.

Na capela do Colégio de Santa Doroteia, estabelecimento de que a Maria Leonor era aluna, celebra-se amanhã, pelas 12 horas, missa em sua intenção.

Ao nosso camarada Nuno Rocha e sua esposa, apresentamos sentidas condolências.

José Domingues Crespo

PENAMACOR, 27 — Realizou-se, com grande acompanhamento, para o cemitério desta vila o funeral do sr. José Domingues Crespo. Contava 77 anos, natural desta vila, casado com a sr.ª D. Maria Centurio e pai dos srs. rev. António de Oliveira Crespo, Julio de Oliveira Crespo, propagandista de laboratório e José de Oliveira Crespo. Era muito estimado pelas suas qualidades e pertenceu á corporação da Guarda Fiscal.

SUFRÁGIOS

António Martins Sampaio

Sua família participa que, amanhã, dia 28, ás 12 horas, no altar de Santo António, na igreja de Nossa Senhora de Fátima, manda celebrar missa de 7.º dia, rogando a Deus pelo seu eterno descanso.

Estão no Hospital de S. José duas das três vítimas do acidente ocorrido em Freixofeira

• A filha do casal, de 11 anos, teve morte imediata

Recolheram ao Hospital de S. José, em estado muito grave, duas das vítimas do acidente ocorrido a noite passada, perto de Torres Vedras, no qual morreu uma criança de 11 anos.

O acidente ocorreu no lugar de Freixofeira, quando se despistou a furgoneta conduzida por Armindo Constâncio Santos, de 37 anos, motorista, que seguia acompanhado por sua mulher, Maria Odete Ferreira Santos, de 32 anos, e a filha de ambos, Lisete Maria, residentes em Madrupe, Lourinhã. Após ter chocado com uma árvore, na berma da estrada, a carrinha foi atingida pelo tronco que a esmagou, daí resultando a morte imediata da infeliz Lisete Maria.

Socorrido no hospital de Torres Vedras, o casal foi mais tarde transferido para Lisboa, em virtude de o seu estado inspirar sérios cuidados.

O cadáver da criança foi removido para a casa mortuária de Torres Vedras.

Outros desastres

Recolheram ao Hospital de São José, onde ficaram internados, com graves contusões pelo corpo, Benjamim Coelho, de 78 anos, ferroviário reformado, residente na Rua Senhora do Monte, 51, 1.º, em Lisboa atropelado por um automóvel na Avenida da Liberdade e Rita Gomes Serra, de 70 anos, residente na Travessa Marquês de Sampaio, n.º 44, 1.º, esq.º, colhida por um eléctrico na Rua da Boa Vista.

— Também recolheu aquele estabelecimento hospitalar António Miguel de Faro, de 18 anos, residente na Rua Filipe da Mata, 118, 3.º, vítima de um choque da motoreta que conduzia com um autocarro, em Albarraque, ficando em estado muito grave.

Corpo clínico do Hospital de S. João

Os srs. drs. Alberto Sampaio, António Julio Coelho da Silva e Sousa, António Pedro Salgado de Andrade Saraiva, D. Maria Carolina Aragão de Carvalho Borges e Rui Manuel de Sampaio de Paula Pinto foram nomeados, provisóriamente, por cinco anos, médicos graduados do quadro do pessoal do Hospital de São João, do Porto.

NOVO EDIFÍCIO PARA O INSTITUTO NACIONAL DO PÃO

O Instituto Nacional do Pão vai ter novo edifício para as suas instalações.

O respectivo concurso para arrematação da empreitada de construção foi aberto pelo Ministério da Economia (Secretaria de Estado do Comércio), na base de licitação de 17 299 678$00.

É de trinta dias o prazo de apresentação das propostas e o local de consulta do processo no referido Instituto, na Avenida 24 de Julho, 70.

O acto publico do concurso será ás 15 horas do primeiro dia util que se seguir ao termo do prazo estabelecido, de 30 dias, ou ás 10, se esse dia for um sábado

A LIBERDADE RELIGIOSA NOS PONTOS DE EXAME

(Continuação da 11.ª página)

«recordação das leituras feitas». Porque não teria sido absurdo, injusto, ridículo até, exigir-lhes tudo o resto, sem lhes perguntar primeiro se eles eram, de facto, devotos do culto mariano?

É ainda de acrescentar — e com muita estranheza e muita mágoa — que esta «Composição» era a unica possibilidade fornecida aos examinandos de demonstrarem os seus conhecimentos sobre literatura contemporanea e até sobre o século XVIII. Com efeito, o resto do questionário interroga-os sobre: I — uma écloga do séc. XVI; II — um passo de Gil Vicente e sua comparação com a crítica social inserta em composições do Cancioneiro Geral, D. Francisco Manuel de Melo ou Cruz e Silva (séc. XVI e XVII); e de novo um confronto entre a temática de Gil Vicente e a temática dos autores do século XVII.

Isto quer dizer que, para falar sobre a Literatura Portuguesa nos séculos XVIII, XIX e XX, o examinando só poderia fazê-lo se conseguisse rebuscar as obras que, através de 300 anos de poesia e prosa em lingua portuguesa, versaram Nossa Senhora como centro de inspiração. O que, em boa verdade — justo é dizê-lo — parece excluir quase todos os melhores artistas literários portugueses destes ultimos três séculos... Com honrosas e raras excepções, claro.

Esta «Composição» valia 6 valores (60 pontos), que poderiam ainda elevar-se a 7,5 (75 pontos) caso o aluno desse provas de qualidades de investigação pessoal, de originalidade e de relacionação. Bem mereceria este «bónus» quem tenha tido capacidade para encontrar na memória elementos para desenvolver o tema proposto e para em seguida conseguir «arrumar ideias» para lhe dar uma redacção bem articulada!

Como professora que sou, com prática de ensino de Literatura Portuguesa; e como aluna que fui, classificada no meu sétimo ano com 18 valores nessa disciplina — permito-me duvidar que algum aluno conseguisse satisfazer plenamente o que lhe era pedido. E fico a pensar que o que lhe era pedido valia pelo menos 6 valores, nos 20 máximos a atingir. Isto é, mais de 33 % da cotação total. — *Maria Rita Amaral*»

N. da R. — Segundo o texto dos artigos projectados para a revisão da nova Constituição é vedado obrigar-se um aluno a manifestar o seu credo religioso. Pelo ponto de Literatura Portuguesa (2.ª chamada) não só se não respeita essa intenção como se consideram todos os alunos do 3.º ciclo católicos praticantes.

Sabemos claramente que qualquer desvio das percentagens «normais» das provas escritas é sempre corrigido pela respectiva inspecção, mas não é sómente esse aspecto que está em causa, pois a prova interfere com sentimentos que não deviam ser chamados para o caso

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDUSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Setúbal em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento na freguesia de S. Simão, concelho de Setúbal, de uma linha aérea a 6 kV com 605 m, do apoio n.º 4 da linha RA 06-22-1 Peixelim ao posto de transformação da Argibetão, no local de Brejos de Azeitão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 24 de Agosto de 1971.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

A TODO O PÚBLICO PORTUGUÊS

A **FORD CAR P. D. C., LDA.,** LAMENTA NÃO TER PODIDO AINDA FAZER, COMO ERA SUA VONTADE, A INAUGURAÇÃO OFICIAL DA COMPANHIA E DOS SEUS SERVIÇOS.

TAL DEMORA, DE QUE PEDIMOS DESCULPA, DEVE-SE A RAZÕES BUROCRÁTICAS.

A CONSTITUIÇÃO DA **FORD CAR P. D. C., LDA.,** REALIZAR-SE-Á MUITO BREVE E AGRADECEMOS, PROFUNDAMENTE RECONHECIDOS, O BOM ACOLHIMENTO E CONFIANÇA QUE OS NOSSOS CLIENTES NOS QUISEREM DISPENSAR, NA FASE DO LANÇAMENTO DA COMPANHIA

A **FORD CAR P. D. C., LDA.,** TRAZ A PORTUGAL A EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL DA **FORD CAR CLEANING,** QUE SE ENCONTRA ESTABELECIDA EM VÁRIOS PAÍSES DA EUROPA.

A **FORD CAR P. D. C., LDA.,** ESTÁ ASSIM LIGADA A UM GRUPO DE GRANDE DIMENSÃO FINANCEIRA E ESPERA SERVIR COM OS SEUS TÉCNICOS, SERVIÇOS E PRODUTOS TODO O PORTUGAL COM A MESMA EFICÁCIA E EXCELÊNCIA QUE A CARACTERIZAM NO RESTO DA EUROPA.

A NOSSA SEDE ESTÁ INSTALADA NA ALAMEDA ST.º ANTÓNIO DOS CAPUCHOS, N.º 6-A/B — EM **LISBOA.**

Actualidade internacional

A CHINA INTERESSADA NUMA EUROPA FORTE

PARIS, 27 — (F. P.) — Numa entrevista concedida ao jornal «La Croix», Alain Peyrefitte, presidente da comissão dos assuntos culturais, familiares e sociais da Assembleia Nacional francesa, recentemente regressado da China, onde conduziu uma delegação parlamentar, analisa o interesse de Pequim pela construção europeia e considera que «os chineses parecem considerar que uma Europa forte menos dependente dos Estados Unidos, será, quanto a eles, um potente contributo para o equilíbrio das duas hegemonias».

«Mutatis Mutandis» — prossegue Peyrefitte —, «o reforço da autonomia dos países da Europa Ocidental em relação aos americanos apresenta-se, ao olhos dos chineses com o mesmo sentido que o reforço da independência dos iugoslavos, dos albaneses e dos romenos em relação aos russos».

O antigo ministro do general de Gaulle acrescenta que «a China sente-se cercada».

«Encontrar um caminho para uma normalização das relações com a América», diz ele, «é impedir que o círculo se feche... Não haverá normalização das relações com os americanos enquanto os Estados Unidos não se comprometerem irrevogàvelmente a retirar todas as suas tropas da Indochina e da Formosa».

«Há apenas uma pergunta», declara ainda Peyrefitte «Os Estados Unidos reconhecerão ou não Pequim como governo legal da China? Mas eles já começaram a responder: como pode haver deslocação a um país cujo governo não se reconhece? O convite solicitado e aceite pelo presidente Nixon parece indicar que a sua decisão se encontra praticamente tomada. Desde que tenha sido tomada oficialmente, o problema da entrada de Pequim na O N U, será solucionado ao mesmo tempo. Enquanto não o tiverem feito, não haverá normalização das relações sino-americanas».

Abre-se o caminho para a entrada das duas Alemanhas nas Nações Unidas

LONDRES, 27 (ANI) — A Republica de Pankow concorda em limitar o seu poder sobre as estradas de acesso a Berlim e obtém, em troca um maior reconhecimento internacional» — comenta hoje o «Times», a propósito da concretização do novo acordo sobre Berlim considerado um primeiro passo para o desanuviamento no centro da Europa.

«A Republica Federal Alemã retira as objecções ao reconhecimento diplomático da Republica de Pankow por outros países e abre-se o caminho para que ambas as Alemanhas entrem nas Nações Unidas» — acrescenta o jornal.

UMA GRIPE não impediu Marilyn Ward, de 21 anos, de conquistar, em Blackpoo., o título de «Miss Reino Unido» e o prémio de 70 contos, alem de outros 700 contos em compensações diversas. Marilyn torna-se ainda, automàticamente, candidata a mais um título: o de «Miss Mundo»

Agências de publicidade invadidas pelas militantes femininas

NOVA YORK, 27 — (R.) — As mulheres americanas militantes do movimento de libertação feminino, regressaram hoje às suas actividades normais, depois de terem dado vazão à sua indignação, efectuando marchas de protesto.

Cerca de 6000 mulheres protestando contra a discriminação de que é vítima o sexo fraco, desfilaram pela Quinta Avenida, em direcção ao Central Park, onde se realizou um comício. Ali, a principal oradora foi a já célebre Betty Friedan, fundadora do Movimento de Libertação da Mulher, a qual incitem as mulheres a empregarem o seu poder político para obterem, nomeadamente idênticas oportunidades de trabalho e infantários para deixarem os filhos durante o dia.

«Pretendemos transformar este país e fazer com que de autêntico mercado de morte passe a ser um país que dê prioridade aos valores humanos, contra o racismo e contra a discriminação de sexos» — disse Betty Fridan à multidão que a aplaudiu ruidosamente, ouvindo-se à mistura alguns apupos.

Delegações femininas avistaram-se com o «mayor» John Lindsay, de Nova York, e com o «mayor» Richard Daley, de Chicago, para protestarem contra a posição de inferioridade em que as mulheres se encontram nos respectivos serviços municipais.

Muitas das fundadoras do movimento de libertação lamentam as actividades provocadoras dos grupos de lésbicas, as quais chama sobre elas uma atenção excessiva, desacreditando o movimento que, aos olhos de muitos homens, passa a ser sinónimo de preversão e anormalidade.

Esta reacção verificou-se por parte de alguns espectadores masculinos que, ao verem passar as manifestantes pela Quinta Avenida, comentavam depreciativamente: «Cambada de lésbicas. Elas falam porque não conseguiram arranjar um homem mesmo que quisessem».

Entretanto outras delegações de militantes femininas invadiram, ontem, várias agências de publicidade, para entregarem prémios simbólicos constituídos por chapéus velhos barretes e orelhas de burro aos responsáveis por aquilo que elas consideram serem os dez anúncios mais ofensivos do ponto de vista feminino.

Numa das agências de publicidade, segundo revelou uma das «guerrilheiras», os homens esconderam-se todos na casa de banho, para não enfrentarem as invasoras.

«Foi uma atitude mesmo digna de homens», comentou ela, ainda indignada.

Várias mulheres, transportando cartazes onde se lia «Acabem com a segregação na Wall Street», desfilaram até ao centro financeiro de Nova York, onde foram insultadas por operários da construção civil empoleirados nos andaimes.

NOVA «GUERRA-FRIA» SINO-SOVIÉTICA

LONDRES, 27 (ANI) — O conflito entre a URSS e a China aproxima-se de um novo apogeu — confirma-se em círculos diplomáticos londrinos.

Os russos estão a demonstrar nervosismo crescente quanto ás recentes incursões chinesas nas esferas moscovitas de influência no Leste europeu e no Extremo Oriente, receando que as interferências de Pequim levem, nomeadamente, á dissolução do Pacto de Varsóvia.

A ansiedade russa teria aumentado com alguns êxitos obtidos recentemente por Pequim na Roménia e na Jugoslávia, bem como na Coreia do Norte e até na zona árabe, onde o Sudão passou, em certa medida, para a órbita dos chineses.

Os dirigentes russos moveram agora uma campanha em larga escala contra os designios maoista, procurando combater as tentativas da China continental para assumir papel de relevo na política internacional.

No entanto, a nova «guerra fria» declarada pelos russos deixou a porta aberta para uma possível melhoria de relações com a China — considera-se nos círculos diplomáticos londrinos

«Se Pequim levantasse um só dedo, os russos estariam logo prestes a conferenciar com eles ou a entrar em qualquer outra espécie de negociações políticas» — afirmou, há dias, um diplomata comunista.

No entanto, a China tem resistido a todas as sugestões de que se efectue um encontro.

Já este mês, um comentário publicado na Imprensa de Pequim, dava a seguinte resposta indirecta a Moscovo:

«O social-imperialismo dos russos assenta sobre um vulcão e está a enfrentar tempos muito difíceis. Internamente, enfrenta contradições insuperáveis e, internacionalmente, grande descontentamento, dadas as suas teorias de soberania limitada, ditadura internacional e comunidade social. Tais teorias têm surgido aos olhos do mundo como expansionistas e agressivas»

Numa recente entrevista, o chefe do Governo chinês, Chu En Lai, manifestou até o receio de que os russos se atrevam a atacar a China.

Em círculos diplomáticos firma-se que tal afirmação reflecte o agravamento do conflito sino-russo, já muito acentuado pela próxima visita do presidente Nixon a Pequim.

Entretanto nada se conseguiu ainda nas conversações que russos e chineses efectuam em Pequim desde 1969, para resolverem os seus conflitos fronteiriços.

Padre operário preso em Madrid

MADRID, 27 (F. P.) — O padre Francisco Garcia Salve, de Prieto, um padre operário madrileno, foi preso ontem, por ter batido e ferido um polícia.

O padre, acompanhado por três operários, num bairro popular, colava cartazes convidando á greve os operários da construção civil quando chegou um carro da polícia. Um dos agentes que tentou dominar o padre foi atacado por este e teve de ser levado para o hospital.

O padre operário foi posto á disposição do tribunal de ordem publica. Os seus companheiros conseguiram escapar-se.

ANDAR

NO RESTELO

Bem localizado, em prédio de luxo, composto de 8 div. soalhadas, cozinha, copa, despensa, marquise, hall e 3 casas de banho, arrecadação.

PREÇO — 1.600 contos.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telefones 339334 5/6-328232/3-361756

AS MULHERES EXIGIRAM O PODER POLÍTICO

(Continuação da 1.ª página)

Apenas alguns transeuntes se manifestaram contra o desfile, assinalando o 51.º aniversário do sufrágio feminino nos Estados Unidos. Um deles, mais ousado, gritou para as mulheres: «Medonho, terrível, nojento».

A marcha, um de vários protestos e comícios efectuados em cidades americanas no aniversário do sufrágio, realizou-se um ano depois do dia da greve das mulheres a favor de igualdade, nos Estados Unidos. Não houve greve este ano.

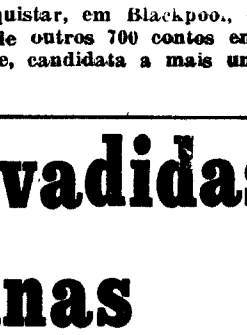
Coordenadoras da Marcha das Mulheres a Favor da Igualdade em 1971, como foi denominada a manifestação de protesto, indicaram exigências femininas: igualdade perante a lei, centros de pediatria, educação e empregos iguais e poder político.

O desfile em Nova York, de longe o maior que se realizou ontem no país, atraiu representantes de vários grupos femininos, incluindo o das lésbicas radicais. «Mulheres com mais de 45» e algumas das sufragistas que participaram na parada original em 1920.

IENE FLUTUANTE

TÓQUIO, 27 (F. P.) — A moeda nipónica, o iene, tornar-se á flutuante a partir de amanhã, sábado — anuncia-se oficialmente.

AFIFE



ANTÓNIO MARTINS SAMPAIO

MISSA DO 7.º DIA

Sara Rodrigues Palva Sampaio, Humberto António Rodrigues Sampaio e mais família participam que amanhã, dia 28, ás 12 horas, no Altar de Santo António — na igreja de Nossa Senhora de Fátima, será celebrada missa pelo eterno descanso do seu muito querido marido, pai e parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

A. G. MAGNO, LDA.
Av. Almirante Reis, 129-A
Telef. 51586

QUINTO CASAMENTO DE REX HARRISON

NOVA YORK, 27 — (ANI) — O actor inglês Rex Harrison, de 63 anos, casou-se ontem com Elizabeth Harris, loira filha de um lorde e antiga esposa do actor irlandês Richard Harris.

A pequena cerimónia do casamento foi efectuada por um juiz na propriedade de Long Island do poeta-compositor Alan Jay Lerner.

Harrison que desempenhou o papel do coronel Henry Higgins, na película «My Fair Lady», já se casara anteriormente quatro vezes, com Collette Thomas e com as actrizes Lili Palmer, Kay Kendall e Rachel Roberts. Tem oito filhos.

A sua nova esposa, que tem 3 filhos do seu primeiro marido, é filha do tenente-coronel Davis Rees-Williams, que recebeu o título de primeiro barão de Ogmore, em 1950, quando prestava serviço como subsecretário parlamentar de Estado no departamento colonial britanico

Os noivos tencionam passar a lua-de-mel numa vivenda em Portofino, na Itália.

A ESTRADA TRANSAMAZÓNICA ESTARÁ TERMINADA EM 1972

RIO DE JANEIRO, 27 — (ANI) — «Montanhas de ferro, diamantes talados e pouco vistos, oiro na terra e nos rios, um morro inteiro de estanho, bauxite a valer, cassiterite tanta que virou revestimento de estrada, gipsite de cobre um caudal» — escreve-se numa reportagem que o «Jornal do Brasil» publicou no 1.º aniversário do início da construção da estrada transamazónica, que apresenta agora a seguinte situação: em construção, 2320 quilómetros, cerca de 95 por cento da linha base aberta, 547 quilómetros de desmatamento e derrube, 530 quilómetros de terraplanagem e 297 quilómetros de revestimento primário concluídos.

O ministro dos Transportes, Mário Andreazza, depois de uma inspecção de cinco dias, depois de 1.15 quilómetros pelo leito da estrada, travessia de cinco rios e 5100 quilómetros de avião, garantiu que a «transamazónica» estará pronta em 7 de Setembro de 1972, para assinalar o 150.º aniversário da independência do Brasil.

ESPECULADORES CONDENADOS À MORTE NO CAMBOJA

PHNOM PENH, 27 — (A. N. I.) — Um tribunal militar constituído por cinco juízes — representantes das Forças Armadas e da Polícia, sob a presidência de um civil — condenou á morte dois vendedores de carros usados, acusados de traição económica, pelo crime de especulação na venda de automóveis.

Dois outros foram condenados a penas de prisão e dois absolvidos. Os seis réus são sino-cambojanos.

As execuções devem verificar-se dentro de 30 dias, caso o chefe do Estado, Cheng Heng não conceda clemência.

É a primeira vez que se punem com a pena de morte, no Camboja, os especuladores.

Greve geral em Calcutá

CALCUTÁ, 27 — (R.). — Esta importante cidade indiana, de oito milhões de habitantes, encontra-se hoje paralisada e parece quase deserta, devido a uma greve geral de 24 horas em todo o Estado de Bengala Ocidental.

A greve foi decretada pelos sindicatos em apoio de reivindicações económicas e políticas, tendo paralisado todas as actividades normais, com excepção do abastecimento de água e electricidade á população e os serviços de assistência aos refugiados paquistaneses.

Devido á falta de tranportes, vêem-se poucas pessoas nas ruas, mas patrulhas do Exército foram colocadas em pontos estratégicos, por se recearem actos de violência nesta cidade, onde, todos os dias, se registam crimes políticos.

O PRÍNCIPE VAI CASAR-SE COM A SUA SECRETÁRIA

LONDRES, 27 — (A. N. I.) — O palácio de Buckingham comunicou hoje que o príncipe Richard de Gloucester deve anunciar em breve o noivado com a sua secretária, a dinamarquesa Birgitte van Deurs, de 24 anos.

O príncipe, filho de um tio da rainha Isabel, o príncipe Guilherme, duque de Gloucester, ocupa o décimo lugar na linha de sucessão ao trono.

Richard Gloucester celebrou ontem o seu 27.º aniversário em companhia de Birgitte — escreve o «Daily Express».

Os jovens conheceram-se na Universidade de Cambridge, onde Richard estudava Arquitectura, enquanto Birgitte estudava num colégio dos arredores. Actualmente ela trabalha em Londres, como sua secretária. Seus pais vivem na ilha de Fyn, entre Jutland e a Zelândia, na Dinamarca.

Segundo o «Daily Express», o príncipe ainda não se pronunciou sobre o seu casamento e quando o fizer, fá-lo-á oficialmente.

Se o príncipe se decidir casar terá de participar ao conselho privado, para conseguir a aprovação das duas Câmaras do Parlamento.

A CIA acusada de organizar o golpe de Estado na Bolívia

HAVANA, 27 (F.P.) — O ex-ministro boliviano do Interior, Anton.o Arguedas, acusou, ontem a CIA de ter organizado o golpe de Estado que derrubou o general Juan José Torres.

Numa declaração entregue á Imprensa, o ex-ministro boliviano acrescentou que os camponeses não tinham tomado parte na insurreição e que os verdadeiros revolucionários bolivianos deviam, a partir de agora, reagrupar-se numa «frente de libertação nacional». O objectivo dessa frente — declarou — deverá ser o «de expulsar definitivamente da Bolívia os representantes do poder neocolonialista».

ENCORAJAMENTO DOS INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS

LA PAZ, 27 (F. P.) — Carlos Serrate Reich, ministro boliviano das Minas e da Metalurgia, confirmou ontem que a Bolívia encorajará os investimentos de estrangeiros — incluindo os países socialistas — suceptíveis de contribuir para o desenvolvimento da nação. Neste intuito, o governo do coronel Hugo Banzer pedirá ás nações do Pacto Andino que lhe concedam «maior maleabilidade» na aplicação do que o pacto estipula — acrescentou o ministro, que se dirigia aos correspondentes da Imprensa estrangeira.

O ministro notou que o Mundo se orienta actualmente para a esquerda, e que os governos deviam ter isso em conta. A Bolívia procurará, portanto, a cooperação de todos os países do Mundo — repetiu ele —, quer sejam socialistas ou ocidentais.

Serrate — um dos mais brilhantes teóricos do «movimento nacionalista revolucionário» — concluiu exprimindo a esperança de que os Estados Unidos, «país amigo», se esforçarão por não perturbar o mercado mundial do estanho, que actualmente atravessa uma crise, pois a Bolívia sofreria com isso.

ASILO POLITICO

Por seu lado, o ministro da Informação, Hugo Gonzalez Rioja, revelou que os guerrilheiros do «Exército Nacional de Libertação» (ELN) utilizavam como armazém as dependências do Ministério do Interior de La Paz. O ministro mostrou a seguir, aos representantes da Imprensa, armas, munições, uniformes bandeiras e equipamento encontrados nas caves do Ministério, quando da sua ocupação pelas forças que derrubaram o governo de Torres.

Entretanto, cinco jornalistas bolivianos pediram asilo político á Embaixada da Argentina em La Paz.

TORRES NO PERU

LIMA (Peru), 27 (F.P.) — O general Juan José Torres chegou ontem a Lima, na companhia de 33 outros refugiados políticos bolivianos, incluindo seis ex-ministros e o comandante Ruben Sanchez. Ao sair do avião, afirmou que só a palavra «traição» podia explicar a queda do seu governo.

Funcionários dos serviços de imigração dirigiram-se prontamente ao grupo — rodeado por centenas de jornalistas e fotógrafos — para explicar que era uma condição para a sua estada no país a abstenção de qualquer declaração política.

O general Torres repetiu várias vezes a palavra «traição» e elogiou a coragem e a lealdade da população boliviana que, disse ele, resistiu até ao ultimo momento

ALGUMAS OBRAS DE

JORGE DE SENA

PUBLICADAS E A PUBLICAR NA EDITORIAL INOVA □ PORTO

«De enfant terrible que a tacanhez do nosso meio o pusera à beira de ser, Jorge de Sena vai a caminho de se tornar, lá fora, um «monstro sagrado» da crítica internacional.

Mário Sacramento

90 E MAIS QUATRO POEMAS DE

CAVAFY

Tradução, prefácio e notas
Colecção AS MÃOS E OS FRUTOS

OBSERVAÇÕES SOBRE «AS MÃOS E OS FRUTOS» DE EUGÉNIO DE ANDRADE

In 23 ENSAIOS SOBRE EUGÉNIO DE ANDRADE
Colecção CIVILIZAÇÃO PORTUGUESA

POESIA DE 26 SÉCULOS

DE ARQUÍLOCO A NIETZSCHE / EM 2 VOLUMES
Tradução, prefácio e notas
Colecção AS MÃOS E OS FRUTOS

TRINTA E TRÊS ANOS DE POESIA

ANTOLOGIA DA POESIA DE JORGE DE SENA
Colecção AS MÃOS E OS FRUTOS

POEMAS DE EMILY DICKINSON

Tradução, prefácio e notas
Colecção AS MÃOS E OS FRUTOS

ESTUDOS DE LITERATURA PORTUGUESA

Colecção CIVILIZAÇÃO PORTUGUESA

POESIA DO SÉCULO XX

Tradução, prefácio e notas
Colecção AS MÃOS E OS FRUTOS

AS MELHORES PÁGINAS DE CAMILO CASTELO BRANCO

Selecção, prefácio e notas
BIBLIOTECA CAMILIANA

EDITORIAL INOVA LIMITADA/APART. 466-PORTO

RECORDISTA

No decorrer do festival de natação organizado pelo Clube Nacional de Natação para comemorar o seu 52.º aniversário, atingiu grande destaque a actuação da jovem moçambicana Marla Clotilde de Melo (do Desportivo de Lourenço Marques) que, para além de triunfar nas provas de 200 metros (estilos) e 400 metros (livres), ainda estabeleceu novo «record» nacional absoluto nesta ultima distancia.

REGATAS EM PAÇO DE ARCOS

O Clube Desportivo de Paço de Arcos realiza no próximo domingo as tradicionais regatas de vela integradas nas comemorações «Dia do Patrão Lopes»:

As provas começam ás 11 horas, com largadas do Cais da Caldeira, em Paço de Arcos, largando para as regatas os seguintes grupos de classes, com intervalos de dez minutos: «Shaepies» 12 m 2; «Finns» e «Vougas»; «Snipes»; 420 e Vaurieus; «Molks» e Cadetes.

DESPORTO DESPORTO **DESPORTO** DESPORTO

Meirim e o Boavista: propaganda é que é preciso

Neste momento, o Boavista está a ter uma propaganda com que talvez nunca so nhasse, muito embora os resultados em campo não sejam (por enquanto) de molde a animar (muito ou pouco) dirigentes e dirigidos.

É que Meirim consegue os seus objectivos: sendo, quase permanentemente, um «homem de quem se fala», associa o seu nome ao do clube que o contrata.

Assim, o Boavista mantém-se notícia: **três dirigentes demitiram-se (Manuel Marau, Manuel Ferreira e Manuel Cortez), dois jogadores apareceram a treinar sem que a gerência dos «axadrezados» tivesse dado autorização (o vimaranense Bernardo da Velha e o varzinista Acácio) e, por último, Sidónio (que pertenceu ao Varzim, ex-«team» de Meirim) continua a pensar que esta época representará a agremiação do Bessa.**

Como acabará a prova de força de Meirim?

Castanheira (Luso) e Juvenal (Sporting) ingressaram no Desportivo da C. U. F.

*

Amanhã (16 horas) o Sporting treina-se contra o Barreirense no Campo D. Manuel de Melo.

*

Carmo Pais (ex-belenense) transferiu-se para o Beira-Mar.

*

Foi adiada para melhor oportunidade a festa de homenagem ao «internacional» vimaranense António Mendes.

*

O ex-médio sportinguista Fernando Mendes (a quem uma lesão roubou faculdades para o jogo) é o novo técnico do Lusitania de Lourosa.

*

Graça e Henrique (de Nova Lisboa) partem brevemente de Angola para o Continente. Objectivo: alinhar nos júniores sportinguistas.

*

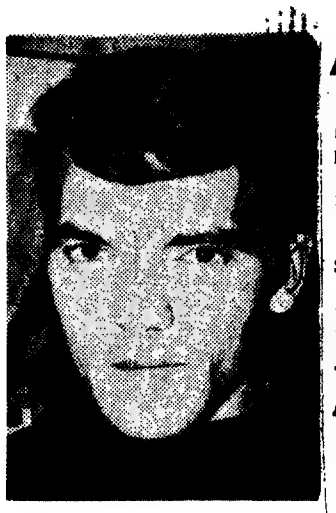
«Disseram-me que já tenho uma viagem de avião à minha disposição para voar até ao Norte de Portugal. Entretanto, soube que o caso foi posto à direcção do ASA e continuo a aguardar que resolvam o meu problema» — *declarou ao «Diário de Luanda» o médio do ASA, Nando, sobre a sua possível transferência para o Boavista. E acrescentou:*

— Vou à experiência. O Boavista coloca vinte contos á minha ordem e garante-me um bilhete de regresso se não agradar. Serei, ao que me disseram, cedido pelo ASA por um ano. Depois, em face do meu rendimento, haveria novas negociações».

*

Zacarias (Textáfrica) é indigitado como reforço para o Vitória de Guimarães.

Bernardo da Velha: no Boavista?



ÁGUAS DE NEGRO

Entre os futebolistas da Académica que jogam hoje em Teerão Pérsia) contra o Taj Club, uma estreia a assinalar: a de Raul Águas, que troca a camisola berrante do Benfica pelo equipamento negro dos estudantes de Coimbra. Eis como deve alinhar o «onze» de Juca: Melo; Feliz, Alhinho, Belo e Araújo; Mário Campos, Gervásio e Vítor Campos; Raul Águas, Manuel António e Serafim

Atlético do Cacém

O Atlético Clube do Cacém realiza, no próximo dia 30, pelas 21 e 30, na sua sede, uma assembleia geral ordinária, para eleição dos novos corpos gerentes, da colectividade. No próximo dia 6 de Setembro, á mesma hora, é feita a apresentação do relatório e contas da gerência que terminou o seu trabalho.

Andebol em Oeiras

A Associação Desportiva de Oeiras vai realizar, no próximo mês de Setembro, no seu rinque um torneio de mini-andebol, destinado a jogadores dos 10 aos 16 anos, englobados em equipas dos escalões oficiais: iniciados infantis e juvenis.

As equipas e jogadores que queiram tomar parte no torneio podem inscrever-se na sede do clube (Palácio do Egipto, Oeiras, tel. 2430219), até ao dia 5 de Setembro.

Também está aberta no mesmo local a inscrição para jogadores juniores e seniores que queiram representar o clube na próxima época.

A JUSTA HOMENAGEM DO CICLISMO AO DIRIGENTE IDALINO DE FREITAS

Tal como oportunamente informámos, é hoje que se realiza no restaurante «Churrasqueira do Norte», Travagem-Ermesinde, o jantar de homenagem a Idalino de Freitas, presidente demissionário da Federação de Ciclismo

Esta iniciativa da Associação de Ciclismo do Porto registou a pronta adesão das associações regionais e de muitos clubes, para além de deverem estar presentes numerosos desportistas, dando projecção nacional á homenagem que o Ciclismo deve a um dos seus maiores entusiastas.

JOGOS JUVENIS EM QUATRO PALCOS

SETÚBAL

Futebol de 5 (escalão C — Série C): Celtic-Bairro Santos Nicolau A, 2-3; Leões da Fonte Nova-Quinta da Alegria, 6-1; Bairro da Conceição B-Stella Máris, 3-4; Magnífico-Lago F. C., 3-5. *Série D:* Aguias de Setubal-Fontainhas do Sado, 4-1; Bairro da Conceição A-Real Avenida, 4-4; Vitorianos do Bonfim-Ramon F. C., 4-1.

Miniandebol — Escalão B — Série C: Torreirense A-Bombeiros de Palmela, 11-5; Torreirense B-Juniores de Azeitão, 10-1.

BARREIRO

Futebol de 5 (Escalão B — Série A): Barreirense A-1.º de Maio, 4-0; Figueirense-S. F. A. L., não se realizou por motivo do Figueirense, ter sido eliminado por ter dado duas faltas de comparência. *Sérérie B:* União-Amoreirense, não se realizou por motivo do Amoreirense, ter dado duas faltas de comparência. *Série C:* Gateirense-Casalense, 1-0; Paivense-Juventude, 1-0.

MOITA

Ciclismo — Escalão B — 1.000 metros: 1.º José Subtil (Banheirense F. C.) 5 m 3 s; 2.º Carlos Miguel (Capricho), 6 m 01 s; 3.º José Casinha (Racing), 6 m 16 s; 4.º José Soares (Racing), 6 m 46 s.

Escalão C — 2.000 metros: 1.º António Cabaça (Alentejanos), 9 m 35 s; 2.º Joaquim António (Alentejanos), 9 m 40 s; 3.º Gilberto Cordeiro (Arroteense), 9 m 44 s; 4.º José dos Santos (Academia Alhos Vedros), 10 m; 5.º Ludgero Mesquita (Racing), 10 m 30 s.

Escalão D — 3.000 metros: 1.º Domingos dos Santos (Arroteense), 13 m 23 s; 2.º Luís Cabanas (Real), 13 m 23 s; 3.º José Graça (Real), 13 30 s; 4.º Domingos de Brito (Racing), 13 m 50 s; 5.º Joaquim Peres (Real), 13 m 50 s.

Escalão E — 5.000 metros: 1.º João Coito (Banheirense F. C.), 18 m 14 s; 2.º António Dores (Ginásio Banheirense), 18 m 21 s; 3.º João Portela (Ginásio Banheirense), 18 m 21 s; 4.º Joaquim Costa (Capricho), 18 m 21 s; 5.º António Paixão (Racing), 19 m 15 s; 6.º Jorge Varudo (Ginásio Banheirense), 20 m 10 s.

Carabina Pressão de Ar — Escalão A: 1.º José Leonardo (Alentejanos), 12 pontos; 2.º Vítor Gonçalves (Alentejanos), 9; 3.º João Dias (Banheirense F. C.), 8.

Escalão B: 1.º Sebastião Pereira (Real), 62 pontos; 2.º Isidoro Branco (Alentejanos), 28; 3.º António Matias (Alentejanos), 26.

Escalão C: 1.º Filipe Coentro (Capricho), 27 pontos; 2.º Orlando Palmeirinha (União Banheirense), 20; 3.º José Figueiras (União Banheirense), 12.

Minibasquetebol — Escalão A: Ginásio Banheirense-Academia Alhos Vedros, 12-16; Alentejanos B-Racing, 2.

Futebol de 5 — Escalão A: Banheirense F. C.-Alentejanos A, 3-0; Real-Ginásio Banheirense, 0-7.

Futebol de 9 — Escalão C — Série B: Arroteense-União Moitense, 1-1; Racing-C. R. I., 0-0. Os encontros: Ginásio Banheirense-Banheirense F.C. e Estabelecimentos Cancela-Alentejanos A, foram adiados para data a designar.

Escalão B — Série B: Apuramento de série: Estabelecimentos Cancela-Real Banheirense, 2-0; Estabelecimentos Cancela (Série B)-Capricho (Série A) são finalistas.

Basquetebol — Escalão D: Real Banheirense-C. R. I. v-f. c.; Estabelecimentos Cancela-Banheirense, não se realizou por o Banheirense ter sido eliminado da prova.

Escalão E: União Moitense-Banheirense F. C., 43-13; Real Banheirense-Racing, v.-f. c.; União Banheirense-Capricho A (adiado devido ao adiantado da hora).

Andebol de 7 — Escalão D: Capricho (A)-Banheirense F. C. v. f. c.

Futebol de 9 — Escalão C: Série A — Estabelecimentos Cancela-Capricho (A), 0-1. Série B: Racing-União Moitense, 1-2.

SEIXAL

Basquetebol — Escalão C — 1.ª Série: Seixal-Ginásio de Corroios, v.-f. c.; 2.ª Série: Desportivo do Fogueteiro-18 F. C., v.-f. c.; Seixal-Academica do Seixal, 44-7

Escalão D — 1.ª Série: Centro Paroquial de Amora-Monte dos Indios, 6-44.

Minibasquetebol — Escalão B — 1.ª Série: Seixal-Academica do Seixal, 36-2; Academica do Seixal-Ginásio de Corroios, 4-12.

Miniandebol — Escalão B — 1.ª Série: Centro Paroquial de Amora-Desportivo do Fogueteiro, 0-2.

O HÓQUEI EM PATINS MOVIMENTA-SE

Resultados dos jogos referentes à segunda jornada da Taça Eng. Neves Barreto, em hóquei patinado:

Série A — CUF-Parede, 13-7; Paço de Arcos-Oeiras, 4-6; e Sporting-C. Ourique, 5-4.

Série B — Cascais-Estremoz, 8-5; Benfica-Azeitonense, 19-1; e Académica Amadora-Algés, 7-6.

*

Regressou a Moçambique, vinda da África do Sul, a equipa de hóquei em patins do Desportivo, que ali disputou três jogos, obtendo outras tantas vitórias.

No primeiro encontro o Desportivo bateu o Lusitano por 10-2, e no segundo derrotou o Everite, por 11-2. No ultimo jogo venceu a União Portuguesa de Desportos, por 6-1.

A deslocação fez-se a convite da União Portuguesa de Desportos daquele país.

*

Marcas finais dos encontros a contar para o campeonato distrital de hóquei em patins em Lourenço Marques: Desportivo-Ferroviário, 6-2.

PROTESTO ESPANHOL

MADRID, 27 — (F. P.) — A Federação Espanhola de Patinagem apresentou ontem um «enérgico protesto» *ao Comité Internacional de Hóquei em Patins, motivado pelos* «graves incidentes» *registados em 21 do corrente, no Estádio da Luz, em Lisboa, durante o encontro internacional Benfica-Reus.*

Numa nota oficial, a Federação Espanhola assinala que, a par do «mais enérgico protesto», *exige as mais severas sanções para o Benfica, em cujo campo tiveram lugar os factos.*

Ao mesmo tempo, a Federação felicita em termos calorosos todos os jogadores e dirigentes do Clube Reus (actual campeão da Europa) «pela maneira como se comportaram nos acidentes atrás mencionados».

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Atletismo

OS RUSSOS TOMAM MEDIDAS

MOSCOVO, 27 — (F. P.) — Os dirigentes do Comité dos Desportos da U.R.S.S., depois de terem estudado o relatório sobre os 10.os Campeonatos de Atletismo da Europa, em Helsinquia, e verificado que a participação dos atletas soviéticos está longe de ser satisfatória, decidiram destituir o chefe da direcção de atletismo junto do Comité dos Desportos, Evgueni Arkhi.

Xadrez

CORDOVIL AVANÇA

BARCELONA, 27 — (A.N.I.) — Nova vitória — a quarta consecutiva — somou João Cordovil, antigo campeão de Portugal de xadrez, na sexta jornada do Torneio Internacional Aberto, promovido pelo clube de Berga, nos arredores desta cidade.

Desta vez a vitória foi sobre o espanhol Gimenez

Cordovil figura agora no grupo de dez concorrentes que estão no terceiro lugar, com quatro pontos.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

EM SEUL, FRENTE À COREIA

Vitória do Vitória de Setúbal (4-2) e vitória pessoal de Torres (3 golos)

Torres. O «bom gigante». Aquele que salta mais alto que os outros; que é capaz de marcar golos que ninguém mais marca; que deixou saudades em muitos benfiquistas e foi levar esperanças a tantos outros sadinos; que parece disposto — e capaz — de justificar as primeiras e corresponder às segundas; que depois de ultrapassar a «terrível» barreira **dos trinta anos** vai tentar provar a muitos, quiçá a si próprio, que não é ainda algo que se troque como quem troca selos ou senhas de concurso: **dá cá esse, toma lá tantos.** Torres. Ontem, em Seul, ele marcou três golos — sendo o principal factor da vitória alcançada pelo Vitória de Setúbal sobre a selecção nacional da Coreia do Sul, por quatro golos contra dois.

É evidente que a diferença de nível entre o futebol coreano e o português constitui um facto. Uma diferença claramente vantajosa para o jogo luso — mais experiente, de melhor técnica, de superior factura. Mas engana-se quem pensar que, a partir daí, tudo são facilidades nossas e dificuldades deles. É que os coreanos até conseguem suprir a sua relativa insipiência através de um espírito de luta verdadeiramente notável — e perfeitamente capaz, só por si, de provocar uma surpresa frente a um adversário — qualquer um — mais desprevenido e confiante.

Ontem no primeiro dos três jogos em que o Vitória de Setubal defrontará a selecção da Coreia do Sul, isso viu-se. Mesmo a perder, os coreanos nunca baixaram os braços, nunca se renderam á superior craveira do antagonista, nem mesmo se remeteram a uma defesa porfiada assim ao jeito de vamos a isto que perder por poucos já não é mau. Pelo contrário. Eles atacaram sempre que o Vitória perdia a bola. E os dois golos que alcançaram dizem bem do perigo constituido por esse intento ofensivo. Além disso, eles começam o jogo a correr, fazem todo o jogo a correr e terminam o jogo a correr. O que chega a impressionar. E a criar embaraços.

Temos, assim, em breves linhas, que os coreanos estão longe de constituir adversários fáceis. E cremos, até, que os restantes dois encontros aprazados vão constituir dura provação para os sadinos. O primeiro disputar-se-á amanhã, o segundo no dia 30. Aguardemos no que vão dar, com essa confiança-desconfiada tão necessária nestas coisas do futebol.

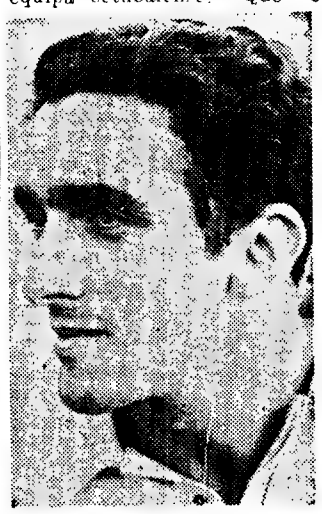
A VITÓRIA DO VITÓRIA

Antes do mais, merecida. Assenta numa exibição categórica, baseada no valor e na determinação. Os sadinos, como que adivinhando o perigo, foram para o campo dispostos a dar tudo o que podiam e a jogar o melhor que sabiam, sem dar nem confiar em facilidades.

O Vitória constitui, no entanto, uma senhora equipa. Perfeitamente capaz de contrariar qualquer outra independente do cartel e valor que essa outra possua. E ontem, o Vitória foi mais uma vez o Vitória em busca da vitória através do jogo-espectáculo que lhe é peculiar.

Cardoso foi gigante numa defesa que actuou em bom plano. José Maria dominou o meio-campo, aliás bem secundado por Octávio. Na frente, Jacinto João deu «show», Guerreiro fez jus ao nome... e Torres foi ele, o lutador de sempre, o concretizador por excelência.

Em magnífico plano toda a equipa setubalense. Que o



Palmas para Torres

publico correcto apreciou e aplaudiu demoradamente. Que encantou, positivamente, as 20 mil pessoas presentes ao encontro. Enfim, uma vitória á Vitória. Perfeitamente idêntica e perfeitamente á altura de tantas outras já alcançadas pelo categorizado «onze» setubalense em campanhas internacionais.

GOLOS E MARCADORES

A marcha do resultado foi sempre favorável aos portugueses, não obstante — e isto mostra bem que a coisa não foi fácil — não obstante o marcador só haver sido inaugurado aos 25 minutos. Golo de Torres, a finalizar excelentemente uma ofensiva em bloco do ataque sadino.

O segundo golo do Vitória só veio a surgir na segunda parte. Outra vez Torres a marcar, embora na transformação de uma grande penalidade por desarme irregular a Jacinto João em plena grande área coreana. Estavam decorridos 49 minutos de jogo.

Aos 57 minutos, a selecção coreana diminui a diferença, também através da marcação de um «penalty» apontado por Kyn — animando imenso com a obtenção do tento.

Porém, três minutos depois, o Vitória restabeleceu a diferença. Ainda por Torres, num golo espectacular, de cabeça, em recarga a um remate, também seu, que o guardião contrário aliviara para perto.

E foram ainda os sadinos a marcar de novo, desta feita por Guerreiro, aos 70 minutos, na finalização oportuna de um dos muitos ataques da equipa portuguesa.

Com 4-1 no marcador, o enfatigamento dos coreanos foi significativo. Eles continuaram a tentar aproximar-se das balizas contrárias — e viriam a conseguir o seu segundo golo, aos 73 minutos, por Kyn-Pung-Chung, sem quaisquer possibilidades para o guardião sadino.

Assim e no termo dos 90 minutos, Selecção da Coreia do Sul, 2-Vitória de Setubal, 4.

A portista Isolina Pinhei é uma das atletas portuguesas que, amanhã e domingo, participa do embate contra Marrocos: tarefa menor para o atletismo português, sem cotação internacional e, portanto, sujeito a confrontos sem expressão nem interesse. Entretanto, três baixas na equipa portuguesa: os patrões de José Luís Fernandes e Morujo Júlio não os dispensaram do serviço (para irem representar o País) e Alberto Matos encontra-se lesionado

JOGUE BASQUETEBOL

No Clube Oriental de Lisboa encontram-se abertas as inscrições para praticantes de basquetebol, em todas as categorias, a partir dos treze anos.

*

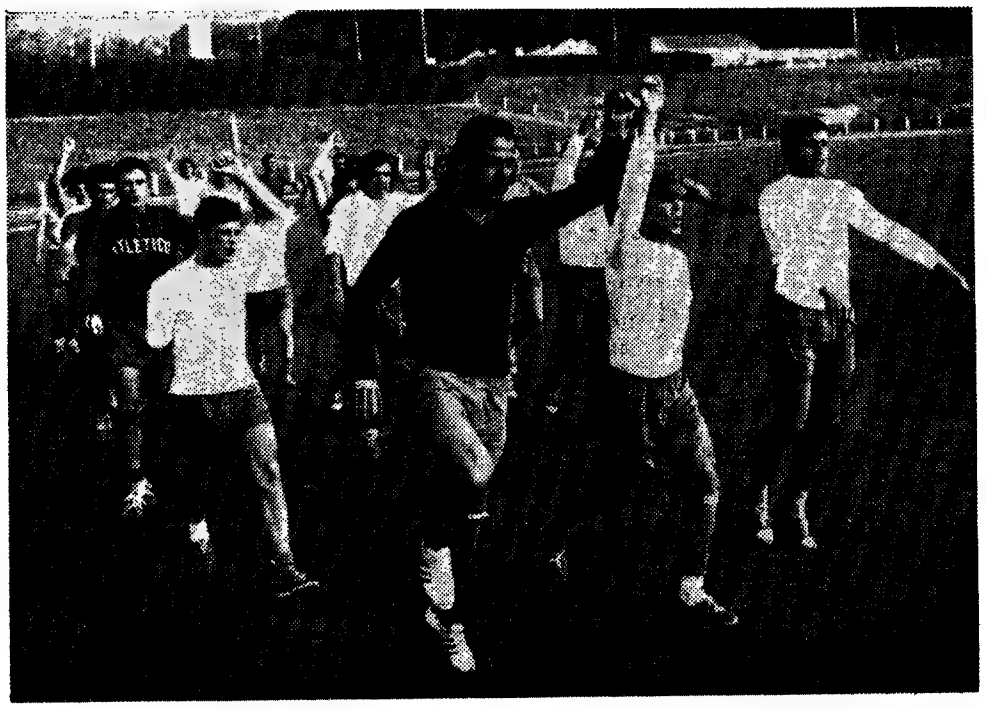
Na Associação Académica da Amadora encontram-se abertas as inscrições para todos os sócios e simpatizantes que queiram praticar basquetebol.

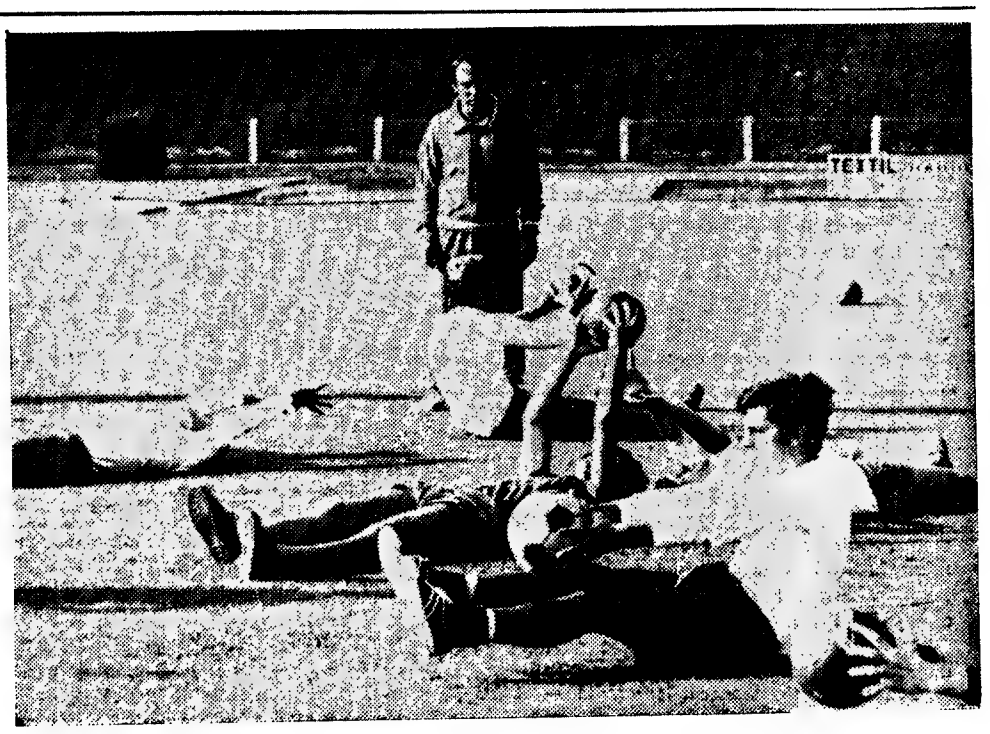
Aceitam-se inscrições para rapazes dos 10 aos 18 anos, e meninas a partir dos 14.

As informações podem ser solicitadas á secretaria do clube, todos os dias a partir das 21,30, ou ainda pelo telefone 930303.

O ATLÉTICO AO TRABALHO

O Atlético Clube de Portugal prepara-se para cumprir uma temporada futebolística sem sobressaltos: as aquisições de Carvalho e Pedras (os dois «internacionais» dispensados de Alvalade) podem dar maturidade ao jopem «onze» dirigido por Peres Bandeira. Aqui vemos os alcantarenses no trabalho: na primeira imagem, Carvalho comanda a parada de futebolistas; na outra foto é o técnico quem observa os exercícios dos seus pupilos

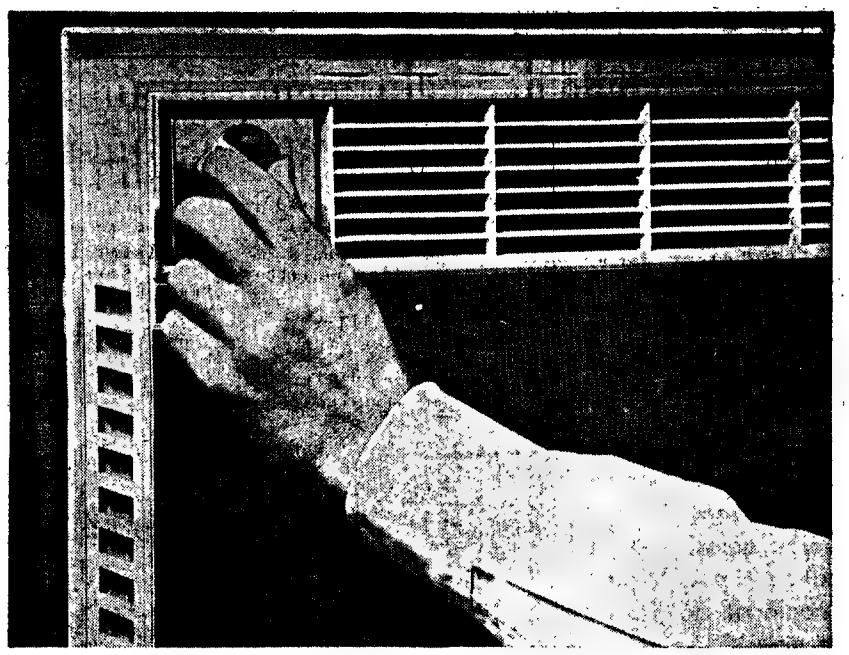




O Brasil espera Cassius Clay

S. PAULO, 27 — (ANI) — O «Jornal da Tarde» anuncia que o antigo campeão mundial dos «pesados», Cassius Clay, defrontará nesta cidade, a 15 de Setembro, o campeão brasileiro de «pesados», Luís Faustino Pires.

Os promotores locais do combate confirmaram que há negociações em curso e que é possível que Cassius Clay venha combater a S. Paulo, mas que ainda não se chegou a um acordo definitivo.



O CONDICIONADOR DE AR

TANTO AQUECE... *NO INVERNO*

COMO ARREFECE... *NO VERÃO*

TARIFA ESPECIAL

VENDAS COM GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

CONSULTE AS CASAS DA ESPECIALIDADE OU AS

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE - LISBOA

Stória

Pois...

STÓRIA poderá

vir a ser a

SUA CASA DE

FÉRIAS

A sua casa pré-fabricada

CONSULTE A

Editec

Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 129-3.º-Dt.º
ALGÉS

PAPELARIA FERROS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida **PAPELARIA FERROS** vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a **Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.**

SR. CAPITALISTA

Faça progredir o seu capital com um bom e seguro rendimento investindo-o com sólidas e reais garantias em HIPOTECAS de propriedades

ORCOSI

Rua 1.º Dezembro, 45 - 3.
LISBOA
Telefs.: 36 74 44 e 32 31 72

VENDO

Rústico, 3 kms. da Estrada Mora-Couço, 2000 arbs. cortiça a extrair 1975, horta, 3 poços e 4 tanques, 3 montes habitação, 13 hect.

Rústico, 6,5 hect. a 2 kms. de Mora, 1500 arbs. cortiça a extrair 1974.

Urbano, em Mora, 22 divisões, 3 casas de banho, arrecadações, garagem e pátio.

Trata: Ângelo Amaral, telef. 34 — Alter do Chão.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	450$	—	—
Consolidado 5%	463$	—	—
Consolidado 5 1/2%	580$	—	—
Centenários 4%	—	1.317$	—
Obrigs Tesouro 4%	1.000$	—	1.000$
Externo 2.ª Série	580$	580$	585$
Externo 1.ª Série	590$	590$	595$
Externo 3.ª Série	—	700$	—
Externo 3.ª Série B	—	750$	—
Cauções 3.ª Série	—	160$	170$
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	—	—	—
A P I 5% 58	—	—	—
C P 4 1/2% 55	—	860$	870$
C P 5 1/2% 61	970$	950$	970$
C U F 6%	—	—	—
C U F 6% 58	—	—	—
Gás Elect 4% 49	—	850$	870$
Gás Elect 4 1/2% 51	—	—	—
Gás Elect 5% 54	—	875$	—
Gás Elect 5% 58	—	840$	—
Gás Elect 5% 59	—	840$	—
Gás Elect 5% 61	—	961$	—
Gás Elect 5% 63	—	950$	970$
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	965$	—
H E Alentejo 5%	—	—	—
H E Cávado 5%	760$	755$	—
H E Cávado 6%	—	—	—
H E Douro 5%	—	750$	760$
H E Douro 6%	—	—	—
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E Estrela 6%	—	950$	—
H E Zêzere 5% 55	775$	—	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lenave 6%	—	950$	—
Metropolitano 4%	—	—	900$
Metropolitano 5 3/4%	—	985$	—
Moçambique 5%	—	550$	600$
Nac Elect 5%	—	—	—
Nitratos %	740$	—	—
Nitratos 5% 60	740$	—	—
Petroquímica 5%	—	—	—
Port Celu 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	935$	—
Sacor 5% 60	—	850$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	750$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	750$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	750$	—
Sonete 5%	—	800$	—
T A P 4%	—	930$	—
Termoelec Port 5%	750$	—	750$
U E P 5 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	92$5
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	75$	76$
U E P 5% 60	—	740$	—
U E P 5% 63	—	—	—

Ultramarinos	Efec.	Compra	Venda
Ag S Tomé e Príncipe	—	—	205$
Boror	—	120$	—
Buz	71$5	71$5	72$
Cabinda	—	175$	190$
Diamantes Angola	1.970$	1.960$	1.990$
Ind e Revue	—	—	—
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	179$	178$	180$
Sonete A	—	—	—
Sonete B	—	385$	395$
Tamnezia	69$	68$5	69$5
Diversas			
Cidla	—	6.850$	7.000$
Cim Leiria	—	4 000$	4 300$
Cim Tejo	—	—	9.000$
Co Navegação	—	1.450$	1.490$
C U F	1.570$	1 560$	580$
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	3.600$	3 700$
Petroquímica	1.200$	1.200$	—
Port e Colónias	1.030$	1.025$	1.040$
Port Celulose	—	3 750$	3 850$
Port Pesca	—	—	1 170$
Port Tanaces	600$	598$	—
Sacor	—	3 930$	3.960$
Sidenurgia Nac	—	2 400$	—
Sonae	—	3 420$	3.490$
Tanaces de Portugal	—	1.500$	—
Tanaqueiro	—	6.100$	6. 50$
U F Azote	655$	650$	660$
Água Elect e Gás			
Águas Lisboa P	—	390$	—
Águas Lisboa 34	—	410$	—
Águas Lisboa 36	—	390$	—
Elect Beira	—	—	680$
Gás Electr	371$	37 $	37 $5
H E Alto Alentejo	184$	184$	184$5
H E Norte Portugal	236$	236$	238$
H E Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	—	195$	196$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	197$5	203$4
FIDES	—	124$	127$7
TAP	—	1.400$	1.450$
C P E	1.124$	1. 21$	1.124$
C P E Nom	1.109$	1.109$	1.112$

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Rua do Ouro, 52-54 — LISBOA — Tel 366066/7
Telex ALMEIRO ——— Telex 47 ALAPI P

AÇÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.200$	2.200$	—
Alentejo	1.235$	1.235$	1.240$
Angola	—	4.200$	4.300$
Burnay	—	—	—
Crea Predial	9.100$	9.100$	—
E Santo	7.000$	7.000$	7.010$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas & B	—	25.000$	—
Fomento	—	2.800$	2.840$
L G Açores P	—	—	—
L G Açores n	—	—	—
P Atlântico P	6.850$	6.880$	6.880$
Portugal n	3.450$	3.400$	3 490$
Portugal P	4.180$	4.170$	4 200$
Totta Aliança	4.570$	4.570$	4 575$
Ultramarino n	4.100$	4.090$	4.100$
Ultramarino P	4.500$	4 495$	4.510$
Seguros			
Alentejo	142$	141$5	143$
Douro	—	—	—
Mundial	970$	965$	—
Sagres	—	3.000$	3.500$
Tranquilidade	—	85.000$	100.000$
Ultramarina	—	—	—
Ultramarinos			
Açucar de Angola	—	710$	—
Ag Casseque	730$	730$	740$
Ag Incomati	1.500$	1.450$	1.550$
Ag Neves	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez. 65 100)

	20-8-71	26-8-71	27-8-71
GERAL	152,8	153,6	153,7
METROPOL.	150,2	151,1	151,3
ULTRAM	171,8	171,7	171,7

PAÍSES	Compra	Venda
Africa do Sul — Rand	35$00	37$50
Alemanha — Marco	8$05	8$40
America		
— Dollars de 1 a 4	27$30	28$00
— de 5 a 20	27$50	28$20
— de 50 a 000	27$60	28$30
Argentina — Peso Novo	4$00	5$50
Austria — Schilling	$ 4	$ 9
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	3$70	5$00
Canadá — Dólar	27$20	27$80
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$85	8$20
Inglaterra — Libra	68$30	70$30
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	5$00	5$60
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suiça — Franco	6$95	7$20
Ouro:		
Inglaterra—Libra Isabel	315$00	335$00
Inglaterra — 1/2 Libra	305$00	325$00
Ouro fino — Barra	39$50	41$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72

Papeis de credito
Notas estrangeiras
Tel 23 12 78

A C. P. INFORMA:

HORÁRIO DAS PRINCIPAIS LIGAÇÕES

LISBOA — ALTO ALENTEJO (via Casa Branca)

A partir de 16 de Agosto de 1971

			17-00				P	Lisboa (Santa Apolónia)	C			9-35	
6-30	7-20	12-50		18-20	22-25		P	Lisboa (Terr. do Paço)	C	6-05	8-45	11-40	17-10	22-47
7-05	8-00	13-30		19-05	23-10		P	Barreiro	C	5-08	8-10	12-20	17-55	23-35
8-12	9-01	14-31	19-19	20-05	0-23		C	Vendas Novas	P	2-07	6-57	7-15	10-38	16-08	21-45
8-47	9-44	15-14	19-52	20-49	1-13		C	Casa Branca	P	1-30	6-02	6-47	9-58	15-28	21-05
9-45	10-30	16-00	20-21	21-40	2-07		C	Évora	P	0-40	5-10	6-15	9-13	14-45	20-21
	11-39	17-09		22-39	3-05		C	Reguengos de Monsaraz	P	22-45			7-19	13-35	19-06
	11-59	17-29	Autocarros directos GIRALDO.	23-17			C	Estremoz	P	22-23		Autocarros directos GIRALDO.	7-41	13-25	18-55
	12-17	17-47		23-39			C	Borba	P	22-06			7-20	13-12	18-41
	12-23	17-53		23-47		▼	C	Vila Viçosa	P	22-00			7-10	13-05	18-35

Todas estas circulações se efectuam diàriamente.

Entre Lisboa e Estremoz, Borba e Vila Viçosa pode também viajar via Entroncamento, mediante um pequeno aumento de preço

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO JORGE

Telef. 54153

Grupo D — 18 anos
Às 15.15. 18.15 e 21.30
Entre o sonho e o pesadelo...

O DESPERTAR DUMA ADOLESCENTE

O medo .. O desejo...
A violência ..

LUMIAR

Telefone 795296
Ambiente climatizado
AMANHÃ, SÁBADO,
REABERTURA — Às 21. horas
Grupo B — M. 10 anos

TAURUS, FILHO DE ÁTILA CHAMPANHE, MULHERES E MÚSICA

BERNA

(M 10 anos) Tel 776090
7.ª SEMANA A RIR!
Às 18.30 e 21.45
Woody Allen e Janet Margolin na sensacional comédia colorida

O INIMIGO PUBLICO

Um exito de gargalhada:
Ar condicionado

AVIS

Tel 47163

Às 21.45
Grupo A — M 6 anos
O MAIOR REI DA SELVA

O TESOURO DE TARZAN

JOHNNY WEISSMULLER
MAREEN O'SULLIVAN

ROYAL

Telef. 865037

(Grupo D — M. 18 anos)
Às 21 h

A PISCINA

com Alain Delon
e Romy Schneider

VOX

Tel 726808

Às 15.15 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA DE EXITO!
Grupo D - M 18 anos
JEAN-PIERRE CASSEL
e STÉPHANE AUDRAN num filme onde o amor o odio e o oportunismo se conjugam aliciantemente

A RUPTURA

ESTUDIO 444

(Adultos) Tel 779095
Às 15.30-18.30 e 21.45
8.ª SEMANA
Um filme de Jean-Luc Godard

PEDRO, O LOUCO

c/ Jean-Paul Belmondo
e Anna Karina
Techniscope Technicolor

EUROPA

Tel. 661016

HOJE, ÀS 21.30
Em continuação
Grupo B — 10 anos
Technicolor
JOHN WAYNE
DEAN MARTIN
e ANGIE DICKINSON em

RIO BRAVO

Às 15.15 — Ultima exibição
Grupo A — Para todos
«A SEDUÇÃO DA SELVA»

LIDO

Grupo C — M. 14 anos
Às 21.30 h.

CIDADE VIOLENTA

O filme mais violento e emocionante com Charles Bronson

IMPERIAL

Telef. 821933

(Grupo C — M. 14 anos)
Às 21 horas

ZITA
MISSÃO NA UNIÃO SOVIÉTICA

TIVOLI

Tel. 50595

(Grupo D - 18 anos)
Às 15 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
INGRID BERGMAN
e ANTHONY QUINN
num êxito que regressa

A VISITA

Cinemascope

ROMA

Tel. 727778

Às 21 horas
Grupo B — M. 10 anos
O filme mais premiado do mundo!

BEN HUR

CHARLTON HESTON
JACK HAWKINS
HAYA HARRERET
Metrocolor — 70 m/m

ODEON

Telef. 326283

Às 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
EM 17.ª SEMANA:
UM EXITO DE GALA DO CINEMA PORTUGUES

SARILHO DE FRALDAS

com MADALENA IGLESIAS, ANTÓNIO CALVÁRIO E TONICHA
Canções, bailados e permanente gargalhada com um «terrível bebé»
(Col.) — G. B—Maiores 10 anos

POLITEAMA

Telef. 326305

(B. — M 18 anos)
NOVO PROGRAMA DE SENSAÇÃO
Dois grandes filmes de ROMAN POLANSKI
Às 14.30 e 17 h.:

REPULSA

com Catherine Deneuve
Às 19 e ás 22 horas

O BECO (CUL-DE-SAC)

com Françoise Dorleac

LIZ

Telef. [illegible]

Grupo D (M. 18 anos)
Às 15 e ás 21 h.

A NOITE DO ULTIMO DIA HOTEL DA MALANDRICE

RESTELO

Telef. 610375

(Grupo B — M. 10 anos)
Às 21.30 h.

MELINDA

com Barbara Streisand
e Yves Montand

MONUMENTAL

Tel 555131

Grupo B — M. 10 anos
Às 15.15 e 21.30 h.
Um EXITO que regressa
A mais sangrenta batalha da Segunda Guerra Mundial!

A BATALHA DAS ARDENAS

Technicolor
com Henry Fonda, Robert Shaw
e Robert Ryan

SATÉLITE

(Adultos) Tel. 562632
Às 15.30. 18.30 e 21.45 h.
27.ª E ULTIMA SEMANA

COISAS DA VIDA

com Michel Piccoli e Romy Schneider
Situado no edifício do Monumental

CONDES

Telefs 322523-326710

Grupo D (não é permitida a assistência de menores de 18 anos)
4 SESSÕES
Às 14.15, 16.30. 18.45 e 21.45
Um mundo á solta onde vale tudo. Um terrível aviso!

JOVENS FUGITIVOS

com Brooke Bundy e Servin Couchlin.
Panavision-Metrocolor

MUNDIAL

Às 21.45 (M. 6 anos)
NOITE DE ESTREIA!
Jack Wild e Martha Raye entre fadas e bruxas no delicioso filme

A FLAUTA ENCANTADA

Versão portuguesa
Fotografia em technicolor

Às 18.30 (M. 18 anos)
«ACONTECEU NO VERÃO PASSADO»...
Ar condicionado

APOLO 70

Av. Júlio Dinis — Tel. 763319
Grupo D (18 anos)
Às 14.30. 16.45 e 21.45
8.ª SEMANA
A REVELAÇÃO DO CINEMA CHECOSLOVACO

OS AMORES DE UMA LOIRA

Uma obra-prima de MILOS FORMAN

Às 19 h.: «UMA SEGUNDA VIDA», de Tolin Frankenheimer, com Rock Hudson (Adultos)

Hoje (ás 24 h.): O Riso da Meia-Noite; com A FELICIDADE DA SR.ª BLASSON, de Joseph Hayrath, com Glisley Maclane — (Adultos)

EDEN

Tel. 320768

HOJE, ESTREIA, AS 21.30
Grupo B — 10 anos
Scope — Color
James Hilton e Ernest Borgnine em

HOMENS EM FORIA

Às 15.15 e 18.30 — Ultimas
Grupo C — 14 anos
«A PROFESSORA E O DESCARADO»

ALVALADE

Tel. 717400

HOJE, ÀS 21.45 — ESTREIA
Grupo A — Para todos
Technicolor

O MEU CÃO E OS LADRÕES

Às 15.30 — Ultima exibição
Grupo B — 10 anos
«80 PASSOS PARA O AMOR»

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos)
Às 17 e ás 21.30 h.

OS DEVASSOS

com Anthony Quinn, George Maharis, Michael Parks e Robert Walther
Technicolor

Sábado, ás 15.30, Matinée infantil; Grupo A — M. 6 anos AS DIABRURAS DE SAMMY
Technicolor

OS DIAS PASSAM E O ENTUSIASMO CONTINUA

A *FEIRA POPULAR DE LISBOA*

A favor da Colónia Balnear Infantil de «O Século»

é o passatempo ideal que satisfaz toda a gente
Espectáculo permanente até de madrugada
Todas as atracções em movimento constante
Boa cozinha e petiscos variados
Cerveja — Mariscos — Farturas — Sumos — Sorteios, etc.
Interessantes exposições feitas pelo comércio e pela indústria
— ABERTURA ÀS 19 HORAS —

outros espectáculos

LISBOA

TEATROS

GIL VICENTE—Às 22 h.: «Ivone, princesa de Borgonha» (18 anos)

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «A querida mamã» (17 anos)

MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Uma cama para todo a gente» (18 anos)

LAURA ALVES — Às 21 e 45: «Só as borboletas são livres» (14 anos)

ESTUFA FRIA (C. M. L.) — Às 21 e 30: «Baton» (18 anos).

CINEMAS

CINEARTE — Às 21: «Os abutres têm fome» (10 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Um dólar nos dentes» (10 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «A voz do sangue» (10 anos).
IDEAL — Às 21: «Manequim desfigurado» (17 anos)
OLIMPIA — Às 9: «Os Voluntários» (17 anos)
PARIS—Às 21: «O Belo António» (18 anos).
JARDIM — Às 21: «Um amor para Carolina» (18 anos).
CASTANHEIRA — Às 21: «A vida de uma mulher» (14 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Lugar Colt» (12 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21 e 15: «Um marido infiel» (17 anos).
PAREDE — ROCAL-CINE — Às 21 e 15: «O computador de sapatos de ténis» e «O rebelde aventureiro» (10 anos). VICTÓRIA-CINE — Às 21 e 30: «Pioneiro do passado» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Os devassos» (17 anos). PALACIO — Às 21 e 30: «Espião sem nome» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «A rainha por mil dias» (17 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Doutor Jivago» (17 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Perdão» (10 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «Shane» (10 anos).

Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «A Irmã Yé-Yé» (10 anos).
COSTA DA CAPARICA — COPACABANA — Às 21: «Os Ratoneiros» e «Bettina» (17 anos).

PORTO

TEATROS

COLISEU — Às 21 e 30: «I Verão Internacional de Ballets».

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Convite ao pecado» (18 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «Essa mulher!» (17 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «A filha de Ryan» (17 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «Zeppelin» (10 anos)
AGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «O vale da Honra» (10 anos).
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «As Tulipas de Harlém» (14 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «Uma rosa para todos!» (18 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21: «A Morte é Mulher!» e «Complexos» (17 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Bonanza» (10 anos).
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «Mulheres e recrutas» (10 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: «O terror no Castelo dos Mortos-Vivos» (17 anos.
CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30: «Dois irmãos sicilianos» (17 anos)

COIMBRA

TIVOLI—Às 21 e 30: «O Capitão Singrid» (10 anos).

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO A

AJUDA — Moura, Travessa da Memória 55 (tel 630944)
ALCANTARA — Bairrão, Rua Prior do Crato 25 (tel 66 32 1)
ALVALADE — Zilda, Av da Igreja 9-D (t 7 780) * S João de Deus, Rua Pedro Ivo -A (t 725 40) * Roma Avenida de Roma 85-B (tel 772466
AMOREIRAS — Británico, Travessa da Légua da Povoa 5-B (t 689250)
ANJOS — Confiança, Avenida Almirante Reis, 46 (tel 42453) * Renascença, Rua Damasceno Monteiro 04-A (telefone 83 504)
AREEIRO — Garantia, Avenida Padre Manuel da Nóbrega 5-A (t 727300) * Imperial, Aven Guerra Junqueiro 30-B (telefone 726860
AVENIDAS NOVAS — Vale Avenida Marquês de Tomar 45 (te 773043) * Delva Avenida Duque de Avila 25 (t 45225)
BAIRRO ALTO — Barreto Rua do Loreto 30 (tel 327284)
BAIRRO DA LIBERDADE — Salutar, Rua B. 75-A (te 633694
BAIXA — Teixeira Lopes, Rua Aurea 54 (tel 3248 6 * Oliveira, Rua da Prata 240 (t 32 4 5)
BENFICA — Alegria, Estrada de Benfica 80-A (tel 7805) * Lavinha, Rua Eng Paulo de Barros (ex-Rua C 6 Rua da Casquilha), 28-A (t 708.42) * União, Estrada de Benfica 592/4 (te 700092)
CAMINHOS DE FERRO—Frazão, Rua da Cruz de Santo Apolónia 90 (tel 8470 9)
CAMPO DE OURIQUE — Lobel, Rua Infantaria 6, 98-B (te 688807)
CAMPOLIDE — Pinto, Rua de Campolide 1 (tel 6826 0)
CASTELO — Ziler, Rua de S Tomé 54 (telefone 862835
CHELAS — Banha, Estarda de Chelas 73 (tel 38224)
CHILE — Veral, Rua Morais Soares 09 (tel 40632)
ENCARNAÇÃO—Ascenso, P do Norte (ao Bairro da Encarnação) (telef 3112 6
ENTRECAMPOS — Alcântara, Avenida da República 14-A (t 77 379)
ESTEFANIA — Mundial, Largo D Estefânia 9 (tel 45578
ESTRELA — Andrade Ribeiro, Avenida Infante Santo 66-B (tel 66697)
LAPA — Paiva da Costa Rua da Lapa 05 (tel 6644 4
LUMIAR — Central do Lumiar, Rua do Lumiar, 77 (tel 790480) * Douro, Alameda das Linhas de Torres 93 A (tel 79 31).
OLIVAIS — Olivais, R Alves Gouveia 9 (telef 31 237)
PICHELEIRA — Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 6-A (tels 728395-720703
PICOAS — Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (tel 553468
POÇO DO BISPO — Freitas, Rua Zófilo Pedroso (tel 38 36)
REGO — Baptista, Rua Francisco Tomás da Costa 3-C (te 77 873
SANTA APOLÓNIA — (Ver Caminhos de Ferro)
SANTA MARTA — Fernandes, Rua de S José 07 (te 326476)
SANTO AMARO — Correia de Azevedo, Rua Luís de Camões, 42-B (telef 638625 * Biotifar, Rua D João de Castro, 27-B (tel 638824)
S. BENTO — Castro, R de S Bento, 99-A (telef 660513
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — S. Sebastião, Largo de S Sebastião da Pedreira 1-9 (tel 48642) 2218580)

Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar — R Ernesto Silva 8 (telef 2 2048.
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro. A (te 242839)
PAÇO DE ARCOS—Trindade Brás — Rua Costa Pinto 86 (te 243.034
OEIRAS — Godinho — R Cândido dos Reis 98 (te 2430090)
PAREDE — Assis — B das Caixas de Previdência Bloco A (te 2472948)
S. PEDRO DO ESTORIL—S Pedro (Tel 263052)
ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque 3 (tel 260191).
CASCAIS — Marginal — Av Marginal (tel 280078) * A. Costa — R Freitas Reis, 24-C (tel 280214)

Linha de Sintra

AMADORA—Amadora—P 28 de Maio 3-A (tel. 9355 8 * Carmelo — R Elias Garcia Lote 28 (tel 933303 * Helénica — R Elias Garcia 2 (t 9336 3) * S Jorge — R Pedro del Negro, 5 — Reboleira (tel 938 03.
DAMAIA — Confiança —Est Militar Lote D (Telefone 97 023)
QUELUZ — Zeller, Rua da Republica, 83 (Telefone 950045 * Correia L do Mercado 3 (Te 950906).
CACEM — Garcia, Av dos Missionarios 2 (telef 2942 8)
MEM MARTINS — Quimia Est Mem Martins 285 (te 29 00 2)
S PEDRO DE SINTRA—Valentim (te 980456
SINTRA — Misericórdia — L Dr Gregorio de Almeida 2 (tel 98039)
COLARES — Colares — Abreja (tel 299088)

Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L Coronel Ramos da Costa, 10 (tel 234 37)
ALHOS VEDROS — Portugal — Av do Bairro Rosa 9 (te 224250)
ALMADA — Cristo Rei — Av do Cristo Rei, 31-A (telefone 273498)
BAIXA DA BANHEIRA—Nova Fátima — Est Nacional, 221-B (t. 224 41).
BARREIRO — Central—Av Alfredo da Silva 48 (Te 2273.07)
COVA DA PIEDADE—Castro Rodrigues — L 5 de Outubro 62 (Te 270 21)
MOITA — União Moitense — Av Dr Teófilo Braga (te 239025)
MONTIJO — Moderna — R Bulhão Pato 60 (Telef. 230 56
SESIMBRA — Lopes — R Cândido dos Reis 67 (tel 229028)
SETUBAL — Lisboa — R Dr Paulo Borba (t 22248) * Salão—Av Portela (Tel 22709
SEIXAL — Godinho — L da Igreja 51 (telef. 2218580)

PORTO

Anacleto de Barros, Rua do Loureiro, 04 (Telefone Almeida Cunha, Lda., Rua Formosa 347 (T 24874) * Antas Av Fernão de Magalhães 076 (Telefone 4 58 * Barreiras, R de Serpa Pinto 8 (Telefone 40053 * Clérigos, R dos Clérigos 36 (Telefone 35394 * Gomes Carneiro, Rua de Cedofeita 348 (Te 33420 * Guerra, Rua de Costa Cabral 43 (Tel 60 03 * Guimarães, Rua de Francos 31 (Tel. 683739 * Lidador, Rua do Lidador 7 (Tel 683739) * Lousada, L do Campo Lindo 62 (Tel 40353 * Oriental, Rua do Bonjardim 121 (Tel 27878) * S. Roque da Lameira, Rua S R da Lameira 1111 (Te 5 739 * Seeiro, R. de Santos Pousada 71 (T 51374 * Vasques, R das Condominhas 794 (Tel 680 3 * Campos, Rua Pedro Alvares Cabral, 943-Foz (Tel. 680113).

COIMBRA

M. Nazaré — Avenida João das Regras (telef. 23033) * Figueiredo — Rua da Sofia (tel. 22837) * Correia—Rua Visconde da Luz (tel. 22834).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

ESTEVE NO TEJO O NAVEGADOR SOLITÁRIO QUE DEU A VOLTA AO MUNDO EM 312 DIAS

Veio a Portugal com a família, passar tranquilamente (e a bem dizer incógnito) algumas semanas de férias. Gostou da terra e tenciona voltar quando a sua vida profissional lho permitir. Chama-se Robin Knox-Johnstone é inglês e deu num pequeno barco de dois mastros a volta ao mundo em 312 dias, o que pode (e deve) ser considerado uma notável proeza.

Na doca dos barcos de recreio de Belém aguardámos durante alguns minutos o seu regresso da Capitania do Porto de Lisboa, aonde se havia deslocado a fim de regularizar os documentos marítimos para se fazer ao mar.

Johnstone é um homem alto e ruivo, que pensa cuidadosamente as palavras e os gestos. Fala com uma grande serenidade. Fala-nos de si e do mar, que durante 312 dias foi o seu único companheiro.

Começámos pela sua proeza: «*Fiz-me ao mar no dia 8 de Junho de 1968. A bordo levava dezenas de quilos de víveres. No entanto, pouca água podia transportar comigo, principalmente pela falta de espaço.*»

Nós sabíamos, no entanto, que tinha havido na sua viagem uma particularidade... importante.

— *Na realidade andei durante 312 dias no mar sem escalar um único porto* — dissemos.

— E o problema da água, como o resolveu?

— *Bem, a água... foi a da chuva. Consegui pôr as velas de maneira a recolhê-la e a poder bebê-la durante a viagem. Como vê, foi simples. E posso garantir-lhe que nunca estive supliciado pela sede.*

Pedimos-lhe que nos falasse do regresso a Inglaterra:

— *Regressei no dia 12 de Abril de 1969* — contou. — *E foi enorme a minha satisfação. Tinha feito o que mais nenhum fizera antes de mim. Bati um «record» importantíssimo de permanência.*

Quisemos saber a que atribuía essa invulgar capacidade de resistência e Johnstone com a mesma serenidade, respondeu-nos:

— *Suponho que isso deve atribuir-se á qualidade do barco. Que eu saiba, os nove navegadores que tentaram bater o «record» e acabaram por parar na Austrália para efeitos de abastecimento, não eram piores do que eu em matéria de resistência física e moral. O meu barco, no entanto, era superior.*

Disse-nos ainda que a superioridade da embarcação se devia em parte ao facto de a sua vida profissional estar ligada aos estaleiros e ao mar de um modo geral

Johnstone, o navegador solitário que fez a volta ao mundo em 312 dias, foi oficial da Marinha britanica durante 12 anos. Segundo cremos, este pormenor terá muito a ver com a sua notável proeza. Antes de percorrer o mundo por mar, já ele o conhecia profundamente através da experiência dos seus 12 anos em navios de guerra

De que recursos dispõe, no entanto, um navegador solitário para enfrentar a solidão durante uma viagem em que se esquecem as pessoas, as caras, as palavras em que se aprende a reflectir e a esperar?

— *Devo dizer-lhe* — respondeu Johnstone — *que temo a solidão. Só a aceitei porque na altura precisava dela urgentemente Tinha em 1968 muito boas razões para ficar só. Que melhor poderia eu encontrar do que o mar para satisfazer esse desejo?*

Dum modo geral, gosto muito de viajar acompanhado. Ando sempre com a família, e penso até realizar outra viagem á volta do mundo com uma tripulação experiente, para conhecer detalhadamente tudo aquilo que não tive tempo para apreciar.

— Mas será possível que um «record» deste calibre se bata pela simples necessidade de estar só.»

— *Sabe, as pessoas quando estão sós precisam de se experimentar desesperadamente. É uma luta de vida ou de morte. Eu não podia encontrar melhor defasio á minha resistência do que este. Assim juntei o útil ao agradável.*

Cerca das 12 horas Robin Knox-Johnstone fez-se ao mar no pequeno «SWhalli» (o do «record») e tenciona parar na Figueira da Foz e ainda no Porto. Não tem pressa. Viaja tranquilamente, como quem sabe o que pode esperar das coisas. Quer, no entanto, conhecer as pessoas e os lugares. Acredita nas potencialidades do Homem e na vida.

Robin Knox Johnstone: 312 dias á volta do mundo ou a história dum sereno desafio a si próprio.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava limpo e o vento era fraco Havia neblina em algumas regiões costeiras do Norte.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 27°,4; mínima: Penhas da Saúde, 5°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 16°; Penhas Douradas, 15°; Coimbra, 17°; Portalegre, 20°; Lisboa, 19°; Faro, 26°; Funchal, 21°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Na atmosfera, 20°; na água do mar, 16°,8.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco a moderado do quadrante norte; formação de neblina ou nevoeiro durante a madrugada em alguns locais costeiros.

Amanhã
Nascer ás 7 e 1
Ocaso ás 20 e 15

Dia 29 Dia 5 Dia 11 Dia 19

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 7 e 48 (3,5 m); 19 e 59 (3,4 m). **Dia 28** — 8 e 26 (3,3 m); 20 e 35 (3,2 m). **Dia 29** — 9 e 19 (3,2 m); 21 e 54 (3,1 m).

BAIXA-MAR: **Hoje** — 1 e 03 (1,3 m); 13 e 27 (1,5 m). **Dia 28** — 1 e 35 (1,5 m); 14 e 02 (1,6 m). **Dia 29** — 2 e 31 (1,7 m); 15 e 12 (1,8 m).

PASSAPORTES com rapidez
WAGONS-LITS // COOK

Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

8.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Av. Miguel Bombarda entre Av. Marquês de Tomar e Av. da República, Av. 5 de Outubro entre Av. Visconde Valmor e Av. João Crisóstomo, Av. Marquês de Tomar entre Av. Visconde Valmor e Av. João Crisóstomo, lado dos números pares. (Das 8 às 12).

9.º Sector — Calçada dos Barbadinhos entre as Ruas de Santa Apolónia e Fernão de Magalhães. (Das 8 às 12).

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras:** Amadora — Bairro da Reboleira. (Das 8 às 14).

2.ª Zona — Valejas. (Das 8 às 14).

3.ª Zona — **Concelho de Cascais:** Cobre e Valcoice. (Das 8 às 14).

4.ª Zona — **Concelho de Sintra:** Casais de Mem Martins — Rua João XXI, Largo do Rocio, Rua S. Miguel e imediações. (Das 8 às 14).

5.ª Zona — Mem Martins, Algueirão (Parte), Quinta de Fanares e imediações. (Das 8 às 14).

6.ª Zona — Banzão e Mucifal. (Das 8 às 14).

7.ª Zona — **Concelho de Vila Franca de Xira:** Povos (Parte Norte), Castanheira, Vala do Carregado (Parte). (Das 8 às 14).

8.ª Zona — **Concelho de Alenquer:** Rua António Maria Jalles, Santa Catarina e imediações. (Das 8 às 14).

DINFER
ALTA QUALIDADE
A
BAIXOS PREÇOS
RUA D. DUARTE
TRAV. NOVA S. DOMINGOS
6 Pisos
(com elevador)
Informamos os nossos prezados Clientes que estamos já apresentando os nossos preços de fim de estação.

CONTA CORRENTE DL
O QUE É A CONTA CORRENTE
Diário de Lisboa

Em debate

A bandeira vermelha do leilão

CALVET DE MAGALHÃES

Para desempenhar o papel de primeiro plano que tem de obter é necessário a escola reconverter-se para se adaptar aos imperativos de hoje e de amanhã, pois para sobreviver tem de tornar-se acolhedora e confiar nos jovens, reformar os seus objectivos e métodos, transformar a sua organização dispondo de um plano de trabalho, deixar de fazer abstracção e finalmente coordenar as actividades.

Sem plano de trabalho nada se obtém de verdadeiramente útil. Na sociologia do trabalho já se anotou que os operários evidenciaram que um dos factores principais de indiferença, de aborrecimento e de fraco rendimento é a existência de uma organização de tal modo parcelar que o indivíduo já não compreende a marcha geral da empresa, sentindo-se atrelado a uma tarefa que considera sem objectivo a não ser o de ganhar o seu salário. O problema põe-se quase nos mesmos termos para o aluno que não tendo a perspectiva dum salário, vislumbra vagamente o seu futuro profissional, verifica que o trabalho em migalhas é também muitas vezes para ele o quinhão que obtém. Eis porque importa que a escola não sòmente organize o seu trabalho anual, fixe os seus fins com precisão, preveja as grandes etapas de progressão, mas ainda torne os seus alu-

nos conscientes desta marcha em frente para uma série de objectivos determinados. Embora os alunos mais pequenos sejam sensíveis à variedade, vejam sòmente o dia a dia, pois as vastas perspectivas ultrapassam-nos, o certo é que têm de estar envolvidos num planeamento educativo.

Uma vez terminada esta tarefa, consagrado tempo a pôr a casa em ordem e actualizada, o ano escolar não devia terminar numa espécie de dispersão, salve-se quem puder, faltando sòmente hastear a bandeira vermelha do leilão.

MESA REDONDA

A crise do dólar

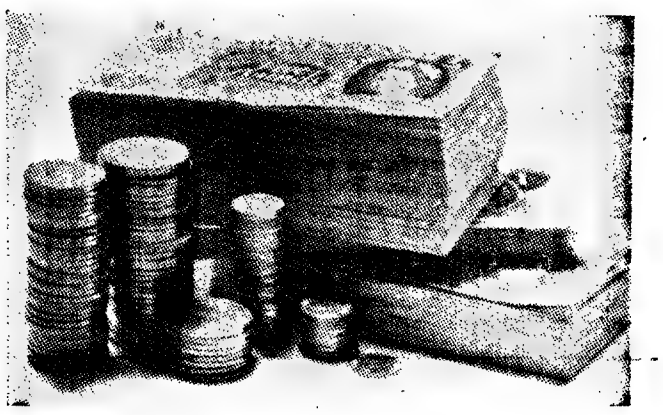
Quem vai salvar a economia americana?

De novo a pergunta: crise do dólar ou crise do sistema? Do sistema, evidentemente. As crises são sucessivas e têm todo o ar de coisa irremediável. A excessiva subserviência das outras economias capitalistas em relação ao empório (todo poderoso) norte-americano tem os seus paradoxos e contradições. Esta crise é um deles: Nixon, decidindo-se pelo «dólar flutuante» isento da paridade (aliás fictícia) com o ouro, tenta a salvação da economia estado-unidense à custa dos seus parceiros mais chegados: aqueles que têm trazido o dólar «nas palminhas», passe a expressão; aqueles que têm suportado taxas de inflação elevadíssimas, por espírito de «solidariedade» ao mais alto nível—inflação irreversível apesar de medidas aleatórias como o congelamento de salários e outras.

Quando, na verdade, há mais de 40 mil milhões de dólares-papel em circulação fora dos Estados Unidos, enquanto o «stock» de ouro oficial da União baixou para menos de 10 mil milhões de dólares. E que possibilidades internas de recuperação existem, quando na América continua a haver mais de quatro milhões de desempregados?

MEDIDAS BRUTAIS

Além disso, e fundamentalmente, a balança de pagamento dos E. U. A. acusa um «deficit» tremendo. A actual crise do sistema monetário, generalizada, é uma consequência. Senhora de argumentos muitos poderosos, a Administração norte-americana resolveu lançar mão de processos mais subtis, uns, nìtidamente brutais, outros. Com vista ao ressurgimento e à posição dominante que de modo algum pretende perder. Desde 1967 que o mal-estar provocado pela instabilidade das moedas se faz sentir. Intensificou-se agora a partir da publicação do relatório atravé do qual uma subcomissão parlamentar americana preconiza uma desvalorização do dólar, ou seja uma baixa da sua taxa de troca em relação às outras moedas, e



talvez em relação ao ouro. Comentário de um conselheiro de Nixon, Sr. Salmon: «um dólar flutuante (leia-se: em baixa, pràticamente desvalorizado) permitiria *uma experiência interessante*».

Medidas possíveis (as mais subtis): desvalorização oficial do dólar em relação ao ouro; embargo sobre o «stock» de ouro dos Estados Unidos (desde Março de 1968, os Estados Unidos só reembolsam em ouro os **dólares** apresentados pelos bancos centrais dos outros países, e, mesmo assim, a conta-gotas). O dólar flutuante já foi proclamado de Março de 1933 a Janeiro de 1934, no tempo de grande crise económica. Como corolário destas medidas baseadas em subtilezas técnicas, o facto brutal é que as autoridades de Washington procuram restabelecer os seus negócios atirando com as suas dificuldades (incluindo uma forte dose de desemprego) sobre os outros países capitalistas. Nem que seja me-

(Cont. na pág. 3)

O grande logro do futebolista profissional

Há vários anos que alguns profissionais portugueses do futebol, mais conscientes das suas prerrogativas de trabalhadores por conta de outrém, procuram a constituição de um sindicato próprio. Agora que esse desejo legítimo está, segundo julgamos saber, em vias de concretização, surge-nos com foros de grande actualidade um trabalho da redacção do «Le Monde» onde se trata, precisamente, da situação do futebolista profissional em França.

As condições não diferem muito, a não ser num ponto de grande importância: é que o sindicato francês já existe, assim como regulamentações colectivas que disciplinam, com um pouco mais de decência, a actividade destes trabalhadores do espectáculo futebolístico. Entre nós, nem a isso se chegou. Entidades tão abstractas como são os chamados clubes desportivos e recreativos — a «verdade estatutária» é esta — agem como patrões impondo arbitràriamente condições de trabalho e regimes disciplinares desumanos que ofendem a própria lei geral do trabalho. A sociedade tem aceitado, passivamente, este estado de coisas, uma vez que o próprio espectáculo apaixonante que o futebol lhes oferece não deixa tempo para preocupações de outro tipo, bem mais importantes para o futuro dela própria. O futebolista, em Portugal como na França, não tem vida privada: alimenta paixões, rivalidades, negócios, imprensa especializada, compensa frustrações individuais e colectivas, é mártir e herói, cobarde ou traidor, cidadão exemplar ou ladrão conforme as circunstâncias em que se desenrola a sua actividade publica, tão contingente como efémera.

As grandes «estrelas» são pagas a peso de oiro, embora longe das receitas concretas que catalizam; os outros, peões de brega ou comparsas da festa, são pagos a peso de miséria, interrompem os estudos, abandonam profissões socialmente mais úteis e rentáveis, perdem perspectivas de futuro, a troco de um prazer «desportivo» rápidamente transformado em máquina infernal, absorvente, aniquiladora.

Como trabalhadores de facto, que da sua actividade recebem proventos, os futebolistas estão sujeitos a todas as imposições fiscais; mas não têm o direito de receber a contrapartida dos direitos reconhecidos aos demais trabalhadores. Por outro lado, independentemente do contrato de trabalho a que são obrigados, ficam ainda sujeitos ao chamado direito de opção que os pode escravizar, de facto perante o patrão — patrão real que muda todos os anos, restando-lhe a vinculação a um patrão tão abstracto como é o clube que serve. Não há tribunais de trabalho: existe um regime disciplinar controlado, em absoluto, pela organização patronal. O jogador não passa de um objecto de compra e venda.

É esta a fria realidade social dos heróis semanais que todos conhecemos e julgamos a viver em berços doirados. Tudo isto precisa de futebol continue a «autodirigir-se». É preciso, levar uma volta, mesmo que a organização do

contudo, que o faça dentro dos limites da lei. É preciso que a outra parte — os artistas do espectáculo — possam fazer ouvir a sua voz.

(Artigo de Gerard Albouy na página central)

ASSIM VAI O MUNDO

DURANTE AS SUAS FÉRIAS

«O que *mexe* durante as suas férias», leitor, na opinião de Jean Daniel: «Bom ano mau ano, eram dois, até agora, a partilhar o Mundo. Da guerra fria à coexistência pacífica, do muro de Berlim à competição espacial, da Cortina de Ferro à «Ostpolitik», americanos e soviéticos observavam-se e tinham atenções recíprocas, espionavam-se e respeitavam-se. De quando em quando, um dos dois Grandes metia na ordem o seu campo (S. Domingos, Hungria, Próximo Oriente, Checoslováquia). Certo dia, um deles supôs poder dominar a Ásia. Os Estados Unidos tinham a Austrália, a Coreia do Sul, a Tailândia, as Filipinas e a Formosa. Quiseram o Vietnam e talvez a China. No dia em que acariciaram este sonho foi o começo do fim da hegemonia dos dois Grandes. Fim consagrado pela recente visita do principal adjunto de Richard Nixon a Pequim. Esta visita foi a entrada no clube das «superpotências» de um Terceiro Estado. E toda a gente sabe que no clube são esperados ainda, primeiro o Japão, e depois uma Europa talvez germanizada, talvez independente: isso depende de nós. Eis o que *mexeu* durante as suas férias, e é considerável. Muito possivelmente, não vos falaremos de outra coisa em 1971 e em 1972».

EXPLICAÇÃO

Jean Daniel escrevia, na segunda semana de Agosto. Posteriormente, o dólar também *mexeu*.

Muita gente não compreende como é que o país mais rico do mundo pode ter dificuldades financeiras. Para eles transcrevemos a seguinte imagem pedagógica de Jacques Mornand: «Se um milionário vive acima das suas possibilidades, endivida-se excessivamente, acaba por perder todo o crédito e por encontrar-se arruinado».

O FRACASSO DA FLUTUAÇÃO

A decisão do Governo de Bona de fazer flutuar o marco falhou, na opinião do mesmo Jacques Mornand.

«Instituindo o marco flutuante, Schiller esperava desencorajar a especulação. Pensava que se os especuladores telmavam em vender dólares e comprar marcos, a grande procura de marcos faria subir a cotação da divisa alemã a um nível cada vez mais elevado, o que acabaria por desencorajar os compradores.

O marco desceria então ao nível «normal».

Ora este cálculo revelou-se falso. A desconfiança para com o dólar persistiu. Continuou-se a vender o dólar e a comprar o marco depois da instituição do marco flutuante, pagando-se este 3,5 % acima do seu antigo valor em relação ao dólar e a operação continua (meados de Agosto), estando o dólar 8 % acima do seu antigo valor. A acalmia monetária que devia suceder á flutuação do marco e do florim e á revalorização do franco suíço e da moeda austríaca não se deu.»

CONTESTAÇÃO

O que é a contestação? Há com certeza mais do que uma definição. Eis a de Charles Maignial: «A contestação retém da revolução, com a ideologia, um certo romantismo (da Comuna a Outubro 1917) juntando-lhe um mais moderno «romantismo da grande recusa», essa atitude intransigente do tudo ou nada. Mas distingue-se da revolução pelo facto de aparecer como uma supressão dos problemas, pela sua negação mais do que pela sua solução. A «tomada da palavra» («em Maio, tomou-se a palavra como em 89 a Bastilha», escrevia então um jesuita eminente) devia ser seguida, por uma espécie de milagre, de uma sociedade de subito liberta, como por encanto, das suas taras e dos seus pecados.»

O interesse deste *conceito* de Charles Maignial é distinguir contestação de revolução.

IDADE MÉDIA

«O «produtivismo», que conduz á explosão industrial do séc. XIX e aos fulminantes progressos tecnológicos do séc. XX (o marxismo e o cristianismo dão-se de resto as mãos para exaltarem o trabalho) não representa, no espaço e no tempo, senão uma etapa de civilização. Na Idade Média (calculou-se) havia nas nossas regiões cento e quinze dias de festa por ano. Se lhe juntarmos os 52 domingos, fica pouco mais de três dias de trabalho por semana (de doze horas, é verdade). E no tempo de La Fontaine as coisas ainda não tinham mudado muito. O poeta põe na boca do seu «sapateiro» que, esse, gostava de trabalhar: «*O mal está em que durante o ano se metem os dias. | Em que não se trabalha: arruinam-nos com festas.*» (Pierre Drouin).

A Idade Média foi considerada «a idade das trevas». Está-se em vias de considerá-la a Idade da Festa?

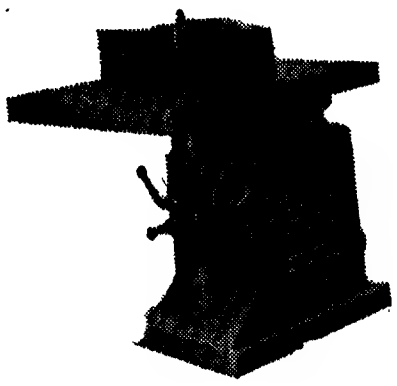
VALOR BURGUÊS

O trabalho é um *valor* burguês, sobretudo se se ponsiderar que o paradigma do burguês se constituiu nos países protestantes.

Oiçamos Jacques de Chalendar, cujas palavras complementam as de Pierre Drouin: «É claro que, por razões de toda a ordem, os nossos bisavós privilegiaram o trabalho. No tempo de madame de Sevigné trabalho queria dizer incómodo, aborrecimento, sofrimento. A partir do séc. XVIII, é que o trabalho é apresentado (pela primeira vez na *Enciclopédia)* como um dever. Na Idade Média consideravam-no uma obrigação estupidificante Essa evolução começou mais cedo do que em França, nos países anglo-saxónicos, por efeito da Reforma.

PARA PUBLICIDADE
DE PLÁSTICO
DE METAL
LETRAS E LETREIROS
DE ESPETAR, COLAR OU ENCAIXAR
DESDE $30
R. Sto. António da Sé, 1
GRAVARTE LISBOA-2

«MIDA»



UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

TUPIA VERTICAL
Modelo TV-3

Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

Quem vai salvar a economia americana?

(Cont. da pág. 1)

diante uma manipulação das taxas de troca ou qualquer outro processo (por exemplo uma taxa sobre as importações entradas nos Estados Unidos e um prémio às exportações americanas) estas medidas obrigarão a que as mercadorias ianques suplantem largamente na Europa, no resto do mundo e, bem entendido, no mercado americano, as mercadorias europeias e japonesas. Tanto mais que existe uma diferença muito acentuada entre as possibilidades das indústrias e agriculturas dos Estados Unidos e dos restantes mercados.

PORQUÊ, TUDO ISTO?

Demos a palavra a um especialista francês na matéria, Jacques Kahn: «Fundamentalmente, os rumores de hoje são sinais nítidos (entre muitos outros, não sòmente económicos, mas também políticos e ideológicos) da crise do capitalismo monopolista de Estado. O financiamento publico dos negócios dos «trusts» e da alta finança, empregado em doses maciças para contribuir para a acumulação dos capitais dos monopólios, e que se lhes tornou indispensável, acaba, tal como a generalização da exploração em presença de forças produtivas mais sociais que nunca, por engendrar abalos — que se repercutem de um campo a outro em vez de o apaziguar — novas situações de crise, ora agudas, ora crescentes; e não só «económicas», no sentido tradicional do termo, os remédios transformaram-se em veneno. Simultâneamente, a proliferação de capitais monopolistas atira para todo o género de especulações enormes somas disponíveis, que investidas na produção não seriam tão rentáveis; daí a amplitude dos movimentos especulativos, alimentados sobretudo pelas firmas «multinacionais» — oficialmente tão bem recebidas em quase todos os países do Ocidente europeu.

Evidentemente que estas

guerras de cúpula, guerras que normalmente terminam em fases de acalmia e bom entendimento preocupam sèriamente as massas de trabalhadores dos grandes (e pequenos) espaços económicos influenciados pela contenda. As mais conscientes dessas massas — sobretudo na Europa do Mercado Comum — proclamam alto e bom som que são elas, no fundo, quem vai pagar as despesas dos Estados Unidos.

INFLUÊNCIAS EM PORTUGAL

No nosso País parece reinar uma evidente incerteza, uma expectativa preocupada. E nem outra coisa poderia existir, numa altura destas. Porque não temos economia influente em qualquer dos grandes mercados porque exportamos pouco porque importamos muito. Dado que as medidas partem dos Estados Unidos, a crise parece vir afectar a economia portuguesa (o mercado americano, incluindo Canadá, absorve 10,5 por cento das nossas exportações — quase tanto como Angola). As complicações, a curto ou médio prazo, podem vir de outro lado, exactamente da Europa. Tudo dependerá do teor das «respostas» europeia e japonesa ao golpe da administração Nixon.

PARIDADES (EM RELAÇÃO AO ESCUDO)

ENTRE FIM DE JULHO E 24 DE AGOSTO (MERCADO LIVRE)

— O dólar desceu mais de 1,5 por cento na compra e cerca de 1 por cento na venda

— O marco subiu cerca de 0,6 por cento

— O franco belga subiu quase 1 por cento

— A libra esterlina subiu entre 0,4 e 0,5 por cento

— O ouro em barra fina subiu mais de 5 por cento

— O dólar, que valia cerca de 0,75 da barra de ouro baixou para 0,70, o que corresponde a cerca de 7 por cento

BALANÇA COMERCIAL PORTUGUESA (JUNHO 1971)

EXPORTAÇÃO

	Percentagem
Reino Unido	23,7
Angola	11,6
E. U. A. (c/ Canadá — 11,7)	10,1
Moçambique	7,2
República Federal da Alemanha	6,5
Grécia	5,5
França	4,2

Acabou a guerra dos solúveis?

Chegou-se a uma plataforma de acordo entre o Brasil — principal produtor de café — e os Estados Unidos, principal consumidor, com vista a pôr fim, nem que seja temporário, á chamada «guerra dos solúveis». Grupos de pressão económicos americanos, ligados á indústria transformadora do café, não aceitavam a forte concorrência da industria brasileira do mesmo sector, em condições de colocar os cafés soluveis no mercado norte-americano a preços altamente competitivos. Por sua vez, o Brasil reagia deste modo á tradicional forma de exploração dos países altamente desenvolvidos para com os subdesenvolvidos: compra da matéria-prima na origem, a preços muito baixos e beneficiando, ainda, de tarifas e protecções especiais.

O longo diferendo, que arrastava consigo uma diversidade de implicações políticas e económicas, vinha afectando, igualmente, os interesses dos restantes 60 produtores mundiais de café.

Eis os tópicos do acordo, divulgados pelo «Boletim do Café», informação periódica da Comissão Interministerial do Café.

«Nos termos do acordo agora firmado entre o Brasil e os E. U. A., enquanto permanecer em vigor o Convénio Internacional do Café e enquanto estiver o mesmo a ser executado pelos dois governos, o Brasil porá, anualmente, á disposição das industrias norte-americanas de soluveis uma quantidade determinada de café verde isenta de impostos. Para o período de doze meses que se iniciou em 15 de Abril, o contingente colocado á disposição da industria norte-americana foi de 560 000 sacos. Ainda nos termos do acordo, na hipótese de as exportações brasileiras de café soluvel aumentarem ou diminuirem de mais de 15 por cento, no primeiro período de doze meses, em relação ao nível do contingente inicial, qualquer dos dois Governos poderá propor a renegociação da quantidade fixada para o contingente inicial. Por outro lado, a partir de 15 de Abril, deixou de ser cobrado o imposto de 13 centavos de dólar por libra peso que onerava as exportações de café soluvel brasileiro para os E. U. A.

Este acordo não representa uma «capitulação» ou «rendição incondicional» do Brasil como proclamaram alguns órgãos da imprensa mundial nem tão-pouco uma «vitória do Brasil» como apregoaram triunfalmente, com o característico sensacionalismo, alguns jornais do país irmão.

Foi, na verdade, uma «paz» negociada a duras penas, na base de uma engenhosa fórmula de conciliação proposta pelo Brasil, que salvaguarda, aparentemente, os legítimos interesses que estavam em jogo de ambos os lados.

Tudo leva a crer, com efeito, que, por detrás da intransigência do Governo americano, estava não só o peso dos grupos económicos ligados á industria do café soluvel, mas também uma poderosa coligação de interesses que se servia da «questão do café soluvel» para, no quadro da O. I. C., ou rompendo com a O. I. C., procurar criar um condicionalismo que lhes permitisse manipular em seu proveito as cotações internacionais e, no seio do Congresso dos Estados Unidos, tentar fazer vingar em toda a linha a corrente proteccionista.

A fórmula finalmente adoptada contém, aliás, um eficaz incentivo, por um lado, ao aumento das importações de café soluvel brasileiro pelos Estados Unidos na medida em que é condição de um eventual acréscimo do contingente inicial de 560 000 sacos, a distribuir pelos industriais norte-americanos, e, por outro lado, á crescente utilização, por parte destes ultimos, de cafés de origem brasileira, em prejuízo dos robustas de origem africana, que, por virtude dos seus preços sensivelmente mais baixos, estavam sendo usados em escala cada vez maior.

Com efeito, o actual acordo vem garantir ao Brasil a colocação, no mercado norte-americano, de um contingente de café que era, até então, preenchido, na sua maior parte, pelos cafés robusta.

Por outro lado, importa não esquecer que foi abolida a taxa de 13 centavos de dólar por libra peso que impendia sobre o café soluvel brasileiro exportado para os E. E. U. U. e este facto poderá possibilitar um aumento sensível das compras norte-americanas do produto soluvel brasileiro, determinando, até, a redução das quantidades produzidas nos E. U. A.

Ora, reduzindo a sua laboração, a industria norte-americana lógicamente reduziria as suas compras de robusta, mas, mesmo que não se verificasse uma diminuição da laboração da industria dos E. E. U. U., é legítimo supor que a industria brasileira venha a alcançar, a curto prazo, uma maior participação percentual no mercado norte-americano dos soluveis, mercado este em crescente expansão, dada a generalizada preferência do publico consumidor por este tipo de preparação da bebida.

Assim, terão os produtores de Robusta de estar atentos á evolução dos acontecimentos, procurando, da melhor maneira, e na defesa dos seus legítimos interesses, atenuar ou minimizar as consequências que, para si, eventualmente, o acordo agora celebrado entre o Brasil e os E. U. A. possa acarretar.

Caído o pano sobre este episódio, de há longa data conhecido como a «guerra dos soluveis», não podemos, no entanto, deixar de nos congratular com a sua solução, tanto mais que vimos, finalmente, cessar o prolongado desrespeito por direitos e interesses alheios e o risco de prejuízos sem medida que este diferendo, *apenas bilateral*, vinha constituindo para os outros 60 países membros da Organização Internacional do Café.»

A C. P. INFORMA:

HORÁRIO DAS PRINCIPAIS LIGAÇÕES LISBOA - ALENTEJO - ALGARVE

(Via Sul)

A partir de 16 de Agosto de 1971

6-30	22-25	P	Lisboa (Terreiro do Paço)	C	6-45	
7-05	23-10	P	Barreiro	C	8-10	
8-15	0-28	P	Vendas Novas	C	6-47	
8-10	0-40	P	Évora	C	7-22	23-11
8-52	1-21	P	Casa Branca	C	5-56	22-35
9-20	1-57	P	Vila Nova de Baronia	C	5-21	22-15
9-42	2-25	P	Cuba	C	4-54	21-46
10-01	2-55	P	Beja	C	4-24	21-19
10-38	3-43	P	C. Verde-Almodôvar	C	3-38	20-40
11-12	4-19	P	Funcheira	C	2-10	19-52
11-55	5-25	C	Sabóia	P	1-00	19-10
12-23	5-56	C	S. Marcos	P	0-30	18-46
12-36	6-14	C	Messines	P	0-11	18-31
12-48	6-27	C	Tunes	P	23-51	18-15
13-10	6-52	C	Alcantarilha	P	23-20	17-49
13-22	7-06	C	Silves	P	23-08	17-36
13-31	7-15	C	Estômbar-Lagoa	P	22-57	17-28
13-38	7-26	C	Portimão	P	22-47	17-20
13-58	7-56	C	Lagos	P	22-15	17-00
12-59	6-45	C	Albufeira	P	23-34	18-03
13-14	7-01	C	Loulé	P	23-07	17-48
13-35	7-32	C	Faro	P	22-40	17-27
13-51	7-49	C	Olhão	P	22-20	17-14
14-10	8-24	C	Tavira	P	21-48	16-55
14-42	8-05	C	V. R. Sto. António	P	21-05	16-25

GROSS Ambassador

A CAIXA REGISTADORA detalhadora DE CARACTERÍSTICAS COMPLETAS

- Capacidade de registo 9.999$90
- Fiada de iniciais
- Recebimentos, Créditos e Pagamentos,
- Somadora independente

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
Soc. de Rep. SIDA - SUECA, LDA.
RUA DE S. NICOLAU, 15-17 TEL. 36 93 31 — LISBOA

A profissão d

GERARD ALBOUY

O primeiro acto do 34.º campeonato francês de futebol profissional foi, este ano, marcado para o dia 11 de Agosto. Será necessário esperar, exactamente, dez meses, esperar pelo dia 11 de Junho de 1972, para se conhecer o desfecho deste espectáculo em trinta e oito episódios, que congrega, todos os anos, nas bancadas, em geral vetustas, e apesar das intempéries, uns milhões de espectadores (3 319 385, durante a época 1970-71).

Na altura dos balanços, falou-se, durante o defeso, de renovação do futebol profissional, em França, e não só por o Saint-Etienne, campeão há quatro anos consecutivos, ter cedido o título ao Olympique de Marselha. O regresso ao primeiro plano do grande clube marselhês e a sua luta, indecisa até à final, com o seu grande adversário não são, todavia, alheios a esta reconquista de popularidade. O estádio-velódromo de Marselha albergou, com efeito, mais de meio milhão de espectadores (502 992), coisa que nunca se tinha visto em França.

A subida para a divisão nacional de equipas representativas de cidades como Paris e Lille, para os lugares de Sedan (uma média de 4821 espectadores, durante a época passada) e de Valenciennes (média: 5528) e os esforços de recrutamento do Nice são de bom augurio para o êxito popular da época 1971-72. Será ainda necessário, no entanto, que o espectáculo oferecido seja digno de interesse para atrair as multidões.

O espectáculo é assegurado por 365 jogadores que decidiram fazer do futebol a sua profissão. Estes contam ainda com o auxílio de 112 estagiários e uns tantos amadores. Com vista a elevar o nível do jogo, os dirigentes dos clubes profissionais recorreram a 60 vedetas estrangeiras, vindas, principalmente, da Jugoslávia.

Assim, vemos, mais ou menos, sempre o mesmo numero de jogadores nos campos franceses. São dez meses em que eles são o assunto de muitas conversas. As qualidades e os defeitos dos futebolistas são dissecados pela Imprensa e pelo publico, que está a par da mais simples constipação dos seus ídolos. Mas quem são eles, na verdade? De que meios provêm? Que qualidades é necessário ter para se triunfar nesta profissão? Quais são os problemas específicos de tão original tarefa?

I — Uma prisão dourada para os atletas

O caso, recente, que opôs Georges Carnus e Bernard Bosquier ao presidente da Associação Desportiva de Saint-Etienne, e, depois, ás instâncias federativas, levou por fim, o publico a interessar-se pelas relações existentes entre os jogadores e os seus clubes.

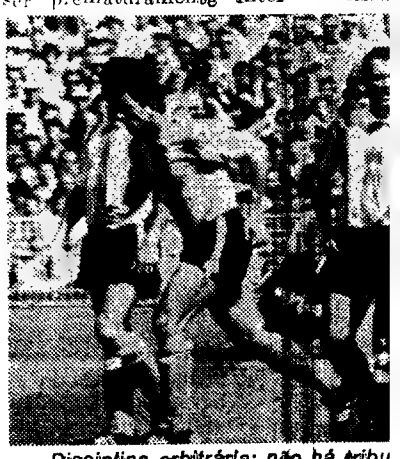
O futebolista profissional tem, é certo, um estatuto que lhe é próprio: «Todo o jogador se torna profissional, ao fazer do futebol a sua profissão. Está ligado ao clube que o ajusta por meio de um contrato.» Resta saber quais são as condições desse contrato e as consequências que o mesmo implica.

No Verão de 1963, Raymond Kopa publicou, num semanário sensacionalista, um artigo que, na altura, fez muito barulho. Nele afirmava, por exemplo: «os futebolistas são uns escravos...» Isto fez sorrir muita gente. Claro, tratava-se de uma escravatura dourada, quanto ás condições de vida. Mas, no fundo, o contrato em vigor, vinculando o atleta ao seu clube até aos 35 anos, era contrário á jurisdição francesa do trabalho. O jovem futebolista, ao assinar a sua primeira «licença» profissional, não só comprometia, irremediávelmente, o futuro para uma quinzena de anos como ficava a depender, por inteiro, dos seus dirigentes, que podiam decidir, em qualquer altura, transferi-lo para um clube, para uma cidade, que o jogador não tinha escolhido.

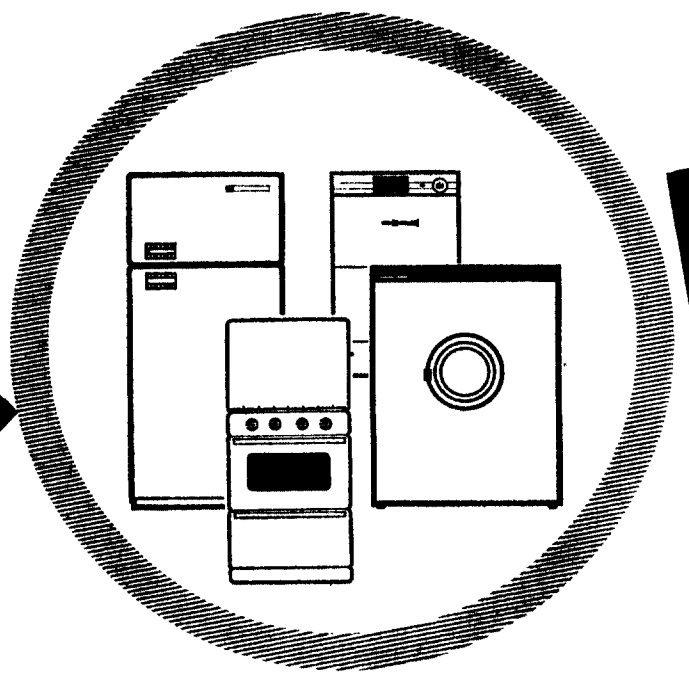
Do esclavagismo...

A própria noção de transferência era desagradável para o jogador cedido por um clube a outro, como um escravo dos tempos antigos. Entretanto, perante a Federação Francesa de Futebol, as direcções dos clubes e os dirigentes profissionais, os jogadores mantiveram-se, durante muito tempo, inorganizados e, portanto, impotentes para modificar o que quer que fosse.

Três homens iriam conseguir congregar a maioria dos jogadores num sindicato. Just Fontaine, cuja brilhante carreira acabava de ser prematuramente inter-



Disciplina arbitrária: não há tribu — moral e materialmente — no tradic



Dardo DÁ

INDESIT

INFORME-SE DESTA CORAJOSA CAMPANHA A QUE SÓ UMA GRANDE ORGANIZAÇÃO COMERCIAL SE PODERIA ABALANÇAR
Dardo TEM ACTUALMENTE 8 LOJAS EM LISBOA
MAIS DE 80 000 CLIENTES, QUE NUNCA DEIXARAM DE VOLTAR,
ATESTAM A EFICIÊNCIA DOS NOSSOS PROCESSOS
TENHA A CERTEZA PESSOAL DE QUE A Dardo DÁ

AV. DA LIBERDADE, 131 * RUA S. BENTO, 55
AV. ALMIRANTE REIS, 124 * PRAÇA DE LONDRES, 7
RUA D. ESTEFÂNIA, 193 * RUA 1.º DE MAIO, 146 A
RUA GONÇALVES CRESPO, 26 * LARGO DAS FONTAINHAS, 29
STANDS NA FEIRA POPULAR DE LISBOA

Dardo

BOAS MARCAS-MENORES PREÇOS-MAIORES FACILIDADES

DARDO DEU

Um Frigorífico de 160 litros
Carolina Maria da Palma
Rua Silva Carvalho n.º 297-1.º Lisboa

Uma Máquina de lavar Louça B 12
Dr. Francisco Fernandes
Rua Zambujal n.º 10 Mem-Martins

FRIGORÍFICOS
MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA
MÁQUINAS DE LAVAR LOUÇA
FOGÕES

... de futebolista em França

Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»

Grandes torneios internacionais: novas «chances» para os melhores, maiores proventos, responsabilidades tremendas

rompida por duas fracturas sucessivas numa perna, associara-se, nessa tarefa, a Eugéne N'jo Léa, um futebolista que viera dos Camarões para seguir os seus estudos em França, assim como a Jacques Bertrand, um perito fiscal.

Convencidos da justiça da sua causa — a afirmação da dignidade do futebolista profissional — criaram a União Nacional dos Futebolistas Profissionais (U. N. P. F.), no dia 16 de Novembro de 1961.

Tratava-se, para eles, de assegurar aos jogadores as condições indispensáveis ao melhor exercício da sua profissão, oferecendo-lhes as necessárias garantias morais e profissionais.

... ao sindicalismo

A sua primeira vitória foi a assinatura de um acordo colectivo, em 1964. Nele se previa a nomeação periódica de uma comissão paritária constituída por jogadores e dirigentes, a organização de desafios de apoio sindical, a promessa de discussão de um contrato por um período limitado e o estabelecimento de um sistema de previdência que permitisse aos jogadores receberem, no fim da carreira, importantes somas que lhes permitissem abraçar outra actividade.

O segundo êxito foi a abolição do contrato a longo prazo, substituído por um outro cuja duração era livremente determinada, o que era inédito no mundo do futebol.

O novo contrato era por um mínimo de três épocas no caso do amador que decidisse profissionalizar-se, depois de ter alinhado pelo clube durante mais de uma época. Era de duas épocas se o atleta ainda só tivesse jogado uma. Para todos os outros futebolistas, a duração do acordo era estabelecida de comum acordo entre o atleta e o clube, com a duração mínima de uma época. Terminado o contrato, o jogador ficava livre. Deixava de existir o sistema «escravagista» das transferências.

O contrato de duração estabelecida por comum acordo deveria entrar em vigor a partir da época 1969-1970. Previu-se, no entanto, um período transitório de uns tantos anos, durante os quais aquelas liberdades só se aplicariam aos jogadores mais novos.

... há tribunal de recurso. As paixões desencadeadas reflectem-se — no profissional de futebol, vítima de uma organização tradicional feita para... amadores

O pretexto Carnus-Bosquier

O recente caso Carnus-Bosquier, que terminaram o seu contrato com o Saint-Etienne e se viram acusados pelo presidente de terem procurado um novo clube antes do fim da época, sem consulta prévia, veio provar que se o novo sistema de contrato tinha entrado em vigor nos textos o certo é que ainda não entrara nos hábitos dos dirigentes. A suspensão daqueles jogadores por dois e três meses, pela Associação dos Clubes Profissionais, reflecte bem tal estado de espírito.

Ainda com maior gravidade surgem-nos os «arranjos» do contrato por tempo determinado, decididos depois daquele caso. Uma comissão, presidida pelo advogado dr. Isbecque, está, com efeito, encarregada de preparar um novo estatuto do jogador profissional.

Dos dezasseis aos vinte anos, o jogador seria aprendiz do clube. A formação do futebolista combinar-se-ia com o prosseguimento dos seus estudos. Dos vinte aos vinte e quatro anos, tornar-se-ia estagiário (1). Só os jogadores excepcionais seriam autorizados a passar ao profissionalismo, durante este período. Dos vinte e quatro aos vinte e nove, poderá tornar-se profissional. O seu primeiro contrato seria por um mínimo de cinco anos, depois dos quais se tornaria, enfim, livre, podendo tirar proveito da sua notoriedade, negociando ele próprio os seus futuros contratos. Todas estas medidas têm por fim vincular o jogador ao seu clube, até aos vinte e nove anos de idade. Constituem um incontestável recuo no domínio das liberdades individuais obtidas pelos jogadores, sem que estes pareçam ter tomado, realmente, consciência disso.

Origens modestas

Este desinteresse explica-se, talvez, pelos aspectos faustosos e o carácter muitas vezes inesperado que pode apresentar esta profissão para jovens que não estão especialmente preparados para isso. Mas, justamente, que tipo de indivíduos escolhe tal ofício? Quais são as suas origens sociais? Que fizeram eles até ao dia em que assinaram o seu primeiro contrato?

Pode responedr-se àquelas perguntas de acordo com um estudo feito a partir do ficheiro da Associação dos Clubes Profissionais, constituído pelas respostas dadas a um questionário enviado a todos os futebolistas que jogam em França.

Não incluindo nenhuma informação directa sobre as origens sociais dos jogadores, aquele questionário, ainda hoje incompleto, não permite fazer-se um estudo estatístico sobre aquele ponto preciso. Pode, todavia, afirmar-se que a maior parte dos futebolistas profissionais franceses é de origem modesta. Isto nada tem de pejorativo e explica o seu êxito naquilo que é considerado por muita gente como um jogo mas representa para eles uma profissão.

O futebol profissional apresenta-se para os mais dotados como um maravilhoso meio de promoção social.

Não escasseiam, neste domínio, os exemplos. Citaremos um apenas, por nos parecer dos mais significativos. Seria interessante comparar a percentagem de filhos de imigrantes polacos entre os internacionais franceses em relação com a população do País. Não tendo os polacos sido, alguma vez, particularmente brilhantes no futebol, não se pode atribuir o seu êxito a qualidades específicas.

O exemplo de Raymond Kopa, filho de um mineiro de origem polaca, condenado a descer á mina a partir dos trese anos de idade, explica-nos isto muito melhor, tanto mais que não é caso único

São mais de trinta a ter envergado a camisola do escol do futebol francês. Representam mais de 5 por cento do conjunto dos nossos profissionais. Ontem, chamavam-se Raymond Kopa, Maryan Wisnieski, Bruno Rodzyk, Léon Glovacki, Thadée Cisowski, etc. Hoje em dia, Georges Lech e Georges Beretta receberam o testemunho dos seus antecessores e asseguram, por sua vez, a presença dos filhos dos imigrantes polacos na equipa da França.

Como confirmação das modestas origens sociais dos futebolistas profissionais, pode dar-se como exemplo o nível dos seus estudos escolares. As duas coisas estão, com efeito, muito ligadas. Damo-nos disso ainda melhor conta graças a um estudo consagrado á preparação do seu futuro pós-desportivo. Mas o facto de perto de 50 por cento dos jogadores que se prestaram a responder ao inquérito não ter feito mais do que a instrução primária mostra bem á evidência, de que meios provieram.

É necessário destruir a lenda que faz do futebolista profissional um homem que ganha a vida, divertindo-se. Claro, é preciso gostar do futebol para lhe consagrar várias horas por dia, mas ao nível do profissionalismo deixa de ser apenas um jogo. Exige enormes sacrifícios e um certo número de qualidades básicas. A definição de Just Fontaine é eloquente: «Uma carreira de futebolista significa uma vida regrada, uma dieta cuidada, sacrifícios, abnegação e coragem».

O êxito, o dinheiro e a glória, conquistam-se por este preço.

---

1) A categoria de jogador estagiário é reservada aos futebolistas que, com vista a abraçar a carreira profissional, estão autorizados a seguir um estágio num clube profissional, a título de experiência, até ao fim da época durante a qual atingirem a idade de vinte e quatro anos. Estes jogadores estão, segundo os estatutos, autorizados a receber mensalmente uma importância que vai até 500$00, a título de indemnização das despesas.

Próximo artigo:
A RECICLAGEM OBRIGATÓRIA

espelho da imprensa

Os lavradores agitam-se em Sever do Vouga

«Reuniram-se no Grémio da Lavoura local, alguns milhares de agricultores para tratar de uma tributação que a J. N. V. tenta impor para salvar as suas dificuldades internas.

O lavrador deu quanto tinha, sempre ajoujado e obediente, mas agora diz que não há mais nada que tirar. Acabou-se e cada um tem de viver dos seus próprios recursos. O vinho do concelho não tem classificação nacional. É um vinho misto que não tem grau nem categoria fidalga, mas é o seu vinho enquanto não aparecer uma casta própria que se adapte a este clima instável e húmido. A população nasceu aqui e habituou-se a viver com o que há. Quer queiram, quer não, tem os direitos legítimos que Deus distribuiu pela Humanidade. Ora J. N. V. pretende agora que esta gente pague um tributo suplementar sobre o vinho que bebeu ou teve a humildade de dar ao manifesto.

É um assunto muito melindroso e discutível. Mas terá de ter uma solução e é isso que se espera de quem nos governa. — C.»

(*«Beira Vouga»*)

Quem aproveitará?

«A insuficiência de capital próprio de algumas pequenas médias empresas e o elevado preço dos empréstimos, bastam frequentemente para eliminar da concorrência comercial — nos países onde ela é muito activa — os concorrentes que financeiramente se apresentam menos apetrechados para uma luta prolongada.

Quando as primeiras vítimas a tombar em consequência da acção negativa da agiotagem são as pequenas e médias empresas — quem aproveitará com o seu desaparecimento do plano da concorrência, senão os concorrentes financeiramente mais poderosos?

Tudo isso, porém, tem ainda muitas outras relações, cuja exposição não cabe num simples artigo de jornal, pelo que assim, e para finalizar por agora, aqui se lembra à maneira de aviso o que já os antigos cambistas judeus respondiam àqueles que aflitos lhe batiam à porta para lhe pedir dinheiro emprestado: «*Meu amigo* — diziam os judeus — *todo aquele que precisa de um empréstimo, deve procurá-lo antes de este verdadeiramente lhe fazer falta, pois que de outro modo, arrisca-se a que isso lhe saia um pouco caro, e, ainda, à incerteza de o poder conseguir...*»

(«*O Mercador*»)

Dezenas de milhar de espectadores: receitas fabulosas

O último homem de Coladillo

A Espanha muda de face. Por causa da guerra, por causa do Turismo, por causa da emigração. Por causa do progresso. A aldeia de Coladillo, em Castela, é um caso típico. As suas características tradicionais, o seu tipicismo, o seu abandono, traçaram-lhe o rumo do aproveitamento turístico internacional.

De tudo isto tratou, para o «Washington Post», o jornalista Miguel Acoca, em crónica que reproduzimos, em exclusivo.

Todas as manhãs, o Tio Benito Herranz, um activo camponês castelhano de 79 anos, acorda com o Sol, enverga grosseiro trajo de belbutina, calça sandálias de sola de borracha e tiras de fibra vegetal, cobre a cabeça com uma boina preta e chama os seus dois porcos para um passeio solitário através das ruas desertas de Coladillo, uma aldeia do século XVII com casas de arenito dourado hoje vazias e telhados castigados pelo tempo, situada na planície da velha Castela.

O Tio Benito e os seus dois porcos — bem como a cegonha que se empoleira, por vezes, sobre o seu enorme ninho feito no topo da igreja da aldeia — são os únicos habitantes permanentes do velho *pueblo*, a cerca de 140 quilómetros a noroeste de Madrid, na província de Segóvia. Para o norte, ergue-se a serra de Gandarrama, cujos cumes se cobrem de neve no Inverno.

«*Todos morreram ou partiram*», disse o Tio Benito no seu espanhol monótono característico da região de Segóvia. «*Eu não partirei. Nasci aqui*». Puxou uma fumaça no cachimbo. «*Ficarei com os meus velhos companheiros, os porcos e a cegonha*». A mulher morreu há vinte anos. Os filhos partiram uma década mais tarde.

Todavia, o Tio Benito e os animais seus amigos receberão em breve a visita de fim-de-semana de algumas pessoas que se deslocarão de Madrid. Um americano, um uruguaio, dois espanhóis e uma princesa romena descobriram a cintilante beleza de Coladillo no sopé da serra, tendo adquirido algumas casas e a velha igreja.

O Tio Benito observa-os chegando e partindo, mas admite nada ter em comum com eles. Conversa com eles quando lhe vêm dizer que precisam água corrente, vende-lhes ovos e dá-lhes mesmo conselhos. Mas considera-os intrusos convencidos de que ele é um excêntrico por estar agarrado à terra.

O Tio Benito é um caso entre muitos velhos camponeses espanhóis que se recusam a abandonar os seus lares ancestrais. Viram os filhos e as filhas, os netos e as netas abandonarem a terra e o cultivo desta para procurarem empregos nas grandes cidades espanholas, bem como na França, Alemanha, Suíça e América do Sul.

«*Não os censuro*», declarou o Tio Bento. «*Mas não quero trabalhar para um francês. Não quero um patrão*».

Os seus dois filhos partiram. Lamenta a sua ausência, pois acreditara que ele e os filhos podiam ter beneficiado do aumento do preço dos carneiros, ovelhas, leite e porcos.

«*Queriam mandar em mim*», disse. «*Pensaram que eu não conhecia o mundo moderno. Sei ler, escrever e somar. Mas acharam que sabiam mais. Partiram e agora conduzem um camião de distribuição de leite. Isso é vida!*»

O Tio Benito e os homens de Coladillo — tal como os seus antepassados antes deles — ganhavam a sua subsistência pastoreando os carneiros e ovelhas dos ricos senhores. No Inverno, conduziam enormes rebanhos destes animais para pastagens no Sul de Espanha afastadas cerca de 900 quilómetros. As mulheres e filhos, que permaneciam em casa, cuidavam das vacas leiteiras e das galinhas, vendendo o leite e os ovos nos mercados da região.

A guerra civil de 1936-39 alterou o estilo de vida na aldeia, assim como a sua economia. A linha de frente da batalha por Madrid passava precisamente ao norte de Coladillo, na serra. A aldeia era, inicialmente, favorável à República, mas, quando pareceu que as forças do Generalíssimo Francisco Franco iam ser os vencedores, os camponeses passaram-se para o lado de Franco. O Tio Benito lutou na guerra civil.

«*Nada sei de guerra ou política*», disse.

Mas está bem informado acerca de vacas leiteiras, carneiros, ovelhas, galinhas e porcos. Os preços, disse, subiram depois da guerra, e já não precisou mais de trabalhar para um patrão e levar os rebanhos de carneiros e ovelhas para o Sul. Alquiriu os seus próprios animais e tornou-se dono e senhor dos seus rebanhos.

Outros habitantes da aldeia, contudo, não seguiram o exemplo do Tio Benito. Pretendiam empregos na cidade e poder mandar os filhos para a escola. Começaram a emigrar, até que o Tio Benito ficou só. O seu último amigo foi viver com um filho há dois anos.

O Tio Benito, todavia, não vive enclausurado. Todos os dias anda cerca de doze quilómetros até Pedraza, uma pitoresca cidade medieval, a fim de trazer a sua refeição diária — restos e pão duro fornecidos pelo cozinheiro do hotel de turismo. Não gosta de cozinhar para ele próprio e prefere os restos a fazer o que considera «trabalho de mulher».

O tema de conversação favorito do Tio Benito é o sacerdote que efectuou a venda da igreja à princesa romena por 1400 dólares. O sacerdote morreu o ano passado, mas o Tio Benito não sente relutância em dizer mal do morto.

«*O padre atraiçoou-nos mais de uma vez*», declarou ele. «*Levou as imagens dos santos da igreja e a velha cruz. Quando lhe disse que não estava certo que ele levasse o que tinha pertencido aos nossos antepassados, disse-me que não tinha importância porque eles pertenciam à igreja. Nunca me foi possível encontrar outras pessoas da aldeia que pensassem como eu e protestassem*».

O Tio Benito puxou mais uma fumaça ao seu cachimbo. «*Mas a pior coisa que fez foi convencer o bispo a vender a igreja. Pertence a Coladillo e a mais ninguém*».

O Tio Benito está agora a ver o que a princesa romena fará da igreja e da gente da cidade de Coladillo. Mas tenciona ficar até que «*a morte me leve tal como ao padre*».

MIGUEL ACOCA

Promoção de importações oriundas de países em desenvolvimento

Para os países em desenvolvimento, a exportação de seus produtos é de grande importancia, aprentando, porém, vários problemas como as tarifas proteccionistas de algumas nações, os preços e qualidade dos produtos oferecidos, conhecimentos insuficientes dos exportadores relativamente aos mercados dos países desenvolvidos, e inversamente a ignorância dos importadores sobre os produtos a serem adquiridos nos países em desenvolvimento.

O reconhecimento dessas dificuldades motivou a criação do Centro Comercial Internacional, em Genebra, pela UNCTAD em conjunto com o GATT.

Entretanto, as actividades deste centro internacional dirigem-se principalmente para a solução teórica e informação didáctica referentes ao problema. O ministro holandês de assuntos relativos á Assistência Técnica a Países em Desenvolvimento decidiu criar, como complementação áquele órgão, o Centro de Promoção para Importações Oriundas de Países em Desenvolvimento em Roterdão, visando actuar sobretudo no campo prático, abrangendo território restrito, ou seja: a Europa Ocidental.

O Centro fornecerá todas as informações possíveis acerca das possibilidades de venda existentes na Europa Ocidental, para os produtos provenientes dos países em desenvolvimento, podendo inclusive servir de intermediário entre os que oferecem e os que demandam aqueles produtos. Prestará ainda outros serviços que venham ou possam vir a contribuir para o incremento das importações dos países em desenvolvimento. O Centro manterá relações com o Centro Comercial Internacional da UNCTAD-GATT, em Genebra.

Comboio menos ruidoso que um automóvel

Acaba de ser lançado no mercado sueco um novo tipo de comboio cujo nível de ruído é aproximadamente metade do nível com que operam os mais modernos comboios suecos actualmente em serviço. O novo comboio é um produto da Saab-Scania e recebeu a designação de Scania CR 111 M, construção monobloco e motor de 202 CV, colocado transversalmente á retaguarda.

A redução do ruído a um nível que é igual ou abaixo da maioria dos carros particulares, conseguiu-se, em primeiro lugar, através do isolamento especial de toda a caixa do motor e da melhor colocação do sistema de arrefecimento.

As paredes interiores da caixa do motor foram revestidas de material isolante, recoberto por uma camada de lã de vidro ajustada no lugar por uma folha de alumínio perfurada. O piso inferior da caixa também recebe o mesmo tratamento, de modo que, figurativamente, o motor fica colocado no meio de uma sala cujas paredes absorvem a maior parte dos ruídos por ele produzidos.

O isolamento do motor exige um sistema de arrefecimento mais perfeito. O Scania CR 111 M, possui arrefecimento a água e dois radiadores cujas ventoinhas podem trabalhar a uma velocidade de rotação menor — e mais silenciosa — do que se fosse utilizado apenas um radiador. Além disso — segundo a Saab-Scania — com a utilização de dois radiadores foi possível reduzir um dos ruídos componentes usualmente muito difícil de combater.

CALENDÁRIO
AUTOMÁTICO
100% impermeável

Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa

Mudança de data ultra-rapida

Resistente
Incabloc

CAUNY
A mais alta precisão suiça

A C. P. INFORMA:

HORÁRIO DOS BARCOS
LISBOA (TERREIRO DO PAÇO) - BARREIRO e vice-versa
Desde 16 de Agosto de 1971

	Partidas de Lisboa t. Paço às:							Partidas de Barreiro às:						
0-00	6-45 (a)	8-35	11-20	13-10 (b)	16-45	18-35	20-35	0-20	6-55	8-35	11-35	13-10 (b)	16-55	18-40 (c)	20-55
0-30	7-05	8-55 (a)	11-50 (a)	13-10 (b)	17-05 (c)	18-50 (a)	20-35	1-10	7-15	9-05	12-10	13-50	17-10 (c)	18-50	21-25
1-00	7-20	9-00 (a)	12-10	13-50	17-20 (c)	19-05 (d)	21-15	5-30	7-30 (b)	9-35 (c)	12-20 (d)	13-10 (b)	17-25	19-00 (c)	22-00
1-30 (a)	7-35	9-20	12-30	13-10 (b)	17-35	19-20	21-50	5-50	7-50 (c)	10-05	12-30 (c)	14-30	17-40	19-15	22-30 (c)
2-00	7-55	9-50	12-50	13-30	17-50 (c)	19-30 (c)	22-25	6-05 (a)	7-50	10-35 (a)	12-50	15-00	17-55 (c)	19-35 (a)	22-55
6-10	8-10 (a)	10-20	13-05 (b)	15-15	18-05	19-40	22-55	6-25	8-00 (a)	11-05	13-00 (b)	15-50	18-10 (a)	19-45 (a)	23-10
6-30	8-30 (a)	10-50 (a)	13-10	16-00	18-20	20-00	23-35	6-40	8-15	11-25	13-10	16-40 (c)	18-25	20-15	23-30

(a) Não se efectua aos domingos e feriados oficiais àqueles equiparados.
(b) Só se efectua aos sábados.
(c) Não se efectua aos sábados, domingos e feriados oficiais a estes equiparados.
(d) Não se efectua aos sábados.

TEMPO DE PERCURSO EM QUALQUER DOS SENTIDOS: 30 MINUTOS

lemos para si

As implicações sociais da genética

Os bons livros de divulgação são inestimáveis. Há sempre o receio de que os livros deste tipo simplifiquem demasiadamente as coisas, sejam simplistas, deixando no leitor a ideia de que ficou no conhecimento, ou pelo menos no não-desconhecimento do problema, quando não ficou.

Uma das garantias dos livros de divulgação é o nome do seu autor. Um especialista na matéria não cai em simplismos, e quando simplifica não deixa de prevenir-nos.

Vem isto a propósito de *A Hereditariedade*, de Ashley Montagu, que a Bertrand acaba de publicar. Montagu não é um geneticista, é um antropólogo. Mas esta sua obra foi lida antes da publicação por reputados biólogos, entre os quais Dobzhanski, e a competentes professores de biologia temos ouvido as melhores referências ao livro Não há dúvida pois quanto à correcção dos conceitos patentes em *A Hereditariedade*, mas o livro tem, para além disso, um interesse particular: sublinha a influência do meio no desenvolvimento das potencialidades genéticas e na estrutura íntima dessas possibilidades, o que a maior parte das obras sobre genética silencia.

Nesta nota — que visa dar a ideia do livro em recensão — vamos centrar os nossos comentários no capítulo VI: *A influência do meio sobre o ser humano em gestação*, VII: *A influência do meio pós-natal*, e XVII: *Nós e a hereditariedade*, temas de interesse geral e portanto de acordo com este suplemento.

Montagu mostra, com exemplos ilustrativos, que o embrião principalmente, mas também o feto, são extremamente sensíveis às variações de qualquer natureza ocorridas tanto no meio materno como no chamado meio exterior. O regime alimentar da mãe tem grande influência no desenvolvimento do feto. Certas experiências levam a crer que o regime alimentar da mãe no princípio do crescimento do feto constitui um facto decisivo de determinadas anomalias físicas, de origem vitamínica ou proteica, bem como de perturbações secundárias de origem tóxica. O facto tem a sua importância social, visto mostrar que os seres oriundos dos meios desfavorecidos começam a estar handicapados pela sociedade já no ventre da mãe.

Ashley Montagu não deixa nunca de ter presente as implicações sociais da problemática da hereditariedade. Não negando que entre os genes e a inteligência existe uma estreita relação, acrescenta no entanto que os genes fornecem as possibilidades, mas não os estímulos vindos do meio que os fazem desabrochar. «Só por si, o génio não se poderia manifestar na ausência dos estímulos externos adequados: Paul Gauguin só começou a pintar já em idade madura, e ao que parece, nunca teria pegado num pincel se não tivesse vivido num meio artístico» (...) «Não foram os genes que determinaram o génio pictórico de Gauguin, mas sim a combinação de dois factores: o seu património genético inato e a interacção deste com um meio favorável» (pg. 127).

Outro dos temas tratados por Montagu é o das relações entre a hereditariedade e a criminalidade. O autor afirma a existência de *predisposições* hereditárias mas refuta qualquer determinismo genético. Cremos que o seguinte passo da pg. 156 resume bem a posição de A. Montagu neste ponto: «Nos indivíduos cuja bagagem genética se liga a um mesmo tipo geral existem certamente diferenças que, *em condições exteriores de certa natureza*, podem predispor, alguns mais que outros, a cometerem certos actos que a sociedade considera como criminosos; mas estas condições não actuam à maneira do gatilho de uma arma de fogo, fazendo explodir ou libertando tendências inatas para o crime.»

A. Montagu, que faz uma crítica de Lombroso com bastante humor, não refere o «quadragésimo último cromossoma», em forma de *y*, que teria sido verificado nas células de alguns transtornados, e de que há uns dois anos jornais e revistas fizeram eco. É provável que este facto do 47.º cromossoma, se *facto científico* há, seja posterior à redacção de *A Hereditariedade*, e daí Montagu se lhe não referir.

Cremos ter mostrado o significado social deste livro sobre genética, mas para que o leitor possa fazer uma ideia um pouco mais precisa, aproveitaremos a Pequena Antologia para reproduzir a saborosa crítica de Montagu aos testes.

Note-se: ele não os considera totalmente sem significado. Sublinha sim que só se podem tirar conclusões se o meio dos indivíduos interrogados é idêntico.

Pequena antologia

«Sabe-se há muito que os índios americanos alcançam uma pontuação baixa nos testes de inteligência. Disse-se algumas vezes que isso talvez fosse devido ao facto de os submetermos a provas completamente estranhas ao seu modo de pensar e formação cultural e que, por consequência, não deveríamos esperar que reagissem tão bem aos testes como aqueles para quem eles foram especialmente concebidos. Tal é a opinião de alguns peritos, mas outros há que preferem simplesmente acreditar que os índios não são tão inteligentes como os brancos. Examinemos agora o assunto mais de perto.

Nos testes respeitantes ao Q. I., o índio americano obtém, em média, oitenta pontos, número que se refere aos índios que vivem nas reservas, onde os usos e costumes dos brancos não são pràticamente assimilados. Ora há alguns anos foram descobertas jazidas de petróleo num território pertencente aos índios Osages, em Oklahoma, o que permitiu à tribo melhorar considerávelmente o seu estatuto económico e aproximar-se do nível de vida dos brancos. Depois disto Rohrer verificou que os jovens Osages, numa prova que consiste em desenhar um homem de Goodenough, obtinham cento e quatro pontos e alunos brancos só chegavam a cento e os Osages chegaram a três Num teste verbal cem e os brancos a noventa e oito. A diferença entre os dois grupos era, pois, insignificante, donde se pode inferir que, quando as possibilidades do meio são aproximadamente iguais os índios comportam-se, pelo menos, tão bem como os brancos.

Alguns jovens índios colocados em estabelecimentos escolares para crianças brancas apresentam um Q. I. médio de cento e dois enquanto os seus irmãos e irmãs que tinham permanecido na reserva só atingiam oitenta e sete e meio; a diferença entre estes dois grupos é, sem dúvida alguma, devido à melhoria do meio de que o primeiro disfrutava.

Geralmente, acredita-se que o teste Q. I. dá uma medida da inteligência inata, o que é um erro. Ele indica, sobretudo, a reacção do indivíduo a um estímulo, reacção que está condicionada pela experiência por aquele adquirida. Se bem que as suas potencialidades genéticas possam, em certa medida, intervir, a soma de experiência de que dispõe é muitas vezes de tal natureza que é difícil obter quaisquer dados sobre as suas potencialidades. No nosso próprio meio cultural, algumas crianças podem ficar impossibilitadas de responder às experiências que a vida lhes apresenta, a ponto de lhes ser muito difícil tirar partido das suas próprias possibilidades. Nos cruzamentos de culturas, isto é, na passagem de um meio para o outro, os modos de pensar e de percepção do mundo diferem tão profundamente que é impossível aplicar a um os testes concebidos para o outro. De facto, se os Papuas da Nova Guiné nos submetessem aos seus testes de inteligência (partindo do princípio de que eles têm algo de equivalente a isso), creio que obteríamos pontuações miseráveis».

(pgs. 133, 134)

A C. P. INFORMA:

HORARIO DAS PRINCIPAIS LIGAÇÕES

ALTO ALENTEJO-BAIXO ALENTEJO

A partir de 16 de Agosto de 1971

	7-10	13-05		18-35	22-00	P	Vila Viçosa	C			12-23	17-53	23-47	
	7-20	13-12		18-41	22-06	P	Borba	C			12-17	17-47	23-39	
	7-41	13-25		18-55	22-22	P	Estremoz	C			11-59	17-29	23-17	
	7-10	13-35		19-05	22-45	P	Reguen.Monsar	C			11-39	17-09	23-35	
8-10	9-13	14-45		20-21	0-40	P	Évora	C	7-22	7-22	10-30	16-00	21-40	23-11
8-38	9-45	15-15		20-51	1-08	C	Casa Branca	P	6-50	6-50	10-00	15-30	21-10	22-45
8-52	9-49	15-19	20-00	20-55	1-21	P		C	5-56	6-41	9-48	15-18	20-53	22-35
9-19	10-17	15-47	20-24	21-23	1-56	C	V.N.Baronia	P	5-21	6-17	9-19	14-49	20-24	22-07
9-40	10-40	16-10	20-45	21-46	2-23	C	Cuba	P	4-54	5-56	8-55	14-25	20-00	21-46
9-59	11-00	16-30	21-03	22-06	2-48	C	Beja	P	4-31	5-40	8-35	14-05	19-40	21-26
	11-51	17-21	22-06	23-09		C	Serpa-Brinch.	P			7-36	13-18	18-53	
	12-08	17-38	22-23	23-34		C	Pias	P			7-19	13-03	18-38	
	12-29	17-59	22-44	0-03		C	Moura	P			6-45	12-40	18-15	
10-37					3-39	C	C.V.Almodôvar	P	5-42					20-41
11-07					4-17	C	Funcheira	P	5-00					20-10

Todas estas circulações se efectuam diàriamente.

TRANVIAS

LAGOS-VILA REAL ST.º ANTÓNIO

A partir de 16 de Agosto de 1971

Lagos	P			7-30	8-00		8-35	9-20		10-30		11-50	13-20	14-40		16-00	18-10	20-05		22-15	
Portimão	P			7-37	8-17		9-07	9-51		10-47		12-16	13-40	15-09		16-27	18-27	20-30		22-47	
Estômbar	P			8-04	8-25		9-17	10-00		10-56		12-26	13-48	15-18		16-36	18-35	20-40		22-57	
Silves	P			8-16	8-32		9-30	10-10		11-05		12-35	13-57	15-27		16-45	18-43	20-50		23-08	
Alcantarilha	P			8-27	8-42		9-41	10-22		11-16		12-46	14-09	15-38		16-56	18-53	21-01		23-20	
Tunes	C	6-27		8-40	8-51		9-55	10-36		11-29		12-59	14-18	15-52		17-20	19-02	21-13		23-34	
	P	6-55	7-00		8-52		9-57	10-38				13-05	14-21	15-55			19-04		21-15		
Albufeira	P	6-45	7-08		8-59		10-06	10-46				13-19	14-33	16-02			19-11		21-22		
Loulé	P	7-07	7-32		9-13		10-31	11-11				13-33	14-47	16-26			19-25		21-43		
Faro	C	7-32	8-03		9-31		11-00	11-40				14-00	15-05	16-53			19-43		22-10		
	P	7-42	8-20		9-53	10-15	11-41		12-20		13-00	14-03	15-10	16-55	16-[illegible]		19-45		22-11		[illegible]
Olhão	C								12-34												
	P	7-57	8-39		9-43	10-34	11-54				13-17	14-13	15-20	17-15	18-30		19-55		22-23		1-[illegible]
Fuseta-A	P	(a) 8-07	8-52		9-51	10-48	12-04				15-31	14-21	15-28	17-29	18-44		20-03		22-35		1-[illegible]
Tavira	P	8-24	9-13		10-04	11-10	12-24					14-41	15-42	17-49	19-05		20-14		22-56		1-[illegible]
V.R.St°.Ant°.	C	9-06	10-03		10-30	11-59	13-02					15-24	16-06	18-38	19-50		20-41		23-41		2-[illegible]

Só se efectua aos Sábados

(a) - Paragem na estação de Fuseta

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
GRANTLEYHALL *	Princípios de Setembro	Luanda, Lobito, Moçâmedes, Lourenço Marques, Beira, Nacala e Porto Amélia (se necessário).
MOÇAMBIQUE *	10 de Setembro	Carrega em Lisboa até 7 de Setembro. Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo, Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia (se necessário).
PRINCIPE PERFEITO	11 de Setembro	Carrega em Lisboa até 8 de Setembro. Funchal, Luanda, Lobito, Durban, Lourenço Marques e Beira.
PORTO AMÉLIA *	20 de Setembro	Luanda, Lobito e Moçâmedes.
CARGA AÉREA	Diàriamente	Para todo o Mundo.
AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO	Serviço especializado	Para todo o Mundo.

* Com escala prévia por Leixões.

LISBOA - R. DO COMÉRCIO, 85; TEL. 323021; Reserva de Passagens: 34764 369172
AGÊNCIA NO PORTO: NORTEMAR - R. INFANTE D. HENRIQUE 63; TEL. 22438

Desenganos e promessas do comércio helénico

A associação com o Mercado Comum não correspondeu às esperanças

MARC MARCEAU

Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»

ATENAS — Em 1 de Novembro de 1962, o acordo de associação da Grécia com a Comunidade Económica Europeia, assinado em Atenas em 9 de Julho de 1961, entrava em vigor. Tratava-se para este país em pleno desenvolvimento da possibilidade de ver abrirem-se as portas de um mercado de cerca de duzentos milhões de habitantes e de beneficiar de um potencial comercial, científico e técnico dos mais úteis para a sua expansão. Com a perspectiva de uma corrente de trocas ilimitada para a produção grega, esta associação vinha trazer, igualmente, uma soma de conhecimentos e de experiência muito apreciável.

Aproximadamente dez anos mais tarde, os dirigentes gregos, medindo os prós e os contras, fazem o balanço desta associação.

Conscientes do atraso do seu país em relação aos parceiros europeus, os dirigentes têm em consideração, por um lado, o balanço do último plano de desenvolvimento e, por outro, a evolução, em todos os sectores, dos países membros da Comunidade. Um primeiro exame revela que, embora apresentando numerosos aspectos positivos, esta associação não correspondeu totalmente ao que os gregos dela esperavam.

Na impossibilidade de poder dispor das estatísticas para 1970, devemos examinar, de maneira sucinta, os números relativos a 1969.

Nesse ano, os países do Mercado Comum absorveram 39 por cento (cerca de 202,6 milhões de dólares) das exportações gregas, em comparação com 20 por cento (cerca de 84 milhões de dólares) em 1962. Durante este período, as importações gregas provenientes da C. E. E. passaram de 40 por cento (284 milhões de dólares) para 43 por cento aproximadamente (612 milhões de dólares do total das importações. Mas, em valor absoluto, o «deficit» comercial com a C. E. E. duplicava (200 milhões de dólares em 1962, 407 milhões de dólares em 1969), assim como o «deficit» da balança de pagamentos com os Seis (157,9 milhões de dólares em 1962, 330,5 milhões de dólares em 1969). Desse então, este «deficit» continua a aumentar a um ritmo que causa preocupações.

O aumento das importações resulta, essencialmente, do abaixamento das barreiras alfandegárias previsto pelo acordo de associação. Em compensação, o aumento previsto das exportações gregas para a C. E. E. não se concretizou. Além de diversos obstáculos e oposições mais ou menos declarados, a Grécia vê-se obrigada a progredir por etapas, a fim de atingir um nível que lhe permita enfrentar melhor os seus concorrentes europeus.

RESULTADOS TANGÍVEIS

A produção agrícola grega, que utilizava, na sua maioria, métodos antiquados e satisfazia as necessidades dos mercados internos regionais, teve de adoptar os métodos das culturas industriais intensivas: cereais, frutos, entre os quais laranjas, tangerinas e limões, viticultura, oleicultura, etc. Foi necessário utilizar processos técnicos totalmente novos, recorrer à racionalização, a uma adaptação da mão-de-obra agrícola e á criação de uma infra-estrutura de comercialização dos seus produtos praticamente inexistente: foram então criadas cooperativas de abastecimento, de transformação, de embalagem e de acondicionamento. Tornou-se, igualmente, indispensável adoptar um material de transporte a longa distância a fim de poder entregar, no mercado europeu, as mercadorias susceptíveis de se deteriorarem. É evidente que esta evolução só pôde processar-se por escalões. Hoje em dia, a Grécia atingiu, neste sector, um nível que lhe permite competir.

Também a indústria grega, que dependia de métodos antiquados e de empresas familiares que cobriam mais ou menos as necessidades do mercado interno, se viu obrigada, de um dia para o outro, a tomar consciência da sua natureza, da sua situação e dos seus problemas. Industriais e homens de negócios, convencidos do interesse que apresentava a associação com a C. E. E., participaram deste impulso de que o seu país necessitava para enfrentar os seus parceiros. A falta de experiência, um empirismo crónico, uma concepção parasitária do intermediário, provocaram a eclosão de um elevado número de indústrias de todo o género cujas dimensões mal estudadas, suscitaram sérios problemas de rentabilidade. Perante esta situação, o Estado adopta uma política de regulamentação dos investimentos, do financiamento e dos créditos e multiplica os incentivos a fim de promover a criação em regime de prioridade, das indústrias indispensáveis à economia nacional e das indústrias de transformação susceptíveis de abordarem o mercado europeu.

Os resultados desta política são tangíveis. De futuro, a indústria grega encontra-se em melhores condições para poder enfrentar os seus concorrentes europeus no mercado da C. E. E. e no sector internacional. Todavia, ela fatigou-se um pouco nesta longa prova, e alguns dos seus responsáveis, em vez de se entregarem às autocríticas necessárias e a novos esforços mais disciplinados, foram tentados a apelar para os velhos métodos de proteccionismo. Deste modo, algumas campanhas recentes, sem grande sucesso dado o temperamento e a psicologia dos gregos, têm incitado os consumidores a preferirem os produtos nacionais aos produtos estrangeiros.

Por outro lado, têm-se verificado reticências, no aspecto político e deológico, no seio da C. E. E. O novo regime grego é atacado por razões políticas. Assim, o protocolo financeiro n.º 19, que previa empréstimos para projectos de investimentos que contribuíssem para o crescimento da produtividade helénica, só foi parcialmente respeitado a seguir ao golpe de Estado de 21 de Abril de 1967: com efeito, a Grécia apenas recebeu 69,1 milhões de dólares dos 125 milhões que o Banco Europeu de Investimentos devia entregar-lhe.

Quanto aos Estados Unidos, tinham reduzido o auxílio económico à sua expressão mais simples. Posteriormente, perante o risco de ver a Grécia orientar-se em direcção a novos horizontes, a atitude americana teve de tornar-se mais flexível e o capital privado americano deixou, pouco a pouco, de se afastar. Todavia, se as sociedades americanas trazem capitais para a Grécia, é muito mais no intuito de utilizar este país como uma plataforma de penetração da C. E. E. e dos países afro-asiáticos do que, verdadeiramente, de participar no desenvolvimento económico grego.

Por outro lado, os países do Mercado Comum continuam a atrair uma parte importante da mão-de-obra grega, o que enfraquece o potencial produtivo de que a Grécia tem uma necessidade urgente. Em 1969, aproximadamente 100 000 gregos deixaram a pátria para irem trabalhar nos países da C. E. E., dos quais cerca de 60 000 na Alemanha Federal. Parece que a C. E. E. poderia ter estudado com mais cuidado os problemas da industrialização na Grécia: não há dúvida de que teriam existido numerosas possibilidades de localização desta mão-de-obra no país se a cooperação tivesse sido mais estreita.

Teria sido preciso que os países da C. E. E. vissem, na Grécia, não um simples mercado de 9 milhões de consumidores de poder de compra limitado, mas sim um país novo, dispondo de recursos naturais importantes mal utilizados ou inexplorados até agora: energia, minas, etc. A Grécia pode, igualmente, tornar-se um ponto de ligação que facilite a penetração na zona periférica do Mediterrâneo, da África e da Ásia. Do mesmo modo, tendo em consideração o valor acrescentado á produção e as actuais condições em que a Grécia se encontra, no que diz respeito à possibilidade de competir, os Europeus, ao trazerem os seus conhecimentos, poderiam ter ajudado este país a fixar-se nos mercados do terceiro mundo. Este desconhecimento da realidade grega acaba por ser prejudicial à C. E. E. porque os americanos, esses, compreenderam-na muito bem.

Pela sua parte, os gregos desejariam, entre outras coisas, que o seu pedido de adesão ao Banco Europeu de Investimento, recentemente apresentado, fosse examinado com mais reaminados pontos particulares do acordo de associação, o último dos quais, por ordem de datas, se refere à política dos vinhos.

Assim, quase dez anos após a assinatura do acordo de associação, os gregos verificam que a corrente das suas trocas com os países da C. E. E. não segue o ritmo previsto. O objectivo fixado pelo acordo prevê o equilíbrio dos pagamentos externos. Ainda não foi atingido. Poderia sê-lo, se os membros da C. E. E. coordenassem melhor, com a Grécia, a sua política económica, tecnológica, financeira e monetária. Assegurada esta cooperação total, os gregos estão persuadidos de que podem cumprir, em 1984, os seus compromissos para com a C. E. E.

Em virtude da sua situalismo. Gostariam, igual-

A BALANÇA COMERCIAL É PRONUNCIADAMENTE DEFICITÁRIA

(Média mensal em milhões de dólares)

	Exportações	*Importações*	*Balança*
TOTAL GERAL	46	133	— 87
* *Países capitalistas* entre os quais:	31,3	104	— 72,7
— Estados Unidos	4,5	12,7	— 8,2
— Bélgica-Lux.	1,6	4,4	— 2,8
— França	3,1	9,1	— 6
— Alemanha Fed.	9,2	25,6	— 16,4
— Itália	4,5	11,9	— 7,4
— Países Baixos	2,5	4,7	— 2.2
Total Mercado Comum...	(20,9)	(55,7)	(— 34,8)
— Grã-Bretanha	2,1	11,9	— 9,8
* *Países socialistas* ..... entre os quais:	7,5	8,1	— 0,6
— U. R. S. S.	2,5	2,5	0
* *Países em vias de desenvolvimento* ..... entre os quais:	6,9	19,1	— 12,2
— Jugoslávia	3,2	2,4	+ 0,8
— Africa	1,5	4,9	— 3,4
— Próximo Oriente ...	2	6,1	— 4,1
	0,3	1,8	— 1,5

(Fonte: estatísticas da O. C. D. E., números de 1969)

comerciais com outros países.

DESENVOLVEM-SE AS TROCAS COM OS PAÍSES AFRO-ASIÁTICOS E COM O LESTE

ATENAS — Mais de cem delegados, representando a maioria dos países africanos assim como alguns países do Próximo-Oriente e da Ásia, tomaram parte no terceiro encontro internacional de desenvolvimento regional que se realizou em Salónica.

No decurso deste encontro, os problemas estudados relacionaram-se com a valorização dos planos de desenvolvimento económico dos países participantes.

Este encontro de Salónica ilustra a política de abertura da Grécia em direcção aos países afro-asiáticos e, mais particularmente, aos da África. Em Atenas, esta política é justificada por considerações de carácter comercial, pelo desejo de reforçar os laços de cooperação já existentes e pela vontade de ver a Grécia desempenhar um papel de plataforma entre o Ocidente e o terceiro mundo. Esta política foi ilustrada pelas recentes viagens do general S. Pattakos, vice-presidente do conselho, ao Egipto, Etiópia e Líbia e, posteriormente, à República Centro-Africana e República Democrática do Congo. Os encontros que se realizaram no decurso destas visitas reforçaram a convicção dos dirigentes gregos de que o seu Governo podia acentuar a sua política africana.

Uma evolução semelhante caracteriza as relações entre a Grécia e os países de Leste.

Os novos acordos comerciais que Atenas assinou com os países de Leste prevêem todos aumentos notáveis das trocas comerciais. Em 1970, as vendas aos países socialistas representaram 16,5 por cento das exportações gregas em comparação com 16,3 por cento em 1969 e 15,6 por cento em 1968.

No próximo mês de Setembro, pela primeira vez depois da Segunda Guerra Mundial, a Albânia participará na Feira Internacional de Salónica. Encontrando-se ainda, juridicamente, em estado de guerra, a Grécia e a Albânia não mantêm relações diplomáticas mas esta situação insólita já as não impede de normalizar, por etapas, relações até agora praticamente inexistentes. Quanto à Grécia, a presença albanesa na Feira Internacional de Salónica apenas servirá para ilustrar uma política que consiste em desenvolver as suas trocas comerciais com todos os países que nisso se mostrem interessados, independentemente de toda e qualquer consideração ideológica ou histórica.

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — 27 DE AGOSTO DE 1971 — N.º 111